

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL
MESTRADO PROFISSIONAL

Vanessa Baccin

**O PRÉ-SEMINÁRIO SÃO JOSÉ DE FAXINAL DO SOTURNO (RS):
HISTÓRIA, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO DA QUARTA COLÔNIA**

Santa Maria, RS, Brasil
2022

Vanessa Baccin

**O PRÉ-SEMINÁRIO SÃO JOSÉ DE FAXINAL DO SOTURNO (RS): HISTÓRIA,
MEMÓRIA E PATRIMÔNIO DA QUARTA COLÔNIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Mestrado Profissional, do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Patrimônio Cultural**.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Medianeira Padoin

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Caroline Ciliane Ceretta

Santa Maria, RS, Brasil
2022

BACCIN, VANESSA
O PRÉ-SEMINÁRIO SÃO JOSÉ DE FAXINAL DO SOTURNO (RS):
HISTÓRIA, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO DA QUARTA COLÔNIA / VANESSA
BACCIN.- 2022.
136 p.; 30 cm

Orientadora: Maria Medianeira Padoin
Coorientadora: Caroline Ciliane Ceretta
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, RS, 2022

1. Pré-Seminário São José 2. Patrimônio Cultural 3.
Memória 4. Faxinal do Soturno I. Padoin, Maria Medianeira
II. Ceretta, Caroline Ciliane III. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, VANESSA BACCIN, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Vanessa Baccin

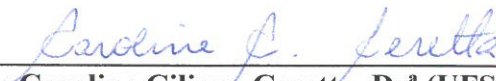
**O PRÉ-SEMINÁRIO SÃO JOSÉ DE FAXINAL DO SOTURNO(RS): HISTÓRIA,
MEMÓRIA E PATRIMÔNIO DA QUARTA COLÔNIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Mestrado Profissional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Patrimônio Cultural**.

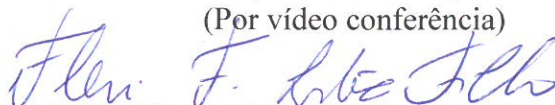
Aprovada em 30 de março de 2022.



Maria Medianeira Padoin, Dr^a (UFSM)
(Presidente/Orientadora)
(Por vídeo conferência)



Caroline Ciliane Ceretta, Dr^a (UFSM)
(Coorientadora)
(Por vídeo conferência)



Flavi Ferreira Lisboa Filho, Dr (UFSM)
(Por vídeo conferência)



Luciana Souza de Brito, Dr^a (FURG)
(Por vídeo conferência)

Santa Maria, RS, Brasil
2022

AGRADECIMENTOS

Muitos foram os que contribuíram para a conclusão deste estudo, por isso gostaria de fazer os seguintes agradecimentos:

À Deus por ter iluminado o meu caminho, por ter me dado forças e coragem durante esta caminhada, certamente não teria chegado até aqui sem a imensa fé que tenho nele.

À Universidade Federal de Santa Maria e ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural pela oportunidade em realizar esse Mestrado Profissional.

À minha orientadora Maria Medianeira Padoin e a coorientadora Caroline Ceretta, por muitas vezes, deixaram de lado seus momentos de descanso para me ajudar e me instruir. E, principalmente, obrigada por sempre terem acreditado e depositado confiança em mim.

Aos professores Flavi Lisboa Filho e Luciana Brito por participarem desde o exame de qualificação e auxiliarem com contribuições para a conclusão deste trabalho.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, os quais foram muito importantes na minha formação.

Às arquivistas Cleuse Galina colaboradora do Arquivo Histórico Província Nossa Senhora Conquistadora de Santa Maria, a Claudina Sarzi Sartori responsável pelo Arquivo da Prefeitura Municipal de Faxinal do Soturno e a futura arquivista Tatiana Martins pela disponibilidade do material solicitado ao Museu Fotográfico Ir. Ademar da Rocha.

A todos os entrevistados que contribuíram para que a história do Pré-Seminário São José de Faxinal do Soturno fosse resgatada.

Ao meu companheiro de vida, Luiz Carlos Prevedello, pelo seu imensurável amor e carinho. Por me compreender, por me ouvir e apoiar em todos os momentos, principalmente, incentivar-me quando eu falava que não conseguiria.

Às minhas queridas irmãs Camila, Milene e Bruna, em especial, por estarem comigo nesta empreitada, apoiando-me e incentivando-me a todo o momento. Aos meus pais Ildo e Marilene e a sobrinha Luiza pela compreensão nos momentos de ausência.

Aos amigos e colegas de aula e de trabalho que viveram essa história comigo. Agradeço pelo incentivo constante, por estarem ao meu lado nas dificuldades e dúvidas.

Enfim, muito obrigada a todos vocês por sempre regarem de incentivos, de força e alegria os meus dias. Serei sempre muito grata a todos vocês.

“A cultura de um povo é o seu maior patrimônio. Preservá-la é resgatar a história, perpetuar valores, é permitir que as novas gerações não vivam sob as trevas do anonimato”.

Nildo Lage

RESUMO

O PRÉ-SEMINÁRIO SÃO JOSÉ DE FAXINAL DO SOTURNO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO DA QUARTA COLÔNIA

AUTOR: Vanessa Baccin

ORIENTADOR: Dr^a Maria Medianeira Padoin

COORIENTADOR: Dr^a Caroline Ciliane Ceretta

A história do Pré-Seminário São José está imbricada com a história de Faxinal do Soturno, uma vez que a construção deste complexo educacional significou muito para a consolidação da educação na cidade. Resultado de uma união de esforços, a obra foi iniciada em 1947 sendo concluída em 1949, depois de intenso trabalho, quando ainda Faxinal pertencia ao município de Cachoeira do Sul. Neste mesmo ano já começou a receber alunos, mas a inauguração oficial ocorreu em 1950. Hoje, compreende-se que o prédio onde funcionava o Pré-Seminário e a sua história são patrimônios do povo faxinalense e da região, portanto, precisam ser valorizados e preservados. Assim, este estudo teve por objetivo propor a criação de um “espaço de memória” no interior do complexo que ora foi do Pré-Seminário Palotino e hoje abriga a Câmara de Vereadores, algumas secretarias municipais, o Museu Fotográfico Irmão Ademar da Rocha, o núcleo da UAB (Universidade Aberta do Brasil), entre outros, com o fim de que ele tenha um caráter educativo e de apoio turístico. O complexo que compõe o Pré-Seminário testemunha a importância da atuação da Igreja Católica e da religiosidade no processo de construção e consolidação da quarta região de imigração italiana no centro do RS. A metodologia empregada na pesquisa foi de cunho qualitativo em que se utilizou principalmente de fontes bibliográficas, documentais e orais. A coleta de dados se deu a partir de pesquisa e visitas ao acervo da Prefeitura Municipal de Faxinal do Soturno e ao Arquivo Histórico Província Nossa Senhora Conquistadora (Santa Maria), dos Palotinos. Também foram realizadas entrevistas com ex-alunos da antiga instituição e com pessoas da comunidade local. A partir da reunião destes dados, os mesmos foram descritos e analisados, culminando em textos que compõem o último capítulo deste estudo, bem como, foram fundamentais para a proposta do produto, que é a criação de um espaço (sala) de memórias, que abrigará a história do Pré-Seminário São José. Portanto, a presente dissertação e a sua proposta de produto são resultados do Mestrado Profissional e vinculados a Linha de Pesquisa História e Patrimônio Cultural, oportunizados em virtude do Projeto Geoparque Quarta Colônia. Diante disso, o produto idealiza um espaço onde a população local possa mostrar a importância do Pré-Seminário aos visitantes e às futuras gerações, apresentando, por meio da linha do tempo, toda a trajetória desta instituição como um patrimônio faxinalense e regional, inserido em uma política de educação patrimonial e de atrativo turístico cultural.

Palavras-chave: Pré-Seminário São José; Patrimônio Cultural; Memória; Faxinal do Soturno; Geoparque Quarta Colônia.

ABSTRACT

O PRÉ-SEMINÁRIO SÃO JOSÉ DE FAXINAL DO SOTURNO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO DA QUARTA COLÔNIA

AUTOR: Vanessa Baccin
ORIENTADOR: Dr^a Maria Medianeira Padoin
COORIENTADOR: Dr^a Caroline Ciliane Ceretta

The history of the São José Pre-Seminar is intertwined with the history of Faxinal do Soturno, since the construction of this educational complex meant a lot for the consolidation of education in the city. The result of a joint effort, the work began in 1947 and was completed in 1949, after intense work, when Faxinal still belonged to the municipality of Cachoeira do Sul. In the same year, it began to receive students, but the official opening took place in 1950. It's understood today that the building where the Pre-Seminar used to work, and its history are patrimonies of the people of Faxinal and the region, therefore, they need to be valued and preserved. Thus, this study aimed to propose the creation of a “memory space” inside the complex that was once the Pre-Seminary Palotino and now houses the City Council, some municipal secretariats, the Irmão Ademar da Rocha Photographic Museum, the nucleus of the UAB (Open University of Brazil), among others, intending to have an educational and tourist support character. The complex that makes up the Pre-Seminar testifies to the importance of the role of the Catholic Church and religiosity in the process of construction and consolidation of the Fourth Region of Italian Immigration in the center of RS. The methodology used in the research was qualitative in that it used mainly bibliographic, documentary, and oral sources. Based on research and visits to the collections of the Municipality of Faxinal do Soturno and the Historical Archives of the Nossa Senhora Conquistadora Province (Santa Maria) dos Palotinos for the data collection. Also, conducted interviews with former students of the former institution, as well as members of the local community. From the gathering of these data, they were described and analyzed, culminating in texts that make up the last chapter of this study, as well as being fundamental for the proposal of the product, which is the creation of space (room) of memories that will house the history of the São José Pre-Seminar. Therefore, the present dissertation and the product proposal are the results of the professional master's degree and linked to the History and Cultural Heritage research line, created under the Quarta Colônia Geopark Project. From this, the product idealizes a space where the local population can show the importance of the Pre-Seminar, through the timeline, the entire trajectory of this institution as a faxinalense and regional inserted in a faxinalense a heritage and attractive education policy cultural tourist.

Key-words: São José Pre-Seminar. Cultural heritage. Memory. Faxinal do Soturno. Quarta Colônia Geopark

LISTA DE SIGLAS

ACIS – Associação Comercial, Industrial e de Serviços de Faxinal do Soturno

CIRETRAM – Circunscrição Regional de Trânsito

CONDESUS – Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia

COOPSIL – Cooperativa Agrícola Mista Santo Isidoro Ltda

CORSAN – Companhia Riograndense de Saneamento.

EMATER - Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural

FAFRA – Faculdade Franciscana

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MIEM – Museu Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

PROI – Projeto Identidade

PRODESUS – Projeto de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia

SAC – Sociedade do Apostolado Católico

UAB – Universidade Aberta do Brasil

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem aérea para compreensão do complexo	16
Figura 2 - Localização do município de Faxinal do Soturno.....	20
Figura 3 - Mapa ilustrativo de Faxinal do Soturno e suas comunidades	21
Figura 4 - Prédio principal do Pré-Seminário São José em Faxinal do Soturno.....	22
Figura 5 - Parte do Pré-Seminário onde funciona o Museu Fotográfico Ir. Ademar da Rocha.	23
Figura 6 - Santuário Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt.....	24
Figura 7 - Mapa da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul - 1822	46
Figura 8 - Mapa do território do estado ocupado pela Quarta Colônia e os municípios que a compõem.....	47
Figura 9 - Ilustração das colônias italianas no Rio Grande do Sul, em evidência a Colônia Silveira Martins.....	48
Figura 10 - Núcleos da ex-colônia Silveira Martins, 1883	49
Figura 11 - Ilustração das distâncias entre os municípios que compõem a Quarta Colônia....	56
Figura 12 - Vista parcial da comunidade de Novo Treviso.	57
Figura 13 - João Batista Zago	59
Figura 14 - Casa Pigatto, em 2017.....	60
Figura 15 - Trecho do Impresso distribuído pela Comissão de Emancipação, 1958.....	63
Figura 16 - Ermida São Pio de Pietrelcina.....	66
Figura 17 - Museu Histórico Geringonça de Novo Treviso	67
Figura 18 - Santuário Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt.....	68
Figura 19 - Seminário Rainha dos Apóstolos de Vale Vêneto	77
Figura 20 - Noviciado Vicente Palotti em São João do Polêsine/RS	78
Figura 21 - Inauguração do Pré-Seminário São José em Faxinal do Soturno no ano de 1949	78
Figura 22 - Prédio da Escola Maria Goretti em [195-]	79
Figura 23 - Prédio do Pensionato Nossa Senhora Conquistadora em [195-].....	80
Figura 24 - Padre Fioravante Trevisan.....	82
Figura 25 - Página do livro com registros das doações para a construção do prédio	84
Figura 26 - Quadro existente na entrada do Pré-seminário em homenagem aos benfeitores..	85
Figura 27 - Quadro em homenagem aos legionários do Pré-seminário São José.	85
Figura 28 - Local destinado para a construção do Pré-Seminário São José, com demarcação iniciada em 1948	86
Figura 29 - Comunidade que ajudou na construção do Pré-Seminário São José.....	87
Figura 30 - Construção do Pré-Seminário São José em Faxinal do Soturno em 1948	88
Figura 31 - Pessoas se deslocando da Igreja Matriz para Pré-Seminário São José em 1949 ..	88
Figura 32 - Inauguração do Pré-Seminário São José no dia 14 de agosto de 1949	89
Figura 33 - Prédio do Pré-Seminário São José finalizado, em 195_	90
Figura 34 - Prédio Pré-Seminário São José em Faxinal do Soturno e seu entorno	91

Figura 35 - Padres e comunidade no dia dos homens durante o 3º Congresso em 1950.....	92
Figura 36 - Dia das senhoras, durante o 3º Congresso em 1950.....	93
Figura 37 - Comunidade feminina no dia das moças durante o 3º Congresso em 1950.....	93
Figura 38 - Momento de maior público no encerramento do Congresso em 1950.....	94
Figura 39 - Seminaristas de Faxinal do Soturno em 1952.....	95
Figura 40 - Professores e alguns alunos enfileirados de acordo com a turma em 1953.....	96
Figura 41 - Alunos durante aula no Pré-Seminário São José em Faxinal do Soturno em 195_	97
Figura 42 - Ampliação do Pré-Seminário São José em Faxinal do Soturno em 1958.....	98
Figura 43 - Ampliação do Pré-Seminário São José em Faxinal do Soturno em 1958.....	98
Figura 44 - Pré-Seminário São José depois da ampliação em 1959.....	99
Figura 45 - Alunos do Pré-Seminário São José durante lanche em 1960.....	100
Figura 46 - Alunos durante a missa no Pré-Seminário São José em 1962.....	101
Figura 47 - Alunos do Pré-Seminário São José durante a refeição em 1960.....	102
Figura 48 - Alunos jogando futebol no campo do Pré-Seminário São José em 1962.....	102
Figura 49 - Aluno durante horário de trabalho no Pré-seminário São José em 1964.....	104
Figura 50 - Alunos do Pré-Seminário São José durante passeio em 1960.....	104
Figura 51 - Responsáveis pelo Pré-Seminário São José e alguns alunos, em 1958.....	105
Figura 52 - Seminaristas e seus professores, em 1959.....	106
Figura 53 - Alunos do Pré-Seminário São José organizando seus pertences em 1960.....	107
Figura 54 - Alunos do Pré-Seminário São José durante a higiene pessoal em 1961.....	107
Figura 55 - Boletim Semestral de um dos alunos do Pré-Seminário São José.....	108
Figura 56 - Tabela de pagamentos do ano de 1962, no Pré-Seminário São José.....	108
Figura 57 - Valores para as matrículas no ano de 1962, no Pré-Seminário São José.....	109
Figura 58 - Parte do prédio onde funcionava o Centro Cultural, 1993.....	111
Figura 59 - Parte frontal do Pré-seminário em 2021.....	112
Figura 60 – Ir. Ademar da Rocha no estúdio do Pré-seminário São José, em 1960.....	113
Figura 61 - Proposta externa da Sala de Memórias Pré-Seminário São José.....	117
Figura 62 - Proposta interna da Sala de Memórias Pré-Seminário São José.....	118
Figura 63 - Visão do painel esquerdo da Sala de Memórias Pré-Seminário São José.....	118
Figura 64 - Vista parcial com maquete na Sala de Memórias Pré-Seminário São José.....	119
Figura 65 - Vista do painel direito da Sala de Memórias Pré-Seminário São José.....	120
Figura 66 - Visão superior da Sala de Memórias Pré-Seminário São José.....	120
Figura 67 - Simulação de público na Sala de Memórias Pré-Seminário São José.....	121
Figura 68 - Vista diagonal da Sala de Memórias Pré-Seminário São José.....	121
Figura 69 - Vista superior completa da Sala de Memórias Pré-Seminário São José.....	122
Figura 70 - Representação do público na Sala de Memórias Pré-Seminário São José.....	123
Figura 71 - Vista de outro ângulo da Sala de Memórias Pré-Seminário São José.....	123

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. METODOLOGIA	19
2.1 LOCAL DE ESTUDO	19
2.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	24
3. PATRIMÔNIO CULTURAL	28
3.1 LOCAL DE MEMÓRIA	33
3.2 TURISMO, EDUCAÇÃO E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO	36
4. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA IMIGRAÇÃO ITALIANA	42
4.1 A QUARTA COLÔNIA DO RIO GRANDE DO SUL	49
4.2 FORMAÇÃO HISTÓRICA DE FAXINAL DO SOTURNO	57
5. OS PALOTINOS E A HISTÓRIA DO PRÉ-SEMINÁRIO SÃO JOSÉ	70
5.1 OS PALOTINOS E SUA ATUAÇÃO	70
5.2 PADRES PALOTINOS – INSTITUIÇÃO E HISTÓRIA	72
5.2.1 A história do Pré-Seminário São José	81
6. ESPAÇO DE MEMÓRIA DO PRÉ-SEMINÁRIO – O PRODUTO	116
7. CONCLUSÃO	125
REFERÊNCIAS	129

1. INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, os inúmeros afazeres cotidianos e o uso cada vez maior dos artefatos tecnológicos e de comunicação, nos ocupam de tal modo que nem percebemos a rapidez com que os dias e anos passam. Isto ocasiona o esquecimento de acontecimentos e fatos que ocorreram num passado muito próximo, o que influencia na construção/preservação de uma identidade local e regional. Assim, faz-se necessário registrar fatos e momentos de nossa vida para que possamos revisitá-los futuramente e contar nossas histórias para outras gerações, dando sentido ao que somos tanto enquanto indivíduos como em grupo/sociedade, pois somos sujeitos da história.

Neste contexto, o reconhecimento de nossos patrimônios pode ser um importante instrumento para a preservação da memória e de fonte de reflexão histórica, que ao ser explorado permite compreender sua relevância e sentido, bem como, conhecer o passado e despertar o interesse em salvaguardar e preservar.

As memórias são marcas de identificação humana, símbolo ou sinal de sua cultura, sua história, desde conflitos às iniciativas comuns, pois a identidade cultural define o que cada grupo é, e o que nos diferencia uns dos outros (RODRIGUES; MACHADO, 2010).

As cidades também possuem suas memórias, suas histórias, que constituem seu patrimônio cultural, de grande relevância na identidade da sociedade que ali se formou e prosperou, este patrimônio abrange uma grande diversidade de bens históricos, culturais e ambientais, tanto materiais quanto imateriais.

Considerando isso, o presente trabalho é o resultado da pesquisa realizada no Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Área de Concentração em História e Patrimônio Cultural, na Linha de Pesquisa História e Patrimônio Cultural com o tema: O Pré-Seminário São José de Faxinal do Soturno (RS): história, memória e patrimônio da Quarta Colônia.

Situamos o cenário deste estudo, numa pequena cidade inserida na Região Central do Estado do Rio Grande do Sul, na microrregião denominada Quarta Colônia, na cidade de Faxinal do Soturno, emancipada em 1959.

Partindo da perspectiva de manter o patrimônio cultural e a identidade deste local que por muitos anos contribuiu e segue contribuindo com a comunidade faxinalense, que representa um marco histórico na sociedade é que se tem como premissa nesta dissertação: recuperar, valorizar e divulgar a história do Pré-Seminário São José, por meio da criação de um espaço

de memória. Com isso, além de propiciar a criação de um espaço de memória que vem dar significado ao conjunto arquitetônico que compunha o Pré-Seminário, se agrega e incentiva a perspectiva educativa e turística.

Assim, o produto proposto visa contribuir para a preservação da memória do Pré-Seminário São José. A partir da destinação de um espaço dentro do próprio prédio, que possa reunir informações, fotos, dados, objetos que contam essa história e que consiga ser utilizado para visitação e recepção ao público em geral, ao público escolar, além de transformar este espaço em um atrativo cultural turístico do município e da região.

Visando a importância da preservação da cultura e da identidade de um povo, representados pelo seu patrimônio histórico-cultural, por meio da reconstrução da história do Pré-Seminário São José, em Faxinal do Soturno (RS), este estudo teve como objetivo geral propor a criação de um espaço que possa servir como uma “sala de memórias” em que se registra, valoriza e divulga a história do Pré-Seminário São José enquanto um bem patrimonial tanto do município de Faxinal do Soturno, como da Quarta Colônia.

Partindo do pressuposto que preservar a memória e a identidade de um povo ou de um local são maneiras de garantir que os patrimônios históricos, artísticos e culturais estejam disponíveis para as futuras gerações, é que surge esta proposta.

E tendo ainda, como ponto de partida, a vivência diária dentro do prédio do Pré-Seminário São José, onde trabalho, observando os inúmeros visitantes que procuram este espaço para lembrar de uma parte da sua história, que se entrelaça também como uma parte da história deste município de Faxinal do Soturno e da região da Quarta Colônia, surgiu então a intenção de realizar este estudo.

A edificação conhecida pela comunidade como Antigo Seminário configura-se como um marco da religiosidade e da fé, característica dos imigrantes italianos, sendo esta instituição um importante agente fomentador da conduta religiosa e cultural dos alunos que por ali passaram.

A implantação do Pré-Seminário São José em Faxinal do Soturno no ano de 1949 pelos Padres Palotinos trouxe inúmeras contribuições para o desenvolvimento da localidade, bem como, para a formação pessoal e profissional dos alunos. Na época, década de 50, esta instituição recebeu alunos das mais variadas cidades, inclusive de outros estados e isso

favoreceu o desenvolvimento econômico e social do município que viria a se emancipar em 1959.

Após o encerramento das atividades desta instituição, em torno do ano de 1970, os Palotinos venderam para a Prefeitura Municipal de Faxinal do Soturno o prédio do Pré-Seminário São José, ela procura conservar sua estrutura física original, a fim de preservar a identidade e a memória do local. Assim, uma preocupação é a necessidade de registrar a história deste local e fazer dele um espaço em que as lembranças permitam reviver o passado e valorizá-lo enquanto um patrimônio que educa.

Atualmente, neste lugar funcionam diversas secretarias municipais, a Biblioteca Pública Municipal Machado de Assis, o Museu Fotográfico Irmão Ademar da Rocha, a sede da Sociedade Italiana de Faxinal do Soturno, a sede do Coral Santa Cecília, o Polo da Universidade Aberta do Brasil (UAB), a Câmara Municipal de Vereadores, entre outros serviços públicos. Este espaço é considerado um patrimônio faxinalense e, inclusive, foi denominado como Centro Cultural, embora, habitualmente seja chamado de Antigo Seminário. Na Figura 1, observamos a imagem aérea do complexo descrito acima.

Figura 1 - Imagem aérea para compreensão do complexo



Fonte: Google Earth (2022).¹

O Museu Fotográfico Irmão Ademar da Rocha no Antigo Seminário é um importante atrativo turístico do município e recebe inúmeros visitantes, muitos deles interessados em saber da história do prédio, o que havia no local antigamente e como tudo funcionava. O que evidencia o valor sócio-histórico do espaço edificado, imponente e repleto de história, cultura e religiosidade.

Junto ao prédio do antigo Pré-Seminário, encontra-se o Bosque Municipal que abriga o Santuário da Mãe Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt, sendo este um ponto turístico muito visitado no município. Considerando que estes dois locais têm suas histórias entrelaçadas e que juntos formam um polo de visitação, percebe-se a importância de preservar a memória e a história destes patrimônios históricos e culturais de Faxinal do Soturno

¹Imagem retirada da plataforma Google Earth. Disponível em https://earth.google.com/web/search/pre+seminario+s%3a%30+jose+faxinal+do+soturno+rs/@-29.57569922,-53.44320387,75.89361119a,373.47913103d,35y,0h,0t,0r/data=Cm8aRRI_CiUweDk1MDNhYjE5OWE2ZDY4MGQ6MHhiMzM4YzQyYTZhN2U1ZTE1KhZTYW50dcOhcmlvIE3Do2UgUmFpbmhhGAlgASImCiQJHSeHZmFEM0ARHSeHZmFEM8AZSmifAzz2KUAhFl4gDKPPVcA. Acesso em: 01 jan. 2022.

que representam também um testemunho da religiosidade e da educação na região da Quarta Colônia.

Além disso, frequentemente ex-alunos do Pré-Seminário visitam o prédio para recordarem as histórias vividas e com saudosismo contam como foi a experiência de estudar ali, como era a rotina, as brincadeiras, o convívio com colegas e professores. Alguns relatam onde eram as salas de aula, o refeitório, o dormitório, o campo de futebol, o pomar, o jardim e esses relatos demonstram o potencial deste espaço enquanto um patrimônio, sendo assim um importante testemunho/fonte da história. Estes visitantes, normalmente, mencionam o desejo de que este espaço seja preservado e mantido para visitação, pois foi um marco na vida de muitas pessoas.

Com isso, vislumbrou-se a necessidade de envolver a comunidade neste processo de preservação sobre o patrimônio, onde tais ações possam contribuir no despertar e valorizar o interesse da população em proteger sua história e a sua identidade.

Assim, tal espaço foi intitulado “*Sala de Memórias do Pré-Seminário São José*” e será utilizado para recepção dos visitantes/turistas, comunidade e alunos das escolas em geral, onde encontrarão um local que remontará um pouco dessa história. Nele se disponibilizará cópias de documentos da época, registros, fotografias, objetos que foram utilizados, relatos dos ex-alunos, dos padres Palotinos e vídeos explicativos. Ainda, colabora na perspectiva de uma política de educação patrimonial que visa à preservação da história e do patrimônio local e, também, traz elementos que contribuem para o desenvolvimento regional sustentável, especialmente proporcionado pelo turismo e pelo aspirante Geoparque Quarta Colônia².

Portanto, concluindo as etapas da introdução desta dissertação, elencando os elementos que constituíram as escolhas e, portanto, os caminhos percorridos nesta pesquisa. Faz-se importante explicitarmos logo no segundo capítulo sobre a metodologia desenvolvida no estudo que se utilizou de levantamento bibliográfico e documental, em entrevistas com pessoas da comunidade local/regional e ex-alunos do Pré-Seminário.

²O Geoparque Quarta Colônia Aspirante UNESCO é formado por nove municípios da região central do Rio Grande do Sul (Brasil): Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Sêca, São João do Polêsine e Silveira Martins. Este é uma iniciativa do Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia (Condesus) e da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Disponível em <https://www.geoparquequartacolonia.com.br/quem-somos/o-geoparque-aspirante-quarta-colonia>. Acesso em: 18 fev. 2022.

Como terceiro capítulo, justificou-se necessário que fossem explorados os estudos sobre patrimônio cultural, o que é, como se constitui perante a sociedade e, ainda, as políticas públicas que atravessam e salvaguardam esses legados. A formação da memória de um povo, através do turismo, educação e preservação destes espaços.

No quarto capítulo, discorre-se sobre a contextualização histórica da imigração italiana, considerando, principalmente, os processos que originaram a formação da Quarta Colônia no Rio Grande do Sul, da mesma forma que salienta a origem histórica de Faxinal do Soturno, elementos importantes para a constituição deste estudo.

No capítulo seguinte, aponta-se a história dos padres palotinos e da criação do Pré-Seminário São José, e sua relevância para a comunidade ao qual está inserida, desde a criação até os dias atuais, perpassando pela formação da identidade cultural e religiosa da cidade.

Após, vislumbramos o produto final desta pesquisa Espaço de Memória do Pré-Seminário, que propõem um local de preservação da cultura e da memória da comunidade de um dos municípios integrantes da Quarta Colônia.

Por último, têm-se a conclusão, contendo os aspectos importantes do caminho que foi trilhado desde o início da pesquisa, percorrendo pelos obstáculos que toda coleta e análise de dados possui, para que se chegue na proposta final desta dissertação.

2. METODOLOGIA

Neste capítulo apresentaremos a metodologia dessa pesquisa, desde a escolha do *lócus* e *corpus*, até os caminhos que foram traçados e percorridos para a construção dos dados dessa dissertação. Salientando a importância desse estudo para a comunidade ao qual está inserida.

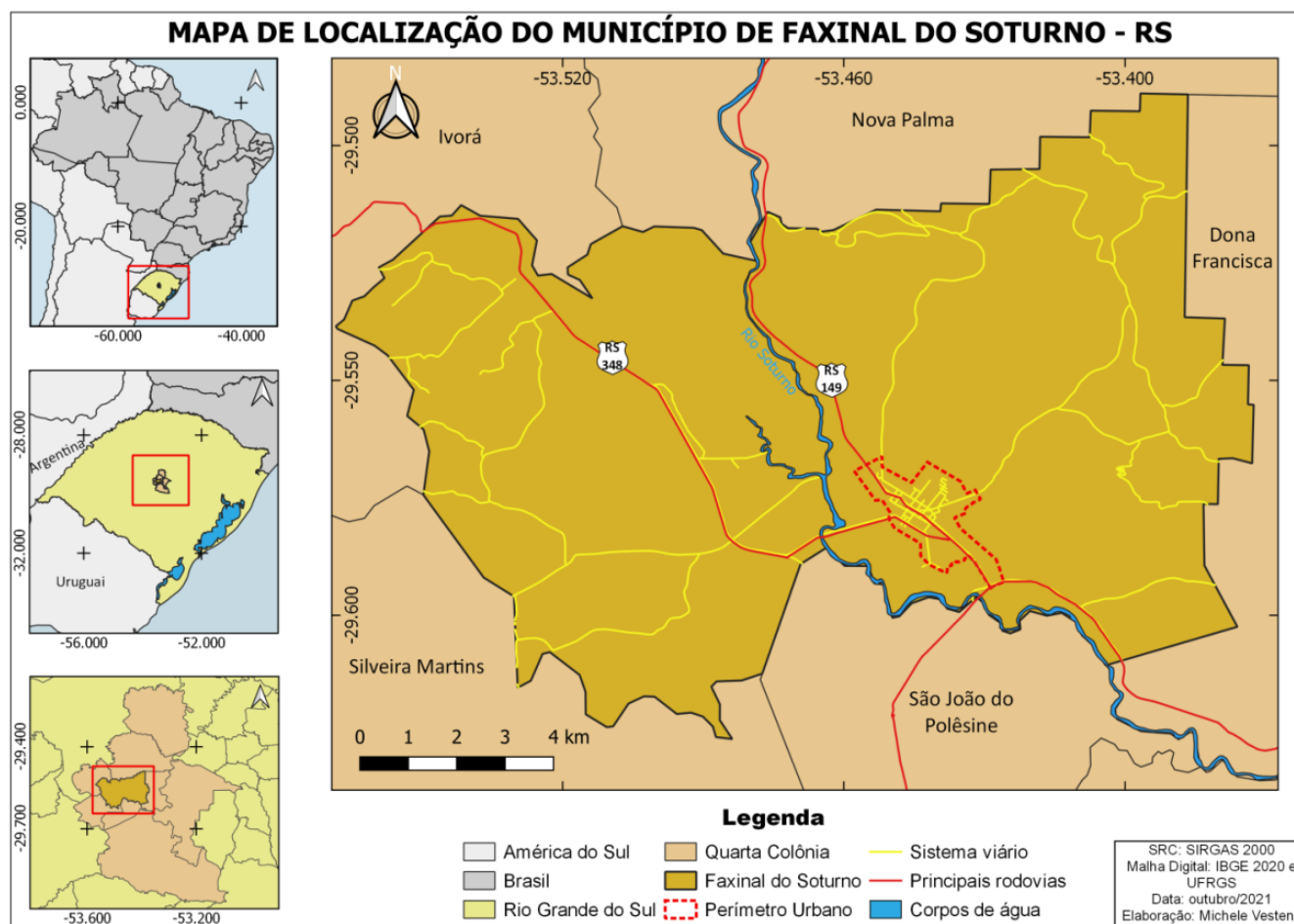
2.1 LOCAL DE ESTUDO

Para começar, é mister registrar que o município de Faxinal do Soturno está localizado no centro geográfico do Estado do Rio Grande do Sul (Figura 2), na região denominada Depressão Central, entre o rio Jacuí, a leste e a serra de São Martinho, a oeste, distante 45km de Santa Maria e distante aproximadamente 220km da capital Porto Alegre. O município faz parte do grupo daqueles que integram a região da Quarta Colônia do Rio Grande do Sul.

Faxinal do Soturno foi instituído em trinta (30) de novembro de 1958, quando ocorreu a emancipação e passou a configurar-se como um município. Devido sua origem estar vinculada a criação dos núcleos coloniais de imigração no século XIX, principalmente, de imigrantes italianos, a cidade tem sua identidade muitíssimo influenciada por esta cultura, a qual está expressa nos costumes, hábitos, na culinária, nos monumentos históricos, nas igrejas, na arquitetura típica colonial e na religiosidade, sendo esta última uma forte característica do município.

A comunidade de Santos Anjos é o único distrito da cidade (ver Figura 3), mas o município possui outras comunidades como: Novo Treviso, Linha São Luiz, Linha Dona Francisca, Sítio Alto, Sítio dos Mellos, Colonial, Formosa, Guarda Mor, Saxônia e Val Veronês.

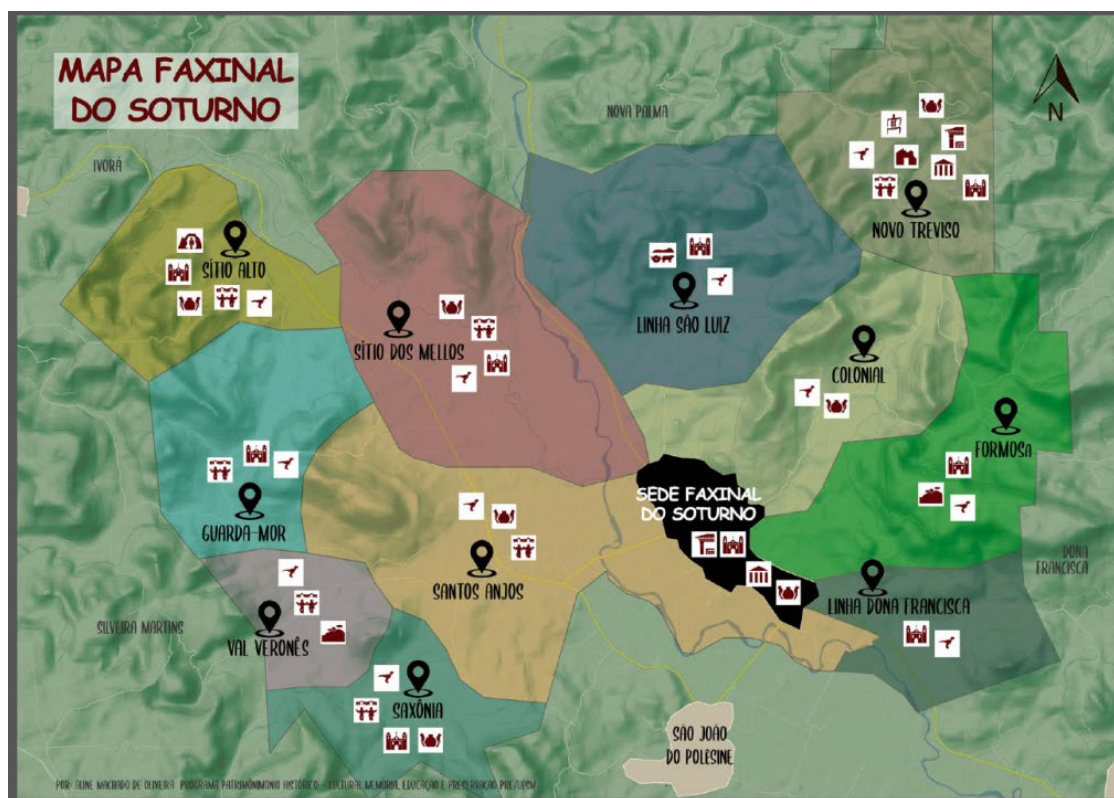
Figura 2 - Localização do município de Faxinal do Soturno



Fonte: Elaborado por Michele Vestena³, outubro de 2021.

³Michele Vestena – Possui Graduação em Geografia Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Maria (2019). Atualmente cursa Mestrado em Geografia na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Pesquisadora do Laboratório de Geocologia e Educação Ambiental (LAGED) e participante do Grupo de Pesquisa Patrimônio Natural, Geoconservação e Gestão da Água (PANGEA/UFSM).

Figura 3 - Mapa ilustrativo de Faxinal do Soturno e suas comunidades



Fonte: PADOIN, M.M. et al (2021, p. 37).⁴

De acordo com o último Censo Demográfico, a população de Faxinal do Soturno é de 6.663 habitantes (IBGE, 2018). A maioria da sua população é de descendência italiana, mas há também brasileiros descendentes de germânicos, de portugueses, de africanos, de espanhóis, de austríacos, de indígenas, entre outros.

A área territorial da região é de aproximadamente 169,514 km² (IBGE, 2018). Sendo que a economia local é baseada na agricultura (cultivo de arroz, soja, fumo) e o comércio de bens e serviços juntamente com as indústrias são geradores de emprego e renda.

Dentre os atrativos turísticos mais relevantes da cidade estão: a Ermida de São Pio de Pietrelcina, no Cerro Comprido, a Gruta Nossa Senhora de Lourdes no Sítio Alto, o Santuário

⁴Imagem retirada da cartilha: Patrimônio histórico cultural Geoparque Quarta Colônia [recurso eletrônico]: memória, educação e preservação/[autores Flávia Coradini *et al*]; organizadores Maria Medianeira Padoin [*et al*] – Santa Maria, RS: UFSM, Pró-Reitoria de Extensão, 2021. Disponível em: <https://www.ivora.rs.gov.br/arqs/3514.pdf>

Mãe Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt em meio ao Bosque Municipal existente no centro da cidade, a Igreja Matriz São Roque, o Museu Fotográfico Irmão Ademar da Rocha, o Museu Histórico Geringonça de Novo Treviso e o Mirante Cerro Comprido.

O prédio do Pré-Seminário São José está localizado na área central do município de Faxinal do Soturno, na rua 7 de Setembro, número 790. Como já descrito anteriormente, o complexo foi construído pela comunidade juntamente com os padres palotinos para servir como espaço para a educação de jovens, voltado principalmente para seguirem na vida sacerdotal.

Figura 4 - Prédio principal do Pré-Seminário São José em Faxinal do Soturno



Fonte: Fotografia digital do acervo de Vanessa Baccin (2021).

Como se pode perceber na Figura 4 acima, o prédio é composto por 3 andares, tendo um pequeno subsolo onde funcionou o estúdio fotográfico do Irmão Ademar da Rocha quando a instituição estava em plena atividade.

O térreo era destinado para a sala de recepção, enfermaria, secretaria, refeitório, cozinha, lavanderia, entre outros serviços. O segundo andar era destinado para a residência dos padres, irmãos e para o reitor da instituição palotina. Também neste andar, ficavam as salas de

aula e o setor administrativo. No terceiro andar do prédio eram as instalações coletivas de moradia dos alunos, ou seja, local de dormitório e guarda de seus pertences⁵.

O prédio passou por algumas ampliações ao longo do tempo devido à necessidade, visto que o número de alunos crescia e, conseqüentemente, os serviços de alimentação, lavanderia precisavam de espaços maiores. Então, foi construída a cozinha separada do prédio principal e neste lugar hoje funciona o Museu Fotográfico Irmão Ademar da Rocha⁶, como se observa na Figura 5.

Figura 5 - Parte do Pré-Seminário onde funciona o Museu Fotográfico Ir. Ademar da Rocha



Fonte: Fotografia digital do acervo de Vanessa Baccin (2021).

Outro espaço que faz parte do complexo é o Santuário Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt que está localizado dentro do Bosque Municipal (Figura 6).

⁵Informações prestadas por Edi Zemolin (aluno egresso) em entrevista concedida à autora, Vanessa Baccin, em Faxinal do Soturno no ano de 2017.

⁶Informações prestadas por Enelci Bozzeto (aluno egresso) em entrevista concedida à autora, Vanessa Baccin, em Faxinal do Soturno no ano de 2017.

Este lugar existe desde o início do Pré-Seminário São José, inclusive era muito usado pelos alunos na época para orações e preces. O Santuário e seu entorno, o bosque, foram preservados ao longo do tempo. Nos dias atuais, é mantido pelas zeladoras da Mãe Rainha e pela Prefeitura Municipal, recebendo principalmente os peregrinos dos caminhos de João Luiz Pozzobon que frequentemente visitam a Quarta Colônia.

Figura 6 - Santuário Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt



Fonte: Fotografia digital do acervo de Vanessa Baccin (2021).

2.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Assim, o presente trabalho possuiu abordagem de cunho qualitativo, pois teve por base que a pesquisa responde a questões muito particulares, segundo Minayo (1995). Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. O que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Este estudo caracteriza-se, ainda, enquanto pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa em fontes bibliográficas é aquela que “busca o levantamento bibliográfico sobre o tema proposto, com o propósito de identificar informações e subsídios para definição dos

objetivos, determinação do problema e definição dos tópicos de referencial teórico” (MICHEL, 2008, p. 40). É desenvolvida com base em materiais já elaborados, constituídos principalmente de livros, artigos científicos, dissertações e teses.

Como pesquisa documental, considera os documentos escritos e fotográficos pertencentes aos ex-alunos do Pré-Seminário, ao acervo do Museu Fotográfico Irmão Ademar da Rocha, ao arquivo da Prefeitura Municipal de Faxinal do Soturno e ao arquivo Provincial Nossa Senhora Conquistadora da Arquidiocese de Santa Maria (Padres Palotinos), como fontes importantes na construção do registro da história do Pré-Seminário.

Na proposta metodológica de análise e interpretação das fontes fotográficas foi utilizada a investigação iconológica e iconográfica, que segundo Boris Kossoy é um método dividido em duas etapas. A análise iconográfica consiste em realizar um estudo do documento fotográfico, onde se observa a forma usada, o conteúdo temático e os significados. Já a interpretação iconológica, trata-se de uma investigação que vai além da fotografia, tem o objetivo de constituir uma investigação para desvendar a história da imagem (KOSSOY, 2002).

Ainda, Boris Kossoy (2002) entende que a interpretação iconológica é composta por dois caminhos básicos: resgatar a história própria do assunto e buscar a desmontagem das condições de produção, o processo de criação que resultou na representação em estudo. “Busca-se, pela interpretação iconológica, decifrar a realidade interior da representação fotográfica, sua face oculta, seu significado, sua primeira realidade, além da verdade iconográfica” (KOSSOY, 2002, p. 60).

Junto a estas fontes documentais tivemos também as fontes orais. Para tanto, se fez o uso da história oral seguindo o aporte utilizado por Alberti (2005), que define:

Se podemos arriscar uma rápida definição, diríamos que a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam (ALBERTI, 2005. p.18).

Para isso, foi realizado um levantamento de pessoas que foram alunos, professores, administradores ou ainda da comunidade que vivenciaram a construção e as atividades do Pré-Seminário São José no período de 1949 até 1970, quando encerraram as aulas na instituição. O registro das entrevistas corresponde ao acervo da autora que vem pesquisando desde 2017 e que em 2021 esses dados colaboraram para análise da história e serviram de base para a construção da dissertação.

As entrevistas foram gravadas em vídeo e algumas apenas em áudio. Estas foram transcritas pela autora desta pesquisa. O número de pessoas entrevistadas foi de trinta, sendo oito ex-alunos do sexo masculino, seis padres que trabalharam dando aulas e administrando a instituição e dezesseis pessoas da comunidade, entre homens e mulheres, que sabiam a história do prédio e contribuíram na pesquisa.

Além do mais, fez parte da pesquisa a obtenção de dados descritivos mediante contato direto entre o pesquisador e o objeto de estudo (VIZZOTTO, 2014), que neste caso se aplica a esta dissertação, uma vez que foram realizadas visitas ao prédio para a coleta de informações. Na ocasião, foram encontrados dois quadros fixados a parede contendo informações sobre ele.

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa serviu de suporte na construção da dissertação e assim na proposição do produto.

A coleta de dados foi proposta em quatro etapas, conforme apresentado a seguir:

Etapas 1: Nessa fase do estudo, foi feito um levantamento sobre os documentos que datam e registram a instalação, a construção e a história do Pré-Seminário São José;

Etapas 2: A pesquisa documental foi realizada principalmente a partir dos acervos do Arquivo da Prefeitura Municipal de Faxinal do Soturno e ao Arquivo Histórico Provincial Nossa Senhora Conquistadora da Arquidiocese de Santa Maria para coletar dados e informações que resgatassem a história do Pré-Seminário São José;

Etapas 3: Nessa fase, foram realizados entrevistas e diálogos com ex-alunos, ex-professores e comunidade local para obter maiores informações acerca do Pré-Seminário São José. Esses relatos foram gravados em áudio, ou vídeo e posteriormente foram transcritos. O número de pessoas entrevistadas foi trinta.

Etapas 4: Após as etapas acima mencionadas, os materiais foram analisados juntamente com a bibliografia disponível e então foi realizada a transcrição dos resultados.

Etapa 5: Elaboração do produto, ou seja, da Sala de Memórias do Pré-Seminário São José. Nesta fase foi escolhido o local, foram realizadas medições e um levantamento dos materiais disponíveis que pudessem compor a sala. Na sequência a autora realizou algumas definições para que a arquiteta pudesse elaborar o projeto da sala.

3. PATRIMÔNIO CULTURAL

Atualmente, comenta-se com frequência a respeito de patrimônio cultural, bem como, sobre sua importância e o que representa para cada indivíduo. Para a maioria das pessoas, a ideia de patrimônio se resume a bens materiais, para outros apenas aos bens arquitetônicos preservados e/ou tombados, mas se sabe que seu conceito vai muito além.

Sob a perspectiva da história, a noção de patrimônio confunde-se com a de propriedade, como o próprio termo sugere. Além disso, existem diversas formas de interpretação do patrimônio, o que evidencia a necessidade de aprofundar as reflexões para ampliar e qualificar o debate acerca do assunto.

Ao longo do tempo, a noção de herança a ser repassada foi incluindo também os conjuntos de bens materiais que estão diretamente relacionados com a identidade, a cultura ou o passado de uma sociedade, transformando, assim, no que chamamos de legado cultural que é transmitido para as próximas gerações.

Os estudos de Funari e Pellegrini (2006) definem o termo patrimônio como “uma palavra de origem latina, *patrimonium*, que se referia, entre os antigos romanos, a tudo que pertencia ao pai; *pater* ou *pater familias*, pai de família” (FUNARI; PELLEGRINI, 2006, p. 10). Trata-se de uma definição de caráter pessoal, onde o patrimônio restringe-se apenas a uma herança familiar financeira, ou seja, totalmente privado. Nesse sentido, também a autora Regina Abreu (2003) esclarece:

A noção de patrimônio traz em seu bojo a ideia de propriedade. Etimologicamente, traduz a concepção de herança paterna. No sentido jurídico, refere-se a um complexo de bens, matérias ou não, direitos, ações, posse e tudo o mais que pertença a uma pessoa ou empresa e seja suscetível de apreciação econômica (2003, p. 34 e 35).

Essa representação sofreu modificações a partir da Revolução Francesa, que ocorreu no final do século XVIII, quando o significado de patrimônio se estendeu do privado, dos bens de uma pessoa ou de um grupo de pessoas, para o conjunto dos cidadãos. A intenção do estado moderno liberal, naquele momento, era preservar seus símbolos de guerra, seus monumentos e edificações que demonstravam a vitória sobre o estado absolutista e assim garantir que as futuras gerações pudessem conferir a vitória francesa, que tinha como princípios da Revolução, a liberdade, igualdade e fraternidade (ABREU, 2003).

Assim, edificações construídas pelo homem, passam a ser entendidas como um patrimônio com significado histórico e cultural. Considerados exemplares onde se torna possível compreender diversos aspectos como, a maneira de construir, os materiais utilizados, as técnicas da época, a necessidade de uma população, sua trajetória ao longo do tempo e a memória de um local.

No decorrer do século XX, o entendimento de patrimônio ganhou diferentes interpretações e a noção sobre o espaço urbano, a cultura e o passado passam a ter um novo significado. Desta forma, a visão sobre aquilo que precisa ser preservado se fortalece, por se tratar de elementos repletos de valores e significados, que muitas vezes as pessoas se orgulham e que em caso de perda ou degradação, poderá acarretar o empobrecimento da memória e a perda de sentido ou da própria identidade.

Contudo, a compreensão sobre patrimônio vai além da formação de uma identidade de estado nacional como a sociedade idealizava na época da Revolução Francesa, ou seja, de monumentos e símbolos oficiais. Para Françoise Choay (2001) o patrimônio, hoje em dia, é entendido como um recurso para formação da identidade nos seus vários âmbitos, interpretado através de diversas particularidades desde expressões materiais, como obras de artes, monumentos, praças, prédios, igrejas, teatros, casas, estações de trem, como também de expressões imateriais, marcas de identidades e de cultura. Portanto, são exemplos: as celebrações, danças, festas populares, religiões, costumes, comidas típicas, os modos de viver e saber fazer. Ou seja, elementos fundamentais na constituição histórica de um grupo e são parte da sua representação do patrimônio, tendo um importante significado para a identidade de um determinado grupo.

Como mencionado anteriormente, o termo patrimônio envolve uma complexidade de entendimento e parece não haver limite para o processo de qualificação desta palavra. Assim, faz-se necessário buscar alguns conceitos e outros autores a fim de contextualizar sobre o patrimônio cultural e natural.

Pode-se dizer que o patrimônio cultural de uma sociedade é o resultado de uma opção muito particular, pois, entende-se que essa escolha é feita a partir daquilo que um indivíduo considera ser mais importante ou mais representativo da sua identidade, da sua história, da sua cultura. Em outras palavras, são os valores, os significados atribuídos pelas pessoas a objetos, lugares ou práticas culturais que os tornam patrimônio de uma coletividade.

Segundo os autores César, Dhein e Uez (2011, p. 468) o patrimônio cultural pode ser definido como:

Uma construção social, que tem como premissa a preservação memorial da essência da comunidade. A paisagem, como reflexo da produção humana no espaço tem um caráter inato de patrimônio. Ela deve estar inserida nos programas de educação patrimonial, ação que tem por um de seus objetivos, valorizar o patrimônio cultural. Através da preservação e da valorização, há um desenvolvimento social, possibilitado pelo olhar crítico e holístico sobre o processo histórico desta comunidade.

Entretanto, os bens materiais e imateriais de um local podem, com o passar do tempo, perder o seu reconhecimento pela sociedade, devido à falta de conhecimento do valor dos mesmos, que impede de zelar por sua preservação (MELLO; SAAD, 2012). E, de acordo com estes autores “esta preservação do patrimônio cultural pode assegurar a continuidade da história, de forma a salvaguardar os costumes e tradições locais, além de estabelecer as bases de apoio a políticas de desenvolvimento sustentáveis” (MELLO; SAAD, 2012, p. 107).

Deste modo, temos algumas definições que destacamos de órgãos que diretamente atuam na valorização e preservação do patrimônio. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) através da Conferência Geral que determinou a Convenção sobre a salvaguarda do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural em 1972, estabeleceu mecanismos para eleger bens que se constituem como referências para humanidade no campo cultural e ambiental, em busca de estimular ações que visem à preservação destes.

O legado que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às futuras gerações. Nosso patrimônio é fonte insubstituível de vida e inspiração, nossa pedra de toque, nosso ponto de referência, nossa identidade, sendo de fundamental importância para a memória, a criatividade dos povos e a riqueza das culturas (UNESCO, 2021, [s.p])⁷.

Ainda de acordo com a UNESCO, o patrimônio cultural é constituído por:

⁷ Retirado do site da UNESCO, disponível em: <https://www.famun.com.br/2016/em/comites/unesco/>. Acesso em: 18 de abril de 2021.

Os monumentos: obras arquitetônicas, de escultura, ou de pintura monumentais, elementos ou estruturas de natureza arqueológica, inscrições, cavernas e grupos de elementos que tenham um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os conjuntos: grupos de construções isoladas ou reunidas que, em virtude de sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem, tenham um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os lugares notáveis: obras do homem ou obras conjugadas do homem e da natureza, bem como as zonas, inclusive lugares arqueológicos, que tenham valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico (UNESCO, 1972, [s.p])

Posteriormente, na Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial da UNESCO (2006), foi acrescentada ao conceito de patrimônio cultural definições do que venha a ser o patrimônio imaterial:

Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Para os fins da presente Convenção, será levado em conta apenas o patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável (UNESCO, 2006, [s.p]).

Em relação ao patrimônio natural, a UNESCO (1972, [s.p]) assim descreve:

Os monumentos naturais constituídos por formações rochosas físicas e biológicas ou por grupos de tais formações, que tenham valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico;

As formações geológicas e fisiográficas e as zonas nitidamente delimitadas que constituam o habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas e que tenham valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação;

Os sítios naturais ou as zonas naturais estritamente delimitadas que tenham valor universal excepcional do ponto de vista da ciência, da conservação ou da beleza natural.

Sendo assim, o patrimônio compreende: patrimônio cultural (material e imaterial) e o patrimônio natural. Portanto, o patrimônio cultural é composto pelas expressões imateriais da sociedade (religião, canto, folclore, danças, costumes, entre outros). Já as manifestações

materiais (prédios históricos, monumentos, pinturas, esculturas entre outros), e os patrimônios naturais (cascatas, ilhas, reservas, matas, parques e reservas biológicas são alguns exemplos) são todos elementos representativos para a identidade, história, ciência e arte.

Se tomarmos por base a lei máxima brasileira, no Art. 216 da Constituição Federal Brasileira de 1988, estabelece o patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. São eles:

- I As formas de expressão;
- II Os modos de criar, fazer e viver;
- III As criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988, s.p).

De acordo com as discussões de Miranda (2006), existem outros tipos de patrimônios que merecem proteção de valorização, neste caso elucidam-se alguns conceitos:

O patrimônio documental é formado por documentos que constituem acervo e fonte de comprovação de fatos históricos e memoráveis. Materializado sob diversas formas e sobre diferentes bases, constitui muitas vezes o principal acervo dos arquivos públicos e privados (MIRANDA, 2006, p. 67).

Patrimônio arqueológico: porção do patrimônio material para a qual os métodos da arqueologia fornecem os conhecimentos primários, englobando todos os vestígios da existência humana, não importando quais sejam eles, que podem ser encontrados na superfície, no subsolo ou sob as águas (MIRANDA, 2006, p. 73).

Patrimônio bibliográfico: os livros são fontes primárias e testemunhas materiais do desenvolvimento sociocultural humano, garante a transmissão de informação e de conhecimento (de natureza científica, técnica, artística, filosófica, humanística, de entretenimento, etc. para as futuras gerações) (MIRANDA, 2006, p. 72).

Todos estes elementos que compõem o patrimônio ganham maior relevância quando valorizados, interpretados e preservados pela própria comunidade local. Isto é, podem ser aproveitados para atrair visitantes/turistas em determinado território.

Em consonância com Dias (2006, p. 146) “o patrimônio cultural é a essência do turismo cultural, a grande motivação para o deslocamento de turistas e capital cultural valioso para as comunidades, pois representa um produto turístico que, se bem administrado, pode perdurar indefinidamente”.

Neste sentido, a valorização do patrimônio torna-se efetiva quando se realiza o processo de interpretação, buscando saber a história e registrando para garantir a preservação destes espaços, constituídos enquanto patrimônio histórico para que as futuras gerações conheçam suas origens, sua história e sua identidade. O que possibilita o estabelecimento de diversas relações entre o passado e o presente, fazendo com que suas raízes e costumes não se percam com o passar do tempo.

Portanto, na sequência deste trabalho foram abordados alguns conceitos e relacionando com a importância do uso de um local de memória enquanto atrativo turístico, bem como um instrumento de educação e preservação do patrimônio.

3.1 LOCAL DE MEMÓRIA

O fenômeno da memória está intrínseco no ser humano, sendo o resultado de momentos vividos individualmente e/ou coletivamente. Trata-se de um elemento importante para a compreensão da identidade dos grupos sociais, pois, representa as marcas da evolução de uma determinada sociedade ou indivíduos.

Locais de memória na visão de Nora (1993, p. 21-22):

São lugares com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diferentes. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivo, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio que parece um exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre.

Ainda, para Pierre Nora os lugares de memória são, primeiramente, lugares com três entendimentos: são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; são lugares funcionais porque têm ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva se expressa e se revela. São, portanto, lugares onde a memória está intrínseca (NORA, 1993).

Esta, por sua vez, demonstra sobre a mentalidade e potencialidades da sociedade que os produziu. Para a filósofa Chauí (2006, p. 138), “a memória é uma evocação do passado”,

sendo assim, pode ser compreendida como uma maneira de recordação, de conhecimento do passado que é mantido pelo presente.

Na visão de Nora (1993, p.14):

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos, em permanente evolução, aberta à dialética lembrança/esquecimento. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que já não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado, operação intelectual que sempre busca a análise e o discurso crítico. É justamente esse lado crítico que destrói a memória espontânea.

Atualmente, a sociedade está preocupada em recuperar e preservar valores e memórias da atuação do homem através da criação de espaços de memória, museus, monumentos e casas de cultura. Nos quais é possível encontrar explicações para muitas coisas em histórias documentadas ou através de relatos vividos.

Para Le Goff (2003) a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a mantém, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Precisando trabalhar de forma que a memória sirva para a libertação e não para a servidão dos homens, pois a construção das memórias constitui importante função social, na medida em que reproduz informações mesmo ante a ausência de dados escritos, apenas baseando-se no estudo de objetos que marcaram o seu acontecimento. Ainda, este mesmo autor, acredita que a maioria das informações que constituem um determinado fato encontra-se na memória ativa das pessoas, que após pesquisas e estudos acabam levando a formação de fatos históricos.

Todavia, para Santana e Simões (2015), os museus e demais espaços de memória na atualidade, vêm se destacando como um dos locais mais apropriados para o “armazenamento” e disponibilização/valorização de acervos culturais. Tendo em vista que foram criados exatamente para esta finalidade, possibilitando crescimento de conhecimento e cultura. Além disso, cresce a consciência sobre a importância de salvaguardar algo que pode ser considerado como relevante para pesquisadores ou até mesmo entendido como patrimônio histórico.

Nessa perspectiva, o lugar de memória pode ser entendido como resultado das práticas sociais e do sentimento de pertencimento, revelando, por sua vez, a função identitária. Assim sendo, os lugares de memória constituem espaços de sociabilidade, compartilhamento de experiências, afirmação das identidades e reafirmação do sentido de territorialidade e de

pertencimento à cultura local. Tais lugares funcionam como suporte da memória coletiva e da identidade social (SANTANA; SIMÕES, 2015).

Portanto, destaca-se a importância da criação de locais de memória a fim de guardar e conservar, sem alterar as características essenciais, para que possam ser apreciados e analisados pelas futuras gerações, que poderão também descobrir novas verdades acerca dos objetos armazenados. Ainda, Chauí (2006, p. 138) acredita ser a memória “a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi salvando-o da perda total”.

Consequentemente, o patrimônio cultural atua como um local de memória podendo ser responsável por materializar esse passado para a sociedade atual, de modo a desenvolver uma intensa relação com o presente, criando sentimentos de pertencimento e mobilizando o indivíduo para valorização de sua história.

Em vista disso, de acordo com Mota, Cavalcante e Feitosa (2015, p. 299), o patrimônio cultural “tem papel fundamental na construção da história - seja ela global, regional ou local - e na preservação e difusão da memória coletiva de um povo”. Sendo assim, é mister preservar a identidade de um povo, e para isso é necessário que se valorize esses bens, para que sejam garantidos para as futuras gerações.

Dentre as diversas maneiras de valorizar o patrimônio cultural está o turismo, que é capaz de proporcionar o deslocamento de pessoas a fim de conhecer diferentes culturas e locais, o que contribui para a proteção e recuperação. Além disso, outra forma de valorização é trabalhar a educação patrimonial, visando à preservação e manutenção dos patrimônios locais de uma comunidade, que inclusive pode ser usado em seu benefício através do turismo.

Para Horta, Grunberg e Monteiro (1999) a educação patrimonial pode ser conceituada como um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. Portanto, a partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da educação patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens e proporcionando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.

Assim, o ensino centrado nos bens culturais possibilita um maior contato com o patrimônio de uma região e a partir desta metodologia específica, o objeto cultural se torna um ponto de partida do processo de ensino e aprendizagem que permite conhecer, usar, desfrutar, recriar e transformar o patrimônio cultural após a releitura e interpretação.

3.2 TURISMO, EDUCAÇÃO E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO

A atividade turística vem crescendo ao longo dos anos no mundo inteiro, tornando-se uma forte aliada no desenvolvimento local e regional de muitas cidades. Atraindo cada vez mais a atenção e interesse de órgãos públicos e empreendedores privados. Estes, por sua vez, buscam a promoção de eventos turísticos e culturais, que além de divulgar as atrações locais, proporcionam um retorno financeiro aos envolvidos de forma direta e indireta.

Em contrapartida, entende-se que a atividade turística além de gerar renda a diversos setores da sociedade, pode funcionar também como uma ferramenta potencializadora na divulgação da história de diversas regiões do mundo inteiro. Configurando-se assim, como uma maneira de conhecer a importância de uma região, de um local e seus respectivos registros, enquanto fontes de conhecimento. Uma vez que alguns locais são importantes historicamente, pois ocupam uma posição na ordenação histórica, no enquadramento do patrimônio local, na formação da cultura e identidade de um povo e seu território (ALMEIDA, 2020).

Logo, a viabilização e o acesso à cultura conferem ao turismo uma função educativa, propagando o conhecimento e reproduzindo os valores da humanidade. Este se vincula à cultura, ao conhecimento e a história, produzindo efeitos distintos através de suas programações turísticas, que proporcionam aos participantes a troca de experiências e informações que agregam bagagem cultural e que estimulam a valorização local e social (COSTA, 2009).

O turismo cultural, tal qual se idealiza atualmente, implica não apenas a oferta de espetáculos ou serviços, mas, também, a existência e preservação do patrimônio, que segundo a mesma autora:

Pode ser compreendido como um segmento da atividade turística que, por meio da apreciação, da vivência e da experimentação direta de bens do patrimônio cultural, material e imaterial e da mediação da comunicação interpretativa, proporciona aos visitantes a participação em um processo ativo de construção de conhecimentos sobre o patrimônio cultural e sobre seu contexto sócio histórico (COSTA, 2009, p. 190).

Assim, as características do turismo cultural se expressam pelas suas motivações, que dizem respeito à disposição de conhecer, de explorar uma forma de fugir do cotidiano em busca de novas experiências culturais e sociais que lhe tragam prazer e bem-estar (ALMEIDA, 2020).

A atividade turística promove a observação e a interação cultural, tendo em vista que as viagens oferecem condições de experiência, conhecimento e contato com diferentes grupos sociais que divergem em diversos aspectos como, por exemplo, a gastronomia, língua, hábitos, costumes e religião.

O conceito de turismo cultural é ainda imprecisamente definido, com o foco direcionado especialmente para o objeto de atenção da visita, o que, embora seja uma de suas características mais fundamentais, é somente uma parte do fenômeno. Um conceito mais completo de turismo cultural deve ser construído considerando-se também uma análise mais ampla das motivações de seus participantes, das características de seu objeto e de seu público, da interatividade ou vivência de experiências culturais e das possíveis inter-relações com a preservação e a educação por meio do patrimônio cultural (COSTA, 2009, p.39).

Desse modo, compreende-se que o turismo desenvolve um papel importante dentro do contexto global, pois, é através dele que o conhecimento sobre as potencialidades de um território pode ser incentivado e apreciado, proporcionando a ampliação de debates em torno da busca pela preservação destes locais, como espaços de identidade local. Ao mesmo tempo, entende-se que o contrário disso, ou seja, seu esquecimento, a não valorização e atenção a estes lugares, pode proporcionar a perda de raízes e referências culturais.

Destarte, reitera-se a função social do turismo visto que pode funcionar como agente incentivador dos processos de resgate das identidades e das memórias de um território, permitindo que a comunidade recupere sua autoestima e perceba seu papel e importância no contexto turístico e histórico.

Contudo, a globalização está presente na economia, na política e na sociedade, sendo este, um fato irreversível, cabendo a todos nós a missão de nos prepararmos para enfrentá-la e adequá-la da melhor maneira possível, dada a realidade de cada um. Então, faz-se necessário incentivar cada vez mais o turismo, através de criações culturais e artísticas, com infraestruturas adequadas, bons atrativos turísticos, melhorias nos acessos, qualificação profissional, entre outros requisitos.

Sendo que, a partir disso, é possível buscar a valorização e a conquista do mercado para um produto cultural local, sem perder de vista os efeitos do processo global que fazem parte do cotidiano. Ainda, de acordo com Costa (2009, p.35):

O direcionamento do atual interesse para o turismo cultural está calcado em sua crescente popularidade como fonte de atração de visitantes, supostamente donos de um perfil procurado por todo o *trade* turístico. Alia-se a este fato a crença comum de que o turismo cultural é a atividade ideal para auxiliar na preservação dos bens do patrimônio cultural (já que, ao menos em tese, ao mesmo tempo que gera receitas, dedicadas à própria conservação do bem, educa os visitantes para o respeitar), e a chave para o crescimento da simpatia pelos destinos encontra-se na possível exploração de seu potencial.

Nesta perspectiva, conhecer lugares e fatos históricos que dizem respeito ao patrimônio proporciona uma maior compreensão do que é o turismo cultural, sua abrangência e possíveis impactos, favorecendo a apreciação e valorização. Considera-se ainda, o patrimônio cultural de uma população, como um recurso a serviço do desenvolvimento sustentável, pois o patrimônio tem valor por si só. Constituindo-se ao mesmo tempo enquanto uma memória coletiva de uma população, mas também um potencial recurso para o seu futuro.

Assim, estes importantes recursos podem ser utilizados pela comunidade, mas para isso, faz-se necessário que ela entenda o turismo como uma alternativa para seu desenvolvimento, sendo imprescindível que haja planejamento e gestão adequados. Além disso, a interpretação do patrimônio, assim como a infraestrutura, hospedagens, serviços, dentre outros, é um dos elementos a serem trabalhados para o uso consciente e rentável de um patrimônio cultural.

O trabalho interpretativo permite que a história e a cultura de um destino sejam mostradas de forma simples, clara e satisfatória para o turista, criando um diferencial competitivo. Interpretar o patrimônio proporciona, ainda, à comunidade local, ao *trade* turístico e aos representantes de órgãos públicos, uma maior aproximação com o patrimônio cultural e natural de uma localidade, gerando uma maior valorização e preservação deles (ALMEIDA, 2020, p. 33).

Entende-se que a interpretação do patrimônio pode “ser considerada como parte de uma estratégia educativa, como um instrumento de educação patrimonial” (COSTA, 2009, p.98). Além do que, pode proporcionar experiências, emoções e conhecimentos que aliados as atrações culturais despertam sentimentos e reflexões.

Compreende-se que a interpretação, a educação e o turismo devem ser atividades diretamente ligadas, as quais possuem como objetivo proteger a cultura, a história e o meio ambiente de uma determinada localidade, estimulando o desenvolvimento do turismo cultural. Portanto, a opção pelo desenvolvimento turístico deve conciliar seus objetivos de manutenção do patrimônio com a busca pelo desenvolvimento do turismo cultural.

Reiterando sempre que o uso turístico de um local deve sempre atuar no sentido do fortalecimento das culturas, onde a atividade turística possa ser incentivada como uma estratégia de preservação do patrimônio, em função da promoção de seu valor econômico. Neste sentido, ao ser configurado como atrativo turístico o patrimônio passa a ser valorizado em seu aspecto histórico e compreendido como diferencial turístico, cultural e econômico no município. Surge então, a necessidade de trabalhar a educação patrimonial, a fim de ressaltar seus benefícios e importância.

A educação patrimonial proporciona uma mudança na forma das pessoas enxergarem e tratar em seu entorno e com isso passam a valorizar e preservar algo que muitas vezes passava despercebido no dia a dia. É reconhecendo seu patrimônio, sua importância e seu valor que o indivíduo/sociedade começa a se identificar e proteger aquele bem cultural (COSTA, 2009).

Cabe salientar, que algumas manifestações culturais estão ameaçadas, pois, são iniciativas muitas vezes específicas de cada região e praticadas por pessoas com idade bastante avançada, as novas gerações muitas vezes não dão continuidade por não perceberem seu valor e importância. Ademais, é fundamental a criação de políticas públicas que incentivem as práticas de preservação e que busquem integrar diferentes setores da sociedade, criando ações estratégicas de educação, em busca da valorização da memória e do patrimônio cultural brasileiro. Como afirmam os autores abaixo:

A intervenção política é obviamente decisiva, enquanto estratégia sustentável de atuação em relação à utilização de muitos recursos livres ou bens públicos, transformando recursos culturais em recursos turísticos, afetando meios e articulando uma relação equilibrada e pró ativa com os restantes setores da administração e empresarial do turismo (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 64).

Portanto, torna-se importante unir esforços para que os recursos financeiros sejam destinados em prol da manutenção da cultura e seus espaços. Visto que passaram a ser considerados um importante instrumento para o desenvolvimento socioeconômico de diversas

localidades. Além disso, do ponto de vista mercadológico a atividade vem apresentando um rápido crescimento.

A oferta de produtos turísticos depende essencialmente da existência de áreas de elevado valor natural e cultural, da maneira como essas áreas são geridas, da existência de infraestrutura adequada e da disponibilidade de recursos humanos capacitados. Aliadas a esses fatores estão as políticas que devem ser efetivas na utilização e valorização destes recursos como concluem as autoras Gastal e Moesch (2007, p. 42):

Uma política pública deve ter clareza sobre a concepção de turismo que defende sobre qual a visão de desenvolvimento buscar e sobre quais são os seus compromissos. Deve ainda ter, como objetivo democratizar o bem público chamado turismo, possibilitando que o lazer e a hospitalidade sejam acessíveis a todos, visitantes e cidadãos, não apenas como uma potencialidade, mas como realidade, e que a sociedade organizada incida nessas definições.

Como se sabe, o conceito de desenvolvimento econômico muda e se transforma constantemente e o mesmo ocorre com a sociedade, que precisa resolver seus problemas observando as inovações e atualizando seus conhecimentos, ocorre que durante este processo de reinvenção, é possível realizar a descoberta de potencialidades que favorecem o desenvolvimento.

Pode-se dizer que o desenvolvimento é um processo de crescimento e mudança que busca satisfazer as necessidades e as demandas da população, visando melhorar seu padrão de vida e proporcionar o aumento de empregos e a diminuição da pobreza. É um processo caracterizado pela incerteza e pelo acaso, condicionado pela mudança nas condições de mercado e pelas decisões de investimentos dos atores, portanto deve ser entendido como um processo evolutivo (GASTAL; MOESCH, 2007).

Nessa perspectiva, a política para o desenvolvimento dos territórios ou localidades é um processo orientado por meio das decisões dos atores públicos e privados. Estes desempenham um papel relevante, atuam como catalisadores de ideias e de forças para desenvolvimento e acumulação de capital, facilitando os negócios, promovendo a difusão de inovações e conhecimentos, além de proporcionar o desenvolvimento do espaço. É um processo territorial no qual a capacidade empreendedora e inovadora constitui o mecanismo propulsor dos processos de transformação da economia e da sociedade (BARQUERO, 2007).

Nesse cenário, o turismo é uma atividade que necessita de coordenação e planejamento para seu desenvolvimento, que na maioria das vezes depende da motivação e atuação do poder público. Outra característica é sua implicação social e cultural, que não deve interessar somente ao empreendedor, mas, acima de tudo, ao governo, o qual representa a garantia dos interesses da coletividade.

Assim, após as explanações sobre a importância de local de memória, turismo, educação e preservação do patrimônio, este estudo traz em seu próximo capítulo, uma contextualização histórica sobre a imigração italiana. Na sequência apresenta a Quarta Colônia do Rio Grande do Sul e em seguida a formação histórica de Faxinal do Soturno.

4. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA IMIGRAÇÃO ITALIANA

Entender as fases que antecederam o surgimento da Quarta Colônia se faz necessário, visto que ao longo do tempo ocorreram diversos processos históricos que justificam a formação, colonização e a identidade da região. Assim, torna-se pertinente mencionar quais grupos étnicos habitaram a Província de São Pedro do Sul antes da criação dos núcleos coloniais destinados para os imigrantes europeus na segunda metade do século XIX.

Os primeiros povos a ocupar essas terras, antes da conquista pelos portugueses, foram os indígenas, naturais da região. Já no século XVII teremos a presença também dos missionários espanhóis, os Jesuítas que estabeleceram reduções no RS, com a missão de catequizar os guaranis e principalmente colonizar o território em nome da Coroa Espanhola e evitar o avanço dos portugueses. Porém, com a criação da Colônia de Sacramento pelos portugueses, em 1680, as margens da bacia do Prata, iniciou a vinda de grupos portugueses.

Uma das principais bases econômicas dos jesuítas espanhóis era a criação de gado, cultura que se espalhou por quase todo território riograndense. As reduções jesuíticas foram atacadas pelos bandeirantes portugueses que capturavam os indígenas para os utilizarem como escravos. Este avanço português fez com que muitas reduções fossem desfeitas e os padres e indígenas se deslocassem para as outras regiões do Prata, restando grande quantidade de gado intitulado Chimarrão dispersos pelo território. Este gado bovino como o cavalariço passou a ser um atrativo econômico e com os tempos se tornou a principal base econômica da Província de São Pedro (FAGAN, 2014).

Com isso, a Coroa portuguesa vai promover a concessão de sesmarias e o estabelecimento de estâncias com o fim de garantir a expansão e domínio do território até a bacia platina e o aproveitamento do gado bovino (inicialmente do couro, cebo, chifres para mais tarde com o salgamento da carne) e do cavalariço (especialmente as mulas para o transporte de mercadorias e pessoas). Especialmente, com o uso da carne bovina para o salgamento, com a produção do charque aqui no Rio Grande do Sul, foi introduzida, em maior escala, a mão de obra africana, que foi utilizada como mão de obra escrava (PADOIN, 1992).

Assim sendo, o território da região central do Rio Grande do Sul faz parte deste processo histórico e possui vestígios (fontes) que testemunham esta história, ora mais ou menos conhecidos, e que estão na atualidade sendo recuperados e valorizados por novos estudos.

O Rio Grande de São Pedro trata-se de um território de intensas disputas entre portugueses e espanhóis e que continuará, mesmo com o processo de independência, marcado por sua característica fronteiriça, levou a adoção por parte do governo imperial brasileiro da instalação de uma política de implantação de núcleos coloniais destinados para imigrantes europeus, especialmente de origem germânica e depois de italianos (PESAVENTO, 2014).

Assim, a política imigratória para o sul, diferenciada da região do sudeste, fora de criar núcleos coloniais com a divisão da terra, em pequenos lotes, destinados principalmente para famílias europeias, visando o desenvolvimento e ocupação de regiões que não tinham o domínio dos grandes pecuaristas. Dessa forma, o governo desejava promover o branqueamento da população, o estabelecimento de famílias em uma sociedade que era fortemente marcada pela presença masculina/militar, o desenvolvimento da policultura e de uma economia para além do “charque”, entre outros (PADOIN, 1992).

O êxodo de camponeses italianos deu origem, no Brasil, e especificamente no RS, aos colonos, isto é, proprietários de um lote de terra denominada colônia. Colônia é o termo que designa tanto na linguagem oficial como na linguagem comum, uma área de terra destinada à colonização (policultura). O sistema de colonização tinha regras bem definidas, estabelecidas por leis e decretos: buscava-se imigrantes de preferência de origem rural, para trabalhar em pequenas propriedades e que pudessem ser exploradas com mão de obra familiar. Até 1850, o tamanho da propriedade colonial para cada família, chegava aos 75 hectares e era doação, concessão gratuita. Após 1850, com a Lei de Terras, a concessão passou a ser feita por compra, o tamanho diminuiu para a média de 25 hectares, destinados a chefes de famílias que, para ter direito à posse plena, deveriam desmatá-la, cultivá-la e pagá-la em um prazo de 5 anos, a contar do segundo ano de estabelecimento (FAGAN, 2014, p. 73 e 74).

O fenômeno emigratório ocorrido na Itália entre o final do século XIX e o início do século XX, foi resultante de inúmeras transformações ocasionadas pela Revolução Industrial e das pressões socioeconômicas que ocorreram durante anos de lutas pela unificação. Conforme corrobora Righi; Bisognin e Torri (2001, p. 24):

Durante as lutas pela unificação, a situação do norte da Itália tornava-se muito difícil. A situação agravou-se e a imigração tornou-se realidade. A unificação constituiu-se num fato consumado; entretanto, a Itália permanecia um país agrário, regido por relações sociais extremamente arcaicas, que impediam o seu desenvolvimento econômico, o que levou as massas à fome e à miséria.

Esta situação, que os recentes estados unificados da Alemanha e da Itália viviam, ocasionava diversos impactos políticos, econômicos e sociais, que acabaram por resultar em um excedente populacional, contribuindo assim para o deslocamento de contingentes de imigrantes alemães e italianos para a América.

A sobrevivência e a prosperidade destes camponeses e suas famílias dependia desta escolha, embora, fosse difícil deixar sua terra e o pouco que possuíam, era preciso partir em busca de melhores condições de vida, de trabalho e financeira.

O abandono da terra natal consistiu na saída para a crise vivida por multidões de camponeses. Partia-se para a América para fugir da fome, do trabalho fatigante, da desnutrição, do salário irrisório, do alto aluguel da terra, do serviço militar. A imigração era a forma de revolta surda e silenciosa contra os grandes proprietários de terras. Ela prometia futuro risonho, no qual todos seriam Signori (MAESTRI, 2000, p. 108).

Além disso, é preciso mencionar outros fatores que influenciaram esses camponeses na decisão de deixar a Itália e se aventurar pelos mares em busca de subsistência e progresso. O governo italiano agravava a situação a partir da sobrecarga de impostos para aqueles que arrendavam suas terras, pois não tinham condições de adquirir novas tecnologias para o setor agrícola. Sendo assim, as dificuldades geradas pela falta de capital, de matéria prima e de terras condenava suas classes populares ao endividamento (GIRON; HERÉDIA, 2007).

Ao mesmo tempo em que a Itália enfrentava essa crise socioeconômica, o Brasil passava por transformações importantes, como o início da industrialização, a urbanização e o encaminhamento para o fim da escravidão.

Essa condição, especialmente, para a região sudeste, contribuiu para o governo brasileiro voltar-se para a Europa e tentar encontrar um substituto do braço negro por braços de camponeses brancos, que pudessem trabalhar na cultura do algodão, do café e da cana-de-açúcar, produtos que despertavam interesse na metrópole industrial. Outrossim, a extensão territorial brasileira exigia maior número de indivíduos para serem aproveitados nessas lavouras (RIGHI; BISOGNIN; TORRI, 2001).

Diante disso, os colonos viam a emigração como uma solução de sobrevivência, a saída da miséria e o sonho de ser proprietário de um pedaço de terra, são fatores que permitem entender a saída de milhões de italianos entre a metade do século XIX e início do século XX para colonizar terras desconhecidas (FAGAN, 2014).

De acordo com Pujol (2004), este processo imigratório foi patrocinado principalmente pelo governo imperial brasileiro e tinha duas principais motivações: a primeira delas era suprir a necessidade de mão-de-obra para as lavouras de café na província de São Paulo e, principalmente, para as lavouras da região sudeste. A segunda era ocupar e povoar a região meridional do país, onde existiam terras devolutas. De acordo com esta motivação que começou a maior povoação no Rio Grande do Sul.

Essa mesma constatação pode ser observada nos estudos de Pesavento (2014, p. 45), quando descreve sobre a história do Rio Grande do Sul:

Já com referência à vinda dos italianos, o interesse do centro, ao que parece se prenderia primordialmente a dois fatores básicos: promover o abastecimento do mercado interno brasileiro gerado pelo complexo cafeeiro e formar no Sul núcleos coloniais imigrantes bem-sucedidos que pudessem servir como foco de atração à imigração estrangeira para o país. Uma vez chegados no país, muitos imigrantes, que pensavam tornarem-se pequenos proprietários, acabavam sendo desviados para o trabalho nas fazendas de café de São Paulo.

Faz-se necessário também mencionar que Dom Pedro II interessou-se pela entrada desses agricultores europeus, pois ajudariam a “branquear” a sociedade brasileira e a povoar vastas regiões do sul do país, que ainda eram imensas matas virgens ou campos. Para atrair esses imigrantes, o governo fazia propagandas encantadoras, concedendo uma série de favores, e enviou diversos agentes encarregados de recrutar e vender o sonho da vida de fartura na América (BONFADA, 1991).

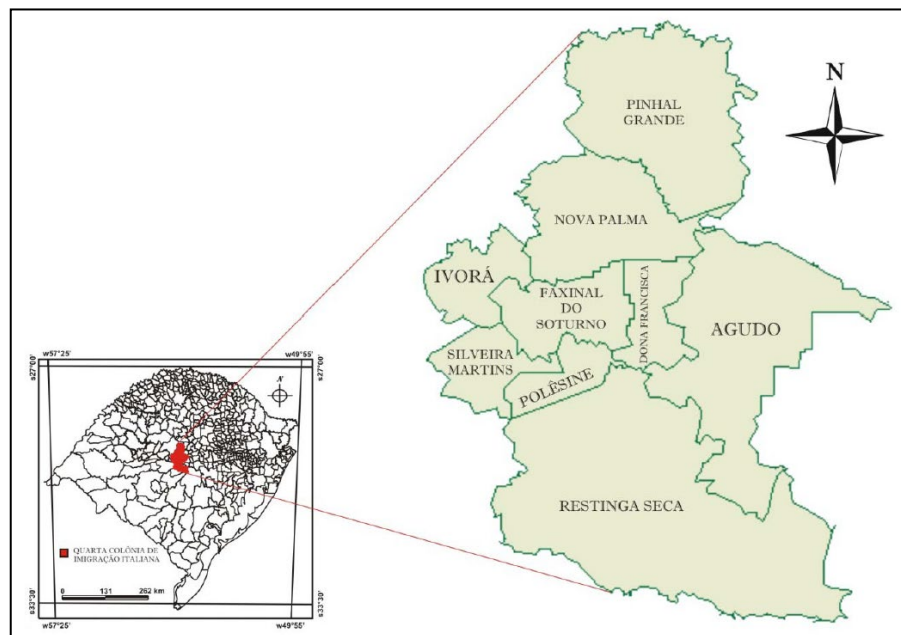
Quando se fala em matas virgens ou terras desabitadas, cabe explicar que antes da chegada dos imigrantes italianos, outras colônias já tinham sido criadas, porém para receber imigrantes alemães desde o ano de 1824, conforme corrobora Kemmerich (2018, p. 56):

As áreas cultiváveis e as planícies próximas aos rios já haviam sido ocupadas por imigrantes alemães, terras estas doadas pelo governo imperial a partir de 1824 em São Leopoldo, no Vale do Rio dos Sinos. A partir de 1845, as colônias alemãs oficiais passaram a ser fundadas de São Leopoldo em direção ao Oeste, de modo que acompanhassem a depressão formada pelo vale do Rio Jacuí, regiões desconsideradas pela pecuária e que, uma vez povoadas, possibilitariam a abertura e a comunicação entre o Norte e o Sul da Província. A forma como se organizou a distribuição dos lotes coloniais aos italianos imigrados foram baseados nesta experiência acumulada, doravante, mediante compra. Assim, para os italianos, que chegaram meio século mais tarde ficaram designadas as terras devolutas e montanhosas da Serra Geral no Nordeste da Província e, na Região Central, também de terras devolutas e pertencentes ao governo imperial, em geral de topografia montanhosa.

que duraria mais dois longos meses. Os primeiros contingentes destinados ao Rio Grande do Sul desembarcavam no Porto de Rio Grande, sendo depois transferidos até Porto Alegre, onde seriam acomodados em galpões enquanto aguardavam ordens das autoridades sobre o seu destino final (BONFADA, 1991).

De acordo com Fagan (2014), no século XIX a administração do governo imperial com a intenção de assentar esses imigrantes, cria na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul quatro núcleos coloniais. A distribuição destes imigrantes começou pela região serrana da Província, a primeira colônia criada recebeu o nome de Conde D’Eu (atual município de Garibaldi). Em seguida, a segunda colônia demarcada foi a Dona Isabel (atual município de Bento Gonçalves). E, posteriormente, a terceira colônia, a qual foi denominada de Fundos de Dona Palmira ou Campo dos Bugres (atual município de Caxias do Sul). Na região central da província a ocupação começa em 1877, no Núcleo Colonial de Santa Maria da Boca do Monte. Na Figura 8, destaca-se os locais ocupados pelos imigrantes e que formaram a Quarta Colônia.

Figura 8 - Mapa do território do estado ocupado pela Quarta Colônia e os municípios que a compõem



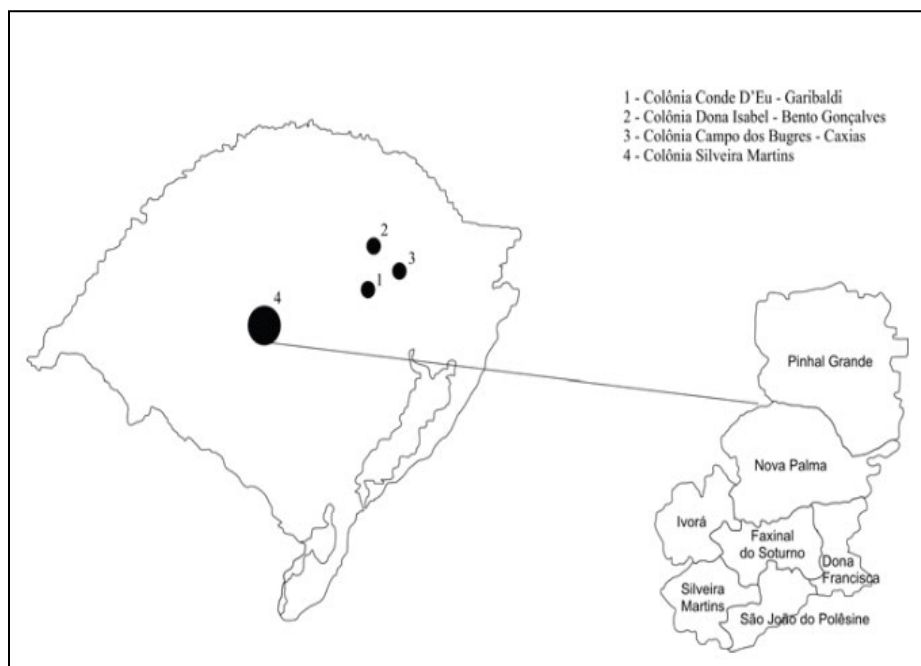
Fonte: FENALTI, N. M. S. et al (2011, p 41).

Assim, nos anos 70 do século XIX, um pouco antes da chegada dos imigrantes italianos na região central, o governo brasileiro incentivou a vinda de russos-alemães que chegam ao

RS em 1876 e se instalam no núcleo recém-criado de Santa Maria da Boca do Monte. Depois de algum tempo, estes se sentiram traídos pelo governo brasileiro, afirmavam que a propaganda teria sido enganosa, tendo em vista que as condições eram precárias, sofriam com a falta de alimentos e doenças. Além disso, os invernos rigorosos, as secas e as enchentes contribuíam no agravamento da situação. A partir de então, estes imigrantes decidiram abandonar o local e partir em buscar melhores condições e terras (SPONCHIADO, 2019).

Com o fracasso da colonização dos russo-alemães, o governo imperial promove mais uma tentativa de colonizar as terras, investindo na vinda de imigrantes italianos do norte da Itália também para esta região central. Com isso, famílias de italianos chegaram em 1877 no núcleo colonial de Santa Maria da Boca do Monte, na região que passou a ser conhecida de Val de Buia. Com a instalação de várias famílias e a continuidade do estabelecimento de outras tantas, em 1879, este núcleo passou a se denominar Colônia de Silveira Martins (em evidência na Figura 9), sendo a quarta colônia de imigrantes italianos criadas pelo Império brasileiro no Rio Grande do Sul (BOLZAN, 2015).

Figura 9 - Ilustração das colônias italianas no Rio Grande do Sul, em evidência a Colônia Silveira Martins



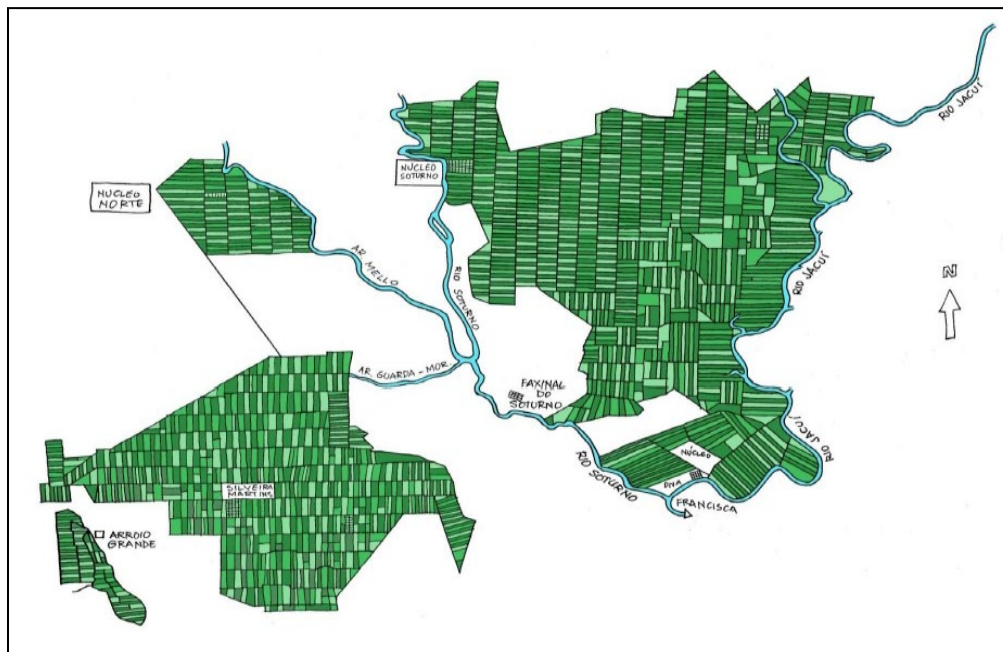
Fonte: BOLZAN, M. et al (2015, p. 209).

4.1 A QUARTA COLÔNIA DO RIO GRANDE DO SUL

A Quarta Colônia de Imigração Italiana está localizada na região central do Estado do Rio Grande do Sul. Denominado inicialmente Núcleo Colonial de Santa Maria da Boca do Monte foi criado em 1877, nas terras pertencentes ao município de Santa Maria da Boca do Monte, sendo elevado à categoria de Colônia em 1878 (CRUZ; BOLZAN; PADOIN 2021).

Em 1879 passou a ser chamada de Colônia Silveira Martins em homenagem ao político liberal Gaspar Silveira Martins⁸. Cabe salientar que no início, o nome dado pelos imigrantes ao povoado que se construía ao sopé do morro foi Cittá Nuova, depois passou a ser chamado de Cittá Bianca pelo fato das barracas serem cobertas com lençóis brancos durante o inverno (PEGORARO, 2013). A origem e ocupação da região estão relacionadas com a colonização de imigrantes alemães a partir de 1824, e, principalmente, de italianos, a partir de 1875, entre outras etnias. Na Figura 10, pode ser observada a composição da ex-colônia Silveira Martins.

Figura 10 - Núcleos da ex-colônia Silveira Martins, 1883



Fonte: SPONCHIADO, B. et al (1996, p. 62).

⁸Gaspar Silveira Martins – político que possuía importante atuação na região e foi defensor do processo imigratório (FENALTI, 2011).

As colônias eram divididas em núcleos e, estes, divididos em lotes que seriam destinados aos colonos imigrantes. A Colônia Silveira Martins era composta pelos seguintes núcleos: Núcleo Norte (Ivorá), Núcleo Dona Francisca e Núcleo Soturno (Nova Palma). Mais tarde, novos núcleos foram criados devido o constante fluxo de imigrantes que chegavam e consequentemente necessitavam de assentamento.

A Quarta Colônia Imperial de Silveira Martins vai lentamente sendo ocupada: primeiro na sede e posteriormente através da criação de novos núcleos, que se formaram nas regiões próximas. O Rio Grande do Sul passa a ser povoado em todas as direções. Neste contexto a economia cresce, a cultura italiana cria raízes em terras férteis, ocorre a implantação do espírito religioso que se fortalece com o passar dos tempos, passando a ser o esteio das novas comunidades (RIGHI; BISOGNIN; TORRI, 2001, p. 16).

Os imigrantes destinados a Colônia Silveira Martins tinham mais uma longa jornada até completarem o percurso. Deslocavam-se através do Rio Jacuí, e em seguida eram conduzidos por carroças puxadas por juntas de bois e orientados por um guia a cavalo. As carroças eram cobertas de ervas secas e fechadas nas laterais, sendo destinada uma para cada família e suas bagagens. Também, nessas carroças eram acomodadas as crianças, as mulheres e os idosos, enquanto isso os mais jovens seguiam acompanhando a pé para não sobrecarregar os animais (RIGHI; BISOGNIN; TORRI, 2001).

Ainda, de acordo com Sponchiado (1996) o deslocamento era realizado por trilhas intransitáveis e lamacentas, os imigrantes queixavam-se de sede, fome e cansaço, porém era preciso seguir firmes e confiantes rumo ao Barracão de Val de Buia, onde seria o início da nova colônia italiana. Entretanto, ao chegarem finalmente no destino, a situação com que se deparavam não era como o imaginado, pois tinham sonhado com um país de esperança e com melhores condições, com uma terra de fartura e prosperidade, mas o prometido parecia não se cumprir.

Em uma pequena clareira no meio do mato, rodeada de montes, havia um barracão que abrigava essas famílias que teriam que improvisar seu dormitório e refeição. Não havia quartos, nem assoalho e forro, apenas uma cobertura de zinco. Mas não era somente a falta de conforto que desapontou esses imigrantes, o mais apavorante era a solidão da mata virgem e os animais selvagens (BONFADA, 1991).

Logo que chegaram, esses imigrantes tiveram a assistência espiritual debaixo de uma barraca coberta com lençóis e ramos de árvores, onde a primeira missa foi celebrada pelo padre Marcelo de Souza Bittencort, pároco de Santa Maria (SPONCHIADO, 1996).

De acordo com Bellinaso (2000) foi no barracão de Val de Buia que nasceu João Iop, filho de Pedro Iop e Luísa Giroto, que seria o primeiro padre palotino ítalo-brasileiro. Na ocasião do seu nascimento, seu pai ergueu ao céu, pedindo a Deus que fizesse dele um padre, para no futuro socorrer aquele povo tão sofrido. O pedido foi atendido e no ano de 1902, João foi ordenado padre, sendo então, “a primeira semente palotina a grelar no Brasil”, (BONFADA 1991, p.16).

Com o passar do tempo, um maior número de levas de imigrantes chegavam ao Barracão e se amontoavam sem maiores condições de higiene e alimentação, além disso, a água era insuficiente. Esta situação favoreceu a instalação de uma grave epidemia que dizimaria muitas pessoas e neste momento os imigrantes desolados suplicavam por um padre. Cabe salientar que havia apenas um padre para atender a toda vastíssima paróquia, demorando semanas para atender todos os fiéis. Diante da trágica situação, a Comissão do Governo Imperial ordenou que fosse acelerado o processo de demarcação dos terrenos e que distribuíssem o mais rápido possível (BONFADA, 1991).

Todo o processo de demarcação e organização das colônias, divisão dos núcleos, lotes, assentamentos ficavam por conta da Inspeção Especial de Terras e Colonização, geralmente composta por engenheiros, desenhistas, escriturários, topógrafos. A legislação previa a participação (por representação) de colonos (FAGAN, 2014, p. 100).

Com essas demarcações realizadas e os núcleos ocupados, ainda faltavam terras para os colonos que chegavam, ocasionando o enxameamento⁹ da colônia. Uma saída para a situação foi realizar o deslocamento para outras regiões do estado, assim como criar outros núcleos nas proximidades dos já existentes (SPONCHIADO, 2019).

Os imigrantes que chegaram a sede da Colônia Silveira Martins e não podiam ali se instalar por falta de terras, passaram a adquirir lotes coloniais em outros núcleos. A comunidade de Dona Francisca, localizada ao lado direito do Rio Jacuí, viu o número de moradores se multiplicar com a chegada dos imigrantes italianos à região. No

⁹Enxameamento – “é o deslocamento de pessoas de um meio rural para outro meio rural motivadas pelo excesso de população e/ou esgotamento da terra” (SPONCHIADO, 2019, p.101).

local já se encontravam colonos alemães, concentrados principalmente do lado esquerdo do rio e luso-brasileiros (VENDRAME, 2007, p. 60).

Para se ter uma noção da extensão da colônia Silveira Martins, a abordagem de Santin (1999, p. 11) esclarece:

Quando se fala em Silveira Martins como sede da Quarta Colônia de imigração italiana, deve-se, em primeiro lugar, não limitá-la ao antigo distrito de Santa Maria e nem ao atual território do, hoje, município de Silveira Martins. A ex-colônia Silveira Martins, englobado seu território original e mais as expansões posteriores, para simplificar a compreensão, abrangia os municípios de Silveira Martins, Faxinal do Soturno, Nova Palma, Ivorá, São João do Polêsine, Pinhal Grande, parte dos municípios de Dona Francisca, Restinga Seca e áreas pertencentes à Santa Maria e Júlio de Castilhos.

Cabe salientar que no território do hoje município de Restinga Seca, alguns lotes foram destinados para assentamento de imigrantes italianos, pois sua extensão de terras era grande e a maioria pertencia aos estancieiros, restando algumas partes que faziam divisa com os outros núcleos da colônia.

Um pouco mais distante da Sede da Colônia Silveira, formaram-se novos núcleos em terras nas regiões de Jaguari, Toropi e Ijuí Grande, pois na época, constatou-se que havia terras destinadas para serem vendidas às famílias que necessitavam de assentamento. Esse fenômeno ficou conhecido como reimigração ou imigração interior, migração interna ou ainda enxameamento, sendo, então, um processo de ajustamento dos imigrantes e a posterior formação de novos povoados (SPONCHIADO, 2019).

Mais tarde, no ano de 1882 com o decreto nº 8641 a Quarta Colônia emancipa-se do regime colonial do Império e passa a ser responsabilidade da Província, pois nesse momento as colônias já teriam realizado sua missão de atrair e estimular a imigração para o Brasil e já teriam condições de seguirem com sua autonomia (BOLZAN, 2015).

A então ex-colônia passou a ser administrada pela Província, ficando sujeita as mudanças frequentes e significativas. Na visão de Biasoli (2005) o que motivou o governo imperial a emancipar essas colônias foram os seus custos. As outras três colônias (Conde D'Eu - Garibaldi, Dona Isabel – Bento Gonçalves e Campo dos Bugres – Caxias do Sul) emanciparam-se em 1884.

No caso específico da Quarta Colônia, o Decreto 8641 de 19-8-1882, concede-lhe a emancipação do regime colonial do Império e passa a responsabilidade para a

Província. Assim, a partir desta data, a Colônia Silveira Martins torna-se juridicamente o 5º distrito de Santa Maria (CRUZ; BOLZAN; PADOIN, 2021, p. 108).

Outras mudanças estavam por acontecer na ex-colônia Silveira Martins, uma das mais significativas foi no ano de 1886 quando a Administração Provincial decidiu fragmentar as terras com todos seus núcleos, dividindo em três partes, sendo distribuídos aos municípios vizinhos, ficando assim: São Martinho e Vila Rica¹⁰ (Júlio de Castilhos), São João da Cachoeira (hoje Cachoeira do Sul) e Santa Maria da Boca do Monte.

Ficou para Santa Maria a parte mais significativa por incluir a sede Silveira Martins, o restante foi dividido entre Cachoeira do Sul e Júlio de Castilhos. As terras pertencentes à região de Faxinal do Soturno, Novo Treviso, Vale Vêneto, Ribeirão, São João do Polêsine e a sede Dona Francisca vão formar o quinto distrito do município de Cachoeira do Sul. No ano de 1959, os núcleos de Faxinal do Soturno, Dona Francisca e São João do Polêsine emancipam-se de Cachoeira do Sul, sendo a nova sede, o recém-criado, município de Faxinal do Soturno. Em 1960, Nova Palma emancipa-se de Júlio de Castilhos levando junto os núcleos de Ivorá e parte de Pinhal Grande, que foram desmembrados de Júlio de Castilhos. Assim, Silveira Martins tornou-se o 4º distrito de Santa Maria juntamente com Arroio Grande (CRUZ; BOLZAN; PADOIN, 2021).

Mais tarde, esses núcleos se mobilizaram em busca de emancipações político-administrativas que permitiria uma maior autonomia. Aos poucos as emancipações aconteceram e então esses núcleos passaram a ser municípios a partir do final dos anos 50 até meados dos anos 90 do século XX.

Como dito anteriormente, em 1959 surge o município de Faxinal do Soturno. Agudo e Restinga Seca também se emancipam em 1959 (BOLZAN, 2015). Em 1960, Nova Palma. Em 1965, Dona Francisca. Em 1988, Ivorá e Silveira Martins. E em 1992, Pinhal Grande e São João do Polêsine (BOLZAN, 2015).

Parte das terras onde se localizam os municípios de Agudo e Restinga Seca pertenciam à Colônia Santo Ângelo, criada em 1857 e destinada para receber imigrantes de origem germânica, tendo recebido também colonos de outros países. Nessas terras, existiam

¹⁰Até 1881, pois depois passou para a Freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Vila Rica, que se tornou município de Vila Rica em 1891 e que em 1901, passa a denominar-se de Júlio de Castilhos (PADOIN; BOLZAN; CRUZ, 2021).

“sesmeiros, latifundiários e quilombolas, também abarcaram imigrantes, especialmente com o processo do enxameamento” (CRUZ; BOLZAN; PADOIN, 2021).

Na visão de Bolzan (2015), com o fracionamento do território da Quarta Colônia, que levou aproximadamente trinta anos para ser consolidado e o conseqüente surgimento de nove pequenas cidades que alcançaram suas emancipações em diferentes períodos, acredita-se que seu desenvolvimento econômico tenha sido comprometido, sendo necessárias novas estratégias para estimular o crescimento da região.

Neste sentido, percebe-se que os processos de emancipação estavam baseados em sentimentos identitários, na memória e no patrimônio cultural, relacionados ao passado histórico dos colonizadores da região. Cruz (2020) acredita que mesmo tendo seu território fragmentado em nove pequenos municípios, devido a interesses político-partidários, ainda prevalece entre os cidadãos o sentimento e o orgulho de pertencer a um espaço territorial e a grupos étnicos que procuram valorizar sua identidade cultural através da influência do passado histórico.

Assim, uma das primeiras ações em prol do desenvolvimento sustentável da Quarta Colônia foi o Projeto Identidade (PROI), desenvolvido em Silveira Martins no início da década de 1990, coordenado por José Itaqui que na época atuava como secretário municipal de Cultura, Turismo e Desporto daquele município.

Ainda, de acordo com Cruz (2020, p. 182):

O objetivo principal do projeto era valorizar a identidade e a cultura, por meio da educação patrimonial, procurando rememorar o passado histórico e a ancestralidade dos moradores através da identificação dos lugares de memória e dos vínculos culturais por meio de objetos, usos e costumes dos antepassados.

Este projeto de educação patrimonial que visava o fortalecimento da memória cultural dos imigrantes italianos somou-se às iniciativas de dois sacerdotes bastante atuantes na região. O Pe. Luiz Sponchiado organizou em Nova Palma o Centro de Pesquisas Genealógicas da Imigração Italiana da Quarta Colônia (CPG), sendo inaugurado em 1984. Além disso, ele resgatou a denominação de Quarta Colônia Imperial de Imigração Italiana. O Pe. Clementino Marcuzzo foi o outro sacerdote que buscou divulgar a cultura ítalo-brasileira em Vale Vêneto, a partir da organização de festas típicas com enfoque na religiosidade católica e na italianidade.

O Festival de Inverno de Vale Vêneto em parceria com a UFSM é um dos resultados do trabalho desenvolvido por ele (CRUZ; BOLZAN; PADOIN, 2021).

Em virtude dos resultados positivos do PROI, foi criado então o Projeto Regional de Educação Patrimonial (1994-2002), que foi desenvolvido em todos os municípios da Quarta Colônia (CRUZ, 2020). Neste trabalho, atuavam professores das redes municipais e estaduais, que recebiam capacitações para trabalhar o patrimônio histórico-cultural e ambiental nos projetos de educação patrimonial.

Ao mesmo tempo em que ocorria a finalização do Projeto Identidade, é criado o Projeto de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia (PRODESUS) em 1995 com a finalidade de valorizar o patrimônio e promover o crescimento equilibrado com o meio ambiente e com a cultura. A partir deste planejamento e devido à necessidade, surge a criação do Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia (CONDESUS) institucionalizado em 1996, com iniciativas pautadas na valorização da identidade regional e no desenvolvimento sustentável (SILVA, 2014). Este consórcio reúne os municípios de Faxinal do Soturno, Nova Palma, Pinhal Grande, Ivorá, São João do Polêsine, Dona Francisca, Silveira Martins, incluindo os municípios de Agudo e Restinga Seca “pois seus territórios e o processo histórico os vinculam à região de imigração, fortalecendo assim a integração” (CRUZ; BOLZAN; PADOIN, 2021, p. 19).

Para Cruz (2020, p. 187):

No CONDESUS Quarta Colônia os nove pequenos municípios estão integrados em torno de um ideal comum, objetivando a cooperação para alavancar o desenvolvimento regional sustentável, através da Gestão Integrada do Território, procurando superar problemas antigos relacionados ao desenvolvimento econômico. Além disso, procura o promover o bem comum por meio de ações políticas que busquem o desenvolvimento social e cultural, preservando e valorizando a identidade dos diferentes grupos humanos que formam a Quarta Colônia.

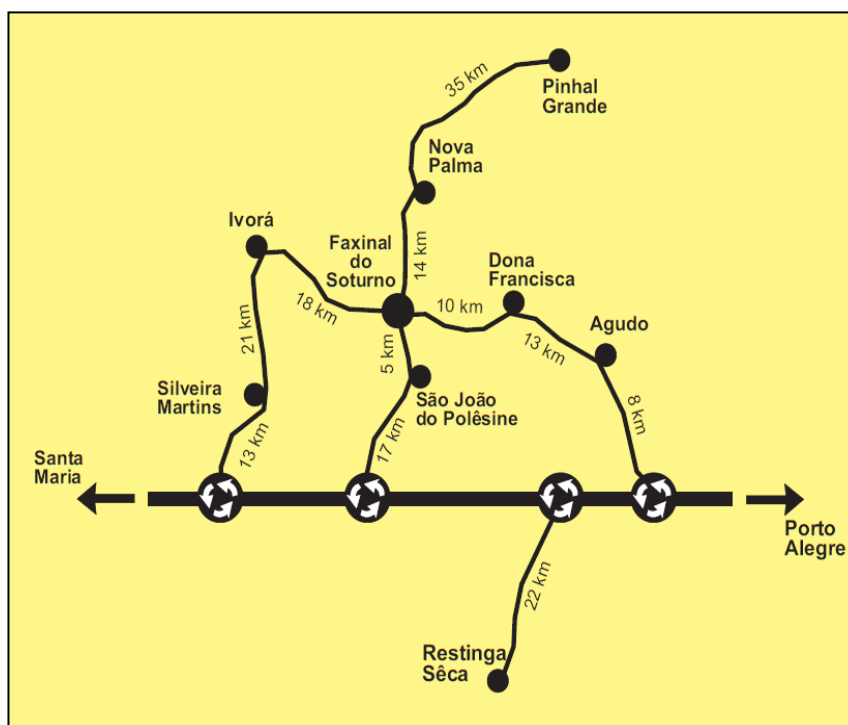
Com isso, o termo Quarta Colônia passou a designar a partir do final do século XX, uma região que tem como ponto de partida a imigração italiana. Proporcionando, depois de diversas mudanças, o surgimento de nove municípios e que atualmente solicitou o reconhecimento da UNESCO como Geoparque Quarta Colônia, sendo no momento aspirante a esta certificação internacional. Esta iniciativa teve como objetivo recuperar a estagnação

econômica histórica que ocorreu quando o território da ex-colônia de Silveira Martins, ainda no período Imperial, foi fragmentado.

A partir deste resgate histórico, é possível compreender os processos pelos quais a Quarta Colônia passou até ser constituída pelos municípios que a compõem atualmente, tendo em vista que se originou de antigos núcleos coloniais como de terras ocupadas pela expansão dos imigrantes europeus e seus descendentes.

Além disso, cabe salientar que este relato dos acontecimentos torna-se necessário neste estudo para mostrar que foi por meio dos imigrantes italianos que a congregação dos padres palotinos chegou até a Quarta Colônia. Na Figura 11 é possível verificar a distância entre os municípios que compõem a Quarta Colônia.

Figura 11 - Ilustração das distâncias entre os municípios que compõem a Quarta Colônia



Fonte: FAGAN, E. B. et al (2014, p. 115).

4.2 FORMAÇÃO HISTÓRICA DE FAXINAL DO SOTURNO

Considerado o processo histórico deste Município, temos na localidade de Novo Treviso (hoje, fica 8 km da sede de Faxinal do Soturno), que nos primeiros tempos foi chamada de Núcleo Geringonça, e foi o berço de Faxinal do Soturno. Neste local, estabeleceram-se os primeiros italianos da localidade. Este suposto nome se deve ao fato de que em 1885, a Comissão de Demarcação de Terras encontrava-se medindo alguns lotes na região e chamaram este núcleo de Geringonça, referindo-se a ideia de bagunça ou confusão. Pelo fato de estar localizado entre vales de difícil acesso e montanhas bastante retorcidas, além de pequenos rios que não tem o curso normal, dificultando assim encontrar um ponto de referência para as medições. A partir de 1892, o padre Cornélio O'Connor sugeriu a troca do nome, passando então a ser chamado de Novo Treviso, como forma de homenagear a maioria dos colonos que eram oriundos da Província de Treviso, norte da Itália (BONFADA, 1991).

Figura 12 - Vista parcial da comunidade de Novo Treviso



Fonte: Fotografia digital do acervo de Vanessa Baccin (2019).

Entretanto, foi, também, no início da colonização que aconteceu a ocupação das terras à margem esquerda do Rio Soturno, onde se formou uma florescente comunidade de imigrantes italianos, a qual se deu o nome de Campo do Meio, depois Campo dos Bugres. A denominação

de Campo dos Bugres¹¹ surgiu do fato de neste local terem sido encontrados alguns cemitérios e utensílios indígenas. Depois que os tapes desapareceram, o território foi ocupado por índios mestiços, açorianos, castelhanos orientais e escravos que fugiam das fazendas, os quais escondiam-se nas encostas da serra. Estes lugares serviam como refúgio para fugitivos da polícia, para os que se escondiam das leis e do recrutamento militar, ficando inclusive conhecido como refúgio de vagabundos. Posteriormente, o lugar passou a denominar-se Faxinal do Soturno¹² (CESCA, 1975).

Ainda, de acordo com Cesca (1975, p. 30) o termo Soturno “foi motivado pelos pantanais ribeirinhos, que nos primeiros tempos se apresentavam cobertos de mato cerrado e escuro, um lugar soturno e perigoso”. Em relação ao termo Faxinal, se deve a vegetação rasteira que cobria os campos, semelhante a uma pastagem que avançava pelo interior das florestas, na época da colonização. O gentílico usado pode ser faxinalense ou soturnense (PEGORARO, 2013).

Este povoado cresceu depois que alguns grandes latifundiários venderam lotes de suas terras aos imigrantes, pois com excesso de população e/ou esgotamento de terra eram necessárias novas áreas. Em Faxinal do Soturno, a situação geográfica era mais estável, o que contribuiu para este processo de transferência. Além disso, os moradores de Novo Treviso tinham dificuldades de deslocamento devido à distância da estrada que ligava à colônia Silveira Martins.

Logo no início da chegada dos primeiros imigrantes, o governo imperial deu ordens para abrir uma estrada que unisse a sede da colônia a Geringonça, o que foi feito. Mas, devido à longa distância e dificuldades para atravessar os Rios Melo e Soturno, muitos imigrantes preferiram esperar por novas posições. Alguns imigrantes resolveram adquirir terras de particulares, mais férteis e bem localizadas, pois possuíam recursos para tal empreendimento (RIGHI; BISOGNIN; TORRI, 2001, p. 79).

Os pioneiros que deixaram seus nomes registrados na história de Faxinal do Soturno são João Batista Zago, Coronel José Marques Ribeiro, Vicente Pigatto e Vitório de David, cada

¹¹ Bugres – Sociedades tradicionais ou povos tradicionais indígenas, ou seja, sociedades anteriores a invasão da América pelos europeus. Nas áreas mais altas da Quarta Colônia, foram localizadas cerâmicas indígenas (PADOIN; FIGUEIRÓ; CRUZ, 2021).

¹² Faxinal do Soturno – não foram encontrados registros sobre a partir de quando recebeu esta denominação.

um contribuiu de significativamente para o desenvolvimento deste local que depois se tornou município.

O imigrante João Batista Zago (Figura 13) é considerado fundador de Faxinal do Soturno. Chegando em 1888, inicialmente estabeleceu-se em Geringonça e, em 1896 transferiu-se para Faxinal. Atribui-se a Zago a devoção a São Roque, padroeiro do município, bem como a imagem trazida por ele da Itália. Zago também dirigiu a construção da primeira, da segunda e da terceira capela de São Roque, além da primeira escola. Este cidadão foi desde os primórdios um benfeitor da comunidade nos setores econômico e social, religioso e educacional.

Outro personagem da história de Faxinal do Soturno foi o Coronel Marques, membro do Batalhão da Guarda Nacional criado por Dom Pedro II para defender o Brasil na Guerra do Paraguai. Finda a Guerra em 1870, o Coronel José Marques recebeu uma gleba de terras na várzea de Faxinal. Na próspera comunidade faxinalense, foi um benfeitor dos imigrantes que chegavam à região. Atuou como subdelegado de polícia e médico homeopata devido ao seu expressivo conhecimento medicinal e farmacêutico, auxiliando também na epidemia¹³ ocorrida em Geringonça (CESCA, 1975).

Figura 13 - João Batista Zago



Fonte: Museu Fotográfico Irmão Ademar da Rocha – Faxinal do Soturno/RS, [s/d].

¹³Epidemia - Em 1892 uma terrível epidemia totalmente desconhecida, atingiu o pequeno povoado. Iniciava-se com uma febre fortíssima, levando os enfermos a óbito em apenas 24 horas. Ao todo foram em torno de 10 a 12 vítimas no curto espaço de tempo de 15 a 20 dias. O segundo surto ocorreu dois anos mais tarde e desta vez o número de vítimas foi maior (CESCA, 1975).

Ainda, é preciso mencionar o imigrante Vicente Pigatto, nascido em Vicenza (Itália), estabeleceu-se Faxinal do Soturno em 1892, cabe salientar que na época chamava-se “Campo do Meio”, onde contribuiu para a construção de estradas de ferro como a Santa Maria-Alegrete. Prestou grande auxílio na construção de estradas e pontes que ligavam Faxinal aos povoados de Restinga Seca e Nova Palma. Além disso, no ano de 1929 trabalhou pela construção da ponte metálica de 40m de comprimento sobre o Rio Soturno que fica na ERS 348 no acesso ao Distrito de Santos Anjos (CESCA, 1975).

Além do mais, de acordo com os estudos de Stefanello (2015), Vicente Pigatto era agricultor e junto com sua esposa Amélia foram empreendedores que investiram no ramo comercial. Aos poucos foram expandindo seus negócios e prosperando, isso explica o seu empenho e envolvimento na construção de estradas e pontes. Ao longo do tempo, a família Pigatto transformou essa casa comercial em uma das mais poderosas da região e mesmo depois de ter passado por gerações a tradicional Casa Pigatto resistiu. A figura 14, não se trata da primeira Casa Pigatto, mas sim da segunda, que inclusive tem em sua fachada o desenho de um gato com um rato na boca e com a seguinte frase: “*Enquanto este gato não comer este rato, existirá a Casa Pigatto*”. Em 2019 o empreendimento fechou a portas, após muitos anos de atuação no Município.

Figura 14 - Casa Pigatto, em 2017



Fonte: Fotografia digital do acervo de Vanessa Baccin (2021).

Outro personagem de destaque em Faxinal do Soturno foi Vitório de David, nascido em Belluno (Itália), estabeleceu-se inicialmente em Geringonça onde se casou com Teresa, filha de João Batista Zago. Mais tarde, no ano de 1893 transferiu-se para Faxinal do Soturno onde abriu uma pequena serraria, um moinho de trigo e milho com descascador de arroz na Linha Barracão. Durante a epidemia, prestou auxílio ao Coronel Marques com dedicação, destacando-se pelo esforço e conhecimento prático de enfermagem. Juntamente com a esposa, que era parteira, muito fizeram para o progresso da comunidade. O casal sempre estava envolvido em diversas obras religiosas da época, particularmente na construção da Igreja Matriz São Roque.

Com a fragmentação do território da Colônia Silveira Martins em 1886, Faxinal do Soturno passou a ser o 5º Distrito de Cachoeira do Sul, sendo elevado à categoria de Vila. Essa divisão retardou os processos emancipacionistas¹⁴, que só de iniciam no final de década de 1950 e se concluem na década de 1990 (BOLZAN, 2015).

O crescimento da população e o progresso dos últimos anos levou os moradores a pensar na emancipação política e administrativa, que se intensificou ainda mais com a vinda, na época, do governador Walter Jobim. Como descreve Cesca (1975, p. 31) “naquele dia 14 de novembro de 1948, um domingo, Faxinal amanheceu engalanado para receber a primeira visita de um governador do Estado. A chegada da sua excelência foi algo incomum”.

Com a ideia da emancipação repercutindo favoravelmente e a população amadurecendo a intenção, os três núcleos começam a pleitear a sede municipal: Faxinal do Soturno, Dona Francisca e São João do Polêsine, sendo preciso constituir uma comissão para realizar o plebiscito, foi organizada então a Comissão Pró-emancipação, que foi formada pelos moradores: Eusébio Roque Busanello, Benjamim Santo Zago, Almiro Pedro Ciocari, Achilles Cervo, Albino Zago, Anselmo Cassol, Erich Bruchhorst, Augusto Pradella, José Camilo Montagner e Moacir José Soccal (CESCA, 1975).

¹⁴ Em 1957 o padre Luizinho Sponchiado tentou criar um novo município abarcando toda a Quarta Colônia, porém sem sucesso devido a disputas pela sede. Em 1958 novamente o padre lança a proposta emancipando somente Nova Palma, Dona Francisca e Faxinal do Soturno, mas teve sua proposta ignorada. Mais tarde, por uma iniciativa dos municípios, as emancipações ocorreram em 1959 (Faxinal do Soturno, Agudo e Restinga Seca), em 1960 (Nova Palma), em 1965 (Dona Francisca), em 1988 (Ivorá e Silveira Martins) e em 1992 (Pinhal Grande e São João do Polêsine) (BOLZAN, 2015).

O motivo que nos leva a emancipar-nos é devido à grande distância (mais de 100 quilômetros) da sede de Cachoeira do Sul e de termos todas as condições essenciais exigidas por lei e mais ainda as vantagens que iremos ter.

VANTAGENS – Um município pequeno é mais fácil de ser administrado. Os homens que nós elegeremos para cuidar da administração serão pessoas conhecidas e criadas dentro desta colônia e, por isso, já conhecedora dos nossos problemas. O dinheiro recolhido dos impostos ficará todo aqui na nossa colônia e será aplicado em benefício da mesma. Os impostos não serão aumentados. O novo município começará a funcionar sem nenhuma dívida. O exemplo que temos são os outros municípios que se formaram ultimamente. Todos estão em boas condições e caminham em franco progresso.

SEDE- Quanto à questão de emancipação, sabemos que não há nenhuma dificuldade, pois todos estamos de acordo. Porém, o caso mais delicado e de maior interesse é a escolha da sede do futuro município. Cada um de nós entende pelo mesmo que a sede deve ser escolhida no centro do município a fim de facilitar o acesso a todos os moradores da nova Comuna (COMISSÃO PRÓ-EMANCIPAÇÃO¹⁵, 1958, [s.p]).

De acordo com Bolzan (2015) em virtude do interesse e disputa pela sede do novo município, foi autorizada uma consulta plebiscitária na área emancipada, determinando que a sede do município fosse aquela que obtivesse o maior número de votos válidos para a emancipação na localidade em questão. Depois de realizado o plebiscito, o resultado mostrou que a sede do município seria Faxinal do Soturno, uma vez que obteve maior número de votos válidos.

A emancipação político-administrativa de Faxinal do Soturno ocorreu a partir deste plebiscito realizado no dia 30 de novembro de 1958, sendo, portanto, a primeira localidade da Quarta Colônia a realizar o processo emancipacionista. O novo município foi criado pela Lei Estadual nº 3.711 em 12 de fevereiro de 1959, data que ficou considerada como aniversário do município (CESCA, 1975).

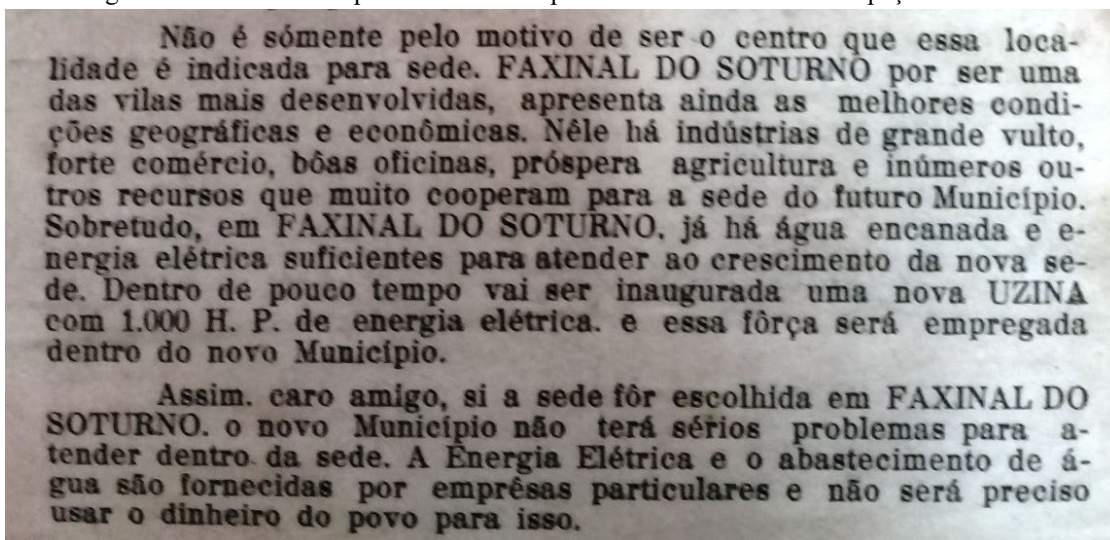
Faxinal do Soturno emancipou-se abrangendo um território que englobava na época os atuais municípios de Dona Francisca e São João do Polêsine. Após a emancipação teve início uma luta política pela definição da sede do município, sendo reivindicava pela comunidade de Dona Francisca. Essa questão da sede foi resolvida com a emancipação do município Franciscano em 1965. Quase três décadas depois, São João do Polêsine emancipa-se em 1992 (PUJOL, 2004).

¹⁵ Trecho do impresso distribuído pela comissão de pró-emancipação aos conterrâneos, disponível no Arquivo da Prefeitura Municipal de Faxinal do Soturno.

Cabe salientar que antes deste processo de emancipação concretizado, houve uma tentativa, nos anos 50, por parte do Padre Luiz Sponchiado em unir toda a ex-colônia sob um único município, porém não obteve êxito (BOLZAN, 2015).

De acordo com Pujol (2004, p. 21) “pela dinâmica de sua economia e pela sua localização geográfica Faxinal do Soturno naturalmente consolidava-se como município polo regional”. O trecho abaixo (da Figura 15) aponta os fatores que a comissão emancipacionista argumentava como vantagens para a obtenção da emancipação.

Figura 15 - Trecho do Impresso distribuído pela Comissão de Pró-emancipação em 1958.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Faxinal do Soturno.

No que tange à história econômico-industrial de Faxinal do Soturno, esta pode ser dividida em antes e depois da obra de Angelo Bozzetto, pois, a partir da década de 1920, iniciou-se a Fábrica de Trilhadeiras “Tigre”, que exportava para a Argentina e Uruguai. Bozzetto também fundou a Usina Hidrelétrica Nova Palma Ltda, que passou a fornecer energia elétrica para diversas comunidades como Faxinal do Soturno, Nova Palma, Restinga Seca, Agudo, Júlio de Castilhos e Santa Maria.

A existência da energia elétrica contribuiu para o desenvolvimento de toda a região. Bozzetto também fundou a Sociedade Abastecedora de Água Ltda, para resolver o problema de água potável de Faxinal do Soturno. Além destas frentes, Bozzetto atuou em diversas ações empresariais e comunitárias, como na construção da Igreja Matriz, criação do Posto Agropecuário, iluminação pública urbana, criação da rádio local e Casa de Saúde.

De acordo com Pujol (2004), a fundação de Hospital de Caridade São Roque, muito contribuiu para o desenvolvimento de Faxinal do Soturno. Tendo iniciado em 1938 como uma Casa de Saúde particular que prestava atendimento regional. Em 1959 são iniciados os estudos para a construção de um hospital público comunitário, que mais tarde tornou-se realidade, sendo inaugurado em 1971 e que até os dias atuais atende a toda região.

Outros fatores de desenvolvimento foram: a inauguração da Igreja Matriz São Roque em 1939, a inauguração do Pré-Seminário São José em 1950, destinado à educação de jovens e formação para os que escolhiam preparar-se para o sacerdócio. Também em 1949, chegavam as Irmãs Palotinas com a finalidade de auxiliar no Pré-Seminário São José. Também, cabe destacar a criação do Pensionato Nossa Senhora Conquistadora que contribuiu para a vinda de estudantes para o local.

Além disso, Faxinal possui duas casas comerciais e uma próspera Cooperativa Mista. Porém, a maior glória de Faxinal que cabalmente retrata a grandeza e a iniciativa deste povo é a majestosa Igreja São Roque, o imponente Pré-Seminário São José e o moderno edifício do salão paroquial, no qual, em princípios de 1951 funcionará o Pensionato (REVISTA RAINHA DOS APÓSTOLOS, 1950, p. 322).

Nesta mesma época, os padres palotinos fundaram a Rádio Faxinal do Soturno, fato este que colocou a cidade, definitivamente, no centro das atenções da região.

Além das empresas como a Usina Hidrelétrica Nova Palma e a Fábrica de Implementos Agrícolas Bozzetto, foram surgindo outros empreendimentos que contribuíram para o dinamismo econômico do município, sendo eles: Moinhos Zago, a Coopsil¹⁶, Irmãos Prevedello, Lojas Pigatto, Farmácia Santa Terezinha, Pozzobon de Polêsine, Coradini de Santos Anjos, Loja Zago e Móveis Meneghetti. Para reunir forças e representar as empresas, é criada em 1969 a ACIS¹⁷ sendo uma entidade defensora da classe empresarial no município, que estimulou inclusive o empreendedorismo. Na área pública, vieram para o município órgãos públicos como o Ciretram¹⁸, o Destacamento da Brigada Militar, a Corsan¹⁹, o Fórum, o Banco do Brasil, o colégio Dom Antônio Reis, além de verbas para diversas obras públicas.

¹⁶Coopsil – Cooperativa Agrícola Mista Santo Isidoro Ltda.

¹⁷Acis – Associação Comercial, Industrial e de Serviços de Faxinal do Soturno.

¹⁸Ciretram - Circunscrição Regional de Trânsito.

¹⁹Corsan - Companhia Riograndense de Saneamento.

O auge do Pré-Seminário São José ocorreu na década de 50, porém com o surgimento das escolas estaduais, dentre elas o Colégio Dom Antônio Reis, o número de alunos diminuía gradativamente. Além disso, a falta da vocação para o sacerdócio preocupava os padres. Na década de 60 os professores do estado ministravam aulas no prédio do Pré-Seminário e em troca passam a atender aos seminaristas, para seguirem para Vale Vêneto com o ginásio concluído. Em 1970, os palotinos encerram definitivamente as atividades, restando apenas alguns padres residindo. Parte da área no entorno foi loteada e vendida, restando o prédio que por algum tempo ficou fechado até a Mitra Diocesana entregar para a paróquia de Faxinal do Soturno. Essa por sua vez, alugava o imóvel para terceiros com a condição de que fizessem a manutenção do mesmo. No ano de 2009, a prefeitura municipal e a paróquia concluíram as negociações para a compra do imóvel, sendo, então, transferidas algumas secretarias municipais e serviços públicos para lá.

Em 2021, o município no âmbito educacional atende desde a Educação Infantil até o Ensino Superior. No setor econômico, o comércio também se faz presente, através da instalação de novas empresas, indústrias e agroindústrias que geram emprego e renda.

Ao passo que o desenvolvimento de Faxinal do Soturno acontece, as gerações buscam preservar usos e costumes dos povos que fazem parte de sua formação, principalmente dos imigrantes italianos, por meio das diversas manifestações gastronômicas, arquitetônicas e religiosas. Nos dias de hoje, ainda é possível visualizar diversas construções típicas da arquitetura colonial (urbana e rural) italiana, como igrejas, estabelecimentos comerciais e residências. A gastronomia típica pode ser experimentada nas festas realizadas pelas comunidades, principalmente, as do interior. Estes encontros geralmente estão vinculados à vivência religiosa das famílias, que se reúnem em celebrações de fé e em homenagem aos seus padroeiros.

A religiosidade e suas manifestações também fazem parte da cultura e da história local, se transformando em um potencial turístico de Faxinal do Soturno. Um dos lugares mais visitados do Município é a Ermida de São Pio de Pietrelcina, localizada no topo do Cerro Comprido, há cerca de 500 metros de altitude e distante aproximadamente cinco quilômetros do perímetro urbano. Além da pequena igreja, construída em 2004, o local proporciona uma paisagem exuberante, dispondo de rampa para a prática de voo livre e mirante com ampla vista aérea da região.

Figura 16 - Ermida São Pio de Pietrelcina



Fonte: Fotografia digital do acervo de Vanessa Baccin (2021).

Outra atração turística de Faxinal do Soturno é o Museu Histórico Geringonça (Figura 17), situado no interior, na localidade de Novo Treviso, onde se deu a origem do município. O museu retrata a história da imigração e reúne um acervo de utensílios usados pelos primeiros imigrantes italianos que ali chegaram. O prédio que abriga o museu, inicialmente foi a Escola Sagrado Coração de Jesus, fundada pelas Irmãs da Congregação do Imaculado Coração de Maria, tendo uma pequena capela em anexo. Mais tarde, o prédio passou a pertencer ao Senhor Pio Ernesto Ceolin, que no ano de 1994, com incentivo do Pe. Daniel Cargnin doou para a Prefeitura Municipal com a finalidade de instalar o Museu Histórico de Novo Treviso.

Depois da obra de restauração do imóvel, passou-se então ao trabalho de montagem do museu. Novas peças foram doadas pela comunidade local e todo o restante do acervo, que já existia, foi catalogado e restaurado. Assim, o idealizador deste Museu foi o Padre Daniel Cargnin e o nome foi escolhido pela própria comunidade, pois Geringonça foi o primeiro nome que Novo Treviso recebeu.

Figura 17 - Museu Histórico Geringonça de Novo Treviso



Fonte: Fotografia digital do acervo de Vanessa Baccin (2021).

Mais um ponto que atrai turistas com motivos de fé é a Gruta Nossa Senhora de Lourdes, situada no Sítio Alto, no interior de Faxinal do Soturno. O espaço foi inaugurado em 1958, em comemoração ao centenário da primeira aparição de Maria sob o título de Nossa Senhora de Lourdes.

No centro da cidade, outros dois monumentos religiosos compõem o conjunto de atrativos turísticos de Faxinal do Soturno: a Igreja Matriz São Roque e o Santuário Mãe Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt, em que esta última faz parte do complexo junto ao Pré-Seminário São José.

A Igreja Matriz São Roque, que leva o nome do padroeiro do município, começou a ser construída em 1937 e foi inaugurada em 1939. Porém, foi efetivada como paróquia somente em 1960, após sua emancipação. Anteriormente, Faxinal do Soturno pertencia eclesiasticamente à paróquia de Novo Treviso, a qual foi elevada à categoria de paróquia em 1925. As pinturas internas da Igreja Matriz que representam o Antigo e o Novo Testamento foram feitas pelo pintor italiano Ângelo Lazzarini e contribuem para que a Igreja seja considerada uma das mais belas da Quarta Colônia.

Já o Santuário Mãe Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt (Figura 18) foi construído em 1950 por Eugênio Piovesan, junto ao Bosque Municipal e ao Pré-Seminário São José, em uma área de preservação ambiental no centro da atual cidade. A devoção à Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt teve início com o diácono João Luiz Pozzobon incentivado pelo padre José Kentenich, fundador do movimento Apostólico de Schoenstatt. Inclusive João Luiz Pozzobon seguidamente realizava atividades religiosas junto as comunidades e ao Pré-Seminário.

Figura 18 - Santuário Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt



Fonte: Fotografia digital do acervo de Vanessa Baccin (2021).

O Museu Fotográfico Irmão Ademar da Rocha, que pertence ao espaço do antigo Pré-Seminário São José, reúne um acervo de aproximadamente 3.500 fotografias que retratam o período compreendido entre a década de 1920 até o ano de 1999. Este museu reúne um rico acervo de fotografias do irmão palotino Ademar da Rocha, que atuou por longos anos na região. Assim, seu acervo possibilita aos visitantes conhecer e entender a história e as características da sociedade que fez parte da construção da região em que integra, hoje, o município de Faxinal do Soturno. Por meio das fotografias, é possível observar os costumes,

as vestimentas, a gastronomia, as festas e celebrações religiosas, além de revisitar os principais acontecimentos.

Assim, a partir desta contextualização histórica sobre a Quarta Colônia e Faxinal do Soturno é possível compreender o surgimento e a formação da região e do município. Além disso, permite entender quais os principais pontos turísticos existentes, os quais têm relação direta com a atuação da igreja católica principalmente por meio dos padres palotinos.

5. OS PALOTINOS E A HISTÓRIA DO PRÉ-SEMINÁRIO SÃO JOSÉ

1.1 OS PALOTINOS E SUA ATUAÇÃO

Os imigrantes que vieram construir uma nova vida na região trouxeram além do sonho e expectativas, seus costumes, tradições, crenças e religiosidade. Ou seja, uma rica cultura. Ao chegarem em terras desconhecidas se depararam com um terreno hostil, de mato fechado, com animais perigosos e muitas dificuldades, porém, foi na fé que carregavam consigo que encontraram forças para superar as dificuldades e continuar lutando pela vida nova na América.

Conforme descreve Bellinaso (2000), esses imigrantes trouxeram também sua cultura, seus costumes, a gastronomia, seus valores e a característica marcante que seria um elo de identificação entre eles, a religiosidade. Se na Itália eles seguiam as doutrinas da igreja católica, em terras novas não poderia ser diferente, esses seguidores acreditavam que a vida não faria sentido sem a assistência religiosa, então era preciso buscar proteção e amparo que somente um sacerdote poderia oferecer.

Por conseguinte, no ano de 1886, foi por convite de um grupo de imigrantes italianos que os padres Palotinos chegaram à região da Quarta Colônia, mais precisamente na localidade de Vale Vêneto, com a finalidade inicial de prestar assistência religiosa aos imigrantes italianos e foram expandindo suas atividades para as diversas localidades vizinhas, onde construíram seminários e escolas, como em Faxinal do Soturno (SILVA, 2020).

De acordo com Bonfada (1991, p. 34) “a história de Vale Vêneto foi, sobretudo, uma história de religiosidade e fé. Uma fé tão pujante que não lhes deu tréguas até conseguirem um pastor estável para suas almas”. Os imigrantes organizaram uma ação conjunta para conseguirem sacerdotes que atendessem as suas necessidades espirituais. Desta forma, o sofrimento, abandono e o descaso vivido pelos imigrantes da Colônia Silveira Martins foram diminuídos a partir da chegada dos sacerdotes na região (WERLANG, 2008).

Assim, estes imigrantes foram construindo capitéis²⁰ e igrejas pelas localidades, pois, precisavam ter um lugar para orar e que representasse concretamente suas devoções, trazendo essa tradição e religiosidade de onde viviam na Europa, em que a Igreja era o centro das comunidades.

²⁰ Capitéis – pequenos oratórios em formato de capela construídos pelos imigrantes italianos.

Os sacerdotes da Pia Sociedade das Missões, ao chegarem à Quarta Colônia de Imigração Italiana trouxeram consigo suas crenças, suas doutrinas e dogmas que orientavam seu mundo e o mundo de seus assistidos. A visão de sociedade e de cristão que os sacerdotes palotinos vão implementar nas colônias é fruto da sua visão ultramontana de mundo, na qual toda assistência religiosa é subordinada à figura do sacerdote (SILVA, 2020, p. 12).

Apesar da vinda de sacerdotes trazidos da Europa, a falta de um maior número de sacerdotes e assim de uma assistência era uma realidade constante. Então por iniciativa dos padres Palotinos começam a surgir os seminários. Em 1947, é que criado o projeto de construção do espaço, inicialmente chamado de Juvenato, que posteriormente foi denominado Pré-Seminário São José na localidade de Faxinal do Soturno. Este local seria destinado a receber alunos de curso primário, os quais poderiam seguir na vida religiosa, tornando-se seminaristas, sendo essa a principal motivação da comunidade em abraçar a causa, podendo assim contar com padres residentes em seu meio.

O Pré-Seminário São José foi um importante centro educacional para Faxinal do Soturno e teve seu ponto culminante na década de 50 a 60, quando chegou a ter mais de 120 alunos internos, vindos das mais diversas cidades e regiões do Estado. Ao todo foram 25 turmas de alunos que se formaram na instituição Palotina.

A partir da década de 60, com a abertura de escolas, o número de alunos do Pré-Seminário foi diminuindo e essa escassez de alunos levou ao encerramento das atividades no Pré-Seminário São José por volta de 1970, restando apenas o imponente e tão ousado prédio que hoje pertence à Prefeitura Municipal de Faxinal do Soturno. Neste local, atualmente, funcionam diversas secretarias municipais, alguns serviços públicos essenciais, o Museu Fotográfico Irmão Ademar da Rocha e o Polo de Educação a Distância.

Neste sentido, conhecer um pouco da história de Faxinal do Soturno, bem como, da trajetória dos palotinos na Quarta Colônia, permitirá uma melhor compreensão do nosso objeto de estudo e sua caracterização como um bem patrimonial de Faxinal do Soturno e da região da Quarta Colônia o do Pré-Seminário São José.

5.2 PADRES PALOTINOS – INSTITUIÇÃO E HISTÓRIA

Conforme mencionamos anteriormente, os imigrantes ao chegarem à Colônia Silveira Martins foram se organizando e se instalando conforme suas necessidades. Por se tratar de um povo onde a religiosidade sempre foi uma característica cultural marcante, uma das primeiras iniciativas, geralmente, foi constituir espaços onde pudessem fazer suas orações e receber os sacramentos, além de ser um local para a realização de atividades sociais.

A igreja aproveitou o catolicismo dos imigrantes para criar colônias italianas em clima de cristandade, através da vivência religiosa, da frequência aos sacramentos, da construção de capelas, igrejas e escolas, constituindo um elo entre o sagrado e a vida cotidiana (CRUZ, 2019, p. 36).

Além de tentarem formar um ambiente onde pudessem ter melhores condições de vida, esses imigrantes procuravam manter suas tradições e modo de vida semelhante ao que estavam acostumados na Itália. Diante disso, fazia-se necessária assistência religiosa na colônia, então, os moradores mobilizaram-se para trazer padres para a região. O primeiro padre a visitar o Barracão de Silveira Martins, foi José Marcelino de Souza Bittencourt, que era pároco de Santa Maria e rezou a primeira missa em 19 de maio de 1878 no Barracão de Val de Buía.

Ter um lugar sagrado, profundamente venerável, e apropriado para suas orações tornou-se vital para eles, principalmente se fosse acompanhado por alguém que exercesse a profissão honrosa, alguém que se dedicasse aos interesses religiosos, em resumo, que fossem acompanhados pela presença permanente de um padre (WERLANG, 2008, p.11).

De acordo com Werlang (2008), conseguir sacerdotes católicos para a região da Quarta Colônia foi um desafio enfrentado pelos imigrantes italianos desde a sua chegada. O local onde as famílias foram alojadas era de total isolamento e difícil acesso. Diante deste abandono e desamparo, a religiosidade existente entre os colonos se intensificou, fazendo da religião o elo de união entre eles. Conforme Silva (2020, p. 14):

Os imigrantes italianos, ao se fixarem nas colônias, unem-se em torno de sua fé: sua religiosidade é um elemento de união e confiança para vencer as adversidades que se

apresentam em sua vida cotidiana. Os colonos, já nos primeiros anos, constroem capitéis, oratórios e pequenas capelas para expressar sua religiosidade. A capela passa a ser ponto de encontro, local onde se reúnem para rezar, para fazer reuniões e conviver.

Diante da necessidade, dentre os imigrantes, foi escolhido Antônio Vernier como emissário responsável para se deslocar à Itália encontrar um padre e para isso levou em mãos uma procuração assinada pelo comerciante Paulo Bortoluzzi, onde autorizava a venda de sua propriedade na Itália, com o propósito de custear os gastos e despesas da viagem do sacerdote. Posteriormente, Bortoluzzi seria reembolsado pelos imigrantes (VENDRAME, 2007).

Após um longo período de espera, chegava uma carta confirmando a vinda dos sacerdotes, então, a população começou a providenciar um lugar para abrigá-los. Inicialmente, os religiosos ficariam abrigados na Casa Paroquial de Vale Vêneto, que pertencia a Luis Rosso. Após algumas modificações, a casa estava pronta para receber os sacerdotes, que chegaram em 23 de outubro de 1881 a Porto Alegre e depois se deslocaram para a região da Colônia Silveira Martins (CRUZ, 2019).

Os primeiros padres a residirem na Quarta Colônia Silveira Martins, foram Vítor Arnoffi e Antônio Sório, oriundos da Itália, vieram por iniciativa dos moradores de Vale Vêneto. Após alguns desentendimentos, fica decidido que o primeiro irá residir em Silveira Martins e o segundo, em Vale Vêneto. Após a morte de Arnoffi começaram conflitos entre as duas comunidades quanto à residência do padre Sório. Fica decidido que o padre irá para a sede da Colônia (FAGAN, 2014, p. 106 e 107).

Com o Padre Sório sendo transferido para a sede da Colônia, a população de Vale Vêneto fica novamente sem sacerdote, e isso representava um grave problema para eles, pois, a figura do padre sempre esteve atribuída ao valor social e os imigrantes ansiavam não somente em ter um sacerdote fixo, precisavam de alguém que estivesse engajado no desenvolvimento da colônia.

Então, com a intenção de trazer novos padres para a região, Antonio Vernier se desloca novamente para a Europa para procurar sacerdotes dispostos a vir para a América. Em visita ao continente europeu, encontrou a Pia Sociedade das Missões, estabelecendo diálogos com o Procurador Geral da Província, Guilherme Whitmee, que se interessou pela missão em Vale Vêneto. Desta forma, em 1885 o Procurador chegou a pequena cidade e conheceu a região,

permanecendo por um mês e durante sua estadia conseguiu que fossem enviados dois padres (CRUZ, 2019).

Ao chegarem por estas terras, encontraram um ambiente acolhedor para a missão e uma população muito religiosa. Os colonos passaram a apoiar todo tipo de atividade que os missionários palotinos pretendiam desenvolver.

Os moradores de Vale Vêneto, descontentes, passam a se organizar para a vinda de novos padres e que estes passem a residir no local. Em 1886, chegam os primeiros padres Palotinos: Jacó Pfandler e Francisco Schuster. Os palotinos transformaram Vale Vêneto em um centro educacional com internato e externato (FAGAN, 2014, p. 107).

Denominada de Pia Sociedade das Missões ou Palotina por homenagem ao seu fundador, Vicente Palotti, essa sociedade foi criada e desenvolvida na Itália, dentro dos preceitos e normas do Ultramontanismo, uma orientação religiosa que conduzia a igreja de Roma e era também a posição assumida pelo episcopado brasileiro disposto a remodelar a Igreja no Brasil (WERLANG, 2008).

Para Biasoli (2005, p. 18) o Ultramontanismo era “uma orientação teológica e política recém consolidada em Roma, através do Concílio Vaticano I (1869-1870)”. Esta doutrina reconhecia o papa como a autoridade máxima da Igreja católica e buscava legitimar, consolidar e verticalizar o poder do catolicismo. A expressão ultramontanismo significava além das montanhas, referindo-se aos [...] “cristãos que buscavam a liderança de Roma (do outro lado da montanha) ou defendiam o ponto de vista dos papas ou davam apoio à política dos mesmos” (BIASOLI 2005, p. 19).

Em outras palavras, o Ultramontanismo foi um movimento de orientação política com propósito reformador, lançado pela igreja católica romana que fomentou a criação de muitas congregações cristãs no mundo todo e principalmente no Brasil. Essa remodelação se concretiza com a ação perseverante dos sacerdotes palotinos na região, pois, estes são os representantes de um modelo de religião que na Europa a Igreja católica estava dedicada em constituir e buscava disseminar, ultrapassando os limites europeus.

Nesta época em 1886, o número de sacerdotes era bastante reduzido em toda Província, o que preocupava a Igreja católica. Era necessário então estimular a vinda de padres do exterior para resolver este problema. Além disso, os padres palotinos sabiam o quanto a religião representava para os colonos e por isso aceitaram se estabelecer na Quarta Colônia para se

afirmarem e logo depois conquistarem e disseminarem a religião católica no Brasil. Ali nasceriam as primeiras vocações brasileiras palotinas, afinal [...] “o elemento humano era excelente, cheio de boa vontade e entusiasmo para construir uma igreja viva” (BONFADA, 1991, p. 48-49).

Desta forma, em 1886, estabeleceu-se a primeira congregação religiosa em Vale Vêneto, a Pia Sociedade das Missões. Prestando auxílio espiritual e reforçando a religiosidade dos imigrantes italianos. A atuação dos sacerdotes promovia a expansão do catolicismo, indo ao encontro dos interesses dos colonos que se entrelaçavam com as intenções do clero e da doutrina católica (CRUZ, 2019).

Segundo Bonfada (1991) a posse oficial ocorreu no dia seguinte durante a festa de São Tiago, na oportunidade celebrou-se uma missa solene e se nomeou os dois primeiros palotinos no Brasil. Em 29/07/1886, quatro dias depois da posse, assinou-se um contrato de compromisso entre os padres e a comunidade, onde se estabeleciam os direitos e deveres de ambos. Ainda, nessa mesma reunião, escolheu-se o local para a construção da futura igreja.

Aos poucos a missão dos palotinos começou a expandir-se para além de Vale Vêneto. Nas imediações outros núcleos de colonização italiana foram visitados pelos dois padres recém-chegados. Foram eles: Núcleo Dona Francisca, Núcleo Norte (Ivorá), Geringonça (Novo Treviso) e Soturno (Nova Palma). Por onde passavam ouviam pedidos para que os palotinos prestassem assistência também a eles. Então, em 27 de novembro o bispo Dom Sebastião Dias Laranjeira assinava o termo que concedia autorização. Além destas localidades, foram convidados a atender outras como: Colônia Santo Ângelo (Agudo), Tabuão de Cachoeira (Paraíso do Sul), Rincão dos Vacacaí, Cortado, Formoso, Trombudo, Rincão dos Padilha (Pinhal Grande), Restinga Seca, Arroio do Só, São Miguel, Rincão do Melo, Polêsine, entre outros (BONFADA, 1991).

A partir da instalação definitiva dos padres palotinos na região do Vale, a Missão se estendeu para outros núcleos próximos, edificando igrejas, capelas, capitéis, e levando a fé contagiante que se espalhou entre a população e que permanece entre a comunidade local até hoje (WERLANG, 2008, p. 19).

Desta forma, a dedicação e o trabalho dos missionários palotinos contribuíam para o desenvolvimento de toda a região da Colônia Silveira Martins. Mesmo diante de inúmeras dificuldades, eles não mediam esforços para prestar atendimento espiritual à população. Esses

padres percorriam longas distâncias, em algumas áreas montanhosas que não possuíam estradas, apenas um pique e assim seguiam as exaustivas cavalgadas.

O clero era a verdadeira autoridade que extrapolava a liderança espiritual, estava em lugares, onde muitas vezes o estado não atendia/ não chegava. O descaso do governo brasileiro em relação aos colonos levou a supervalorização do padre, buscando neste a proteção, a coragem e a força para seguir em frente e vencer através do trabalho e da fé (FAGAN, 2014, p. 107 e 108).

A atuação dos palotinos nos núcleos coloniais não se resumia apenas a trabalhos sacerdotais, como batizados, casamentos e funerais. Cuidavam dos doentes, benziavam as igrejas, atuavam na educação escolar e eram líderes comunitários para defender os interesses dos colonos, entre outras, ações incansáveis para satisfazer os anseios e solicitações dos imigrantes italianos.

Assim, além da construção de uma rede de assistência religiosa, do amparo nas relações sociais dos imigrantes, a congregação palotina acreditava ser necessária a atuação na educação como forma de inserção e doutrinação religiosa, tal como, servir para o fortalecimento da moral e dos valores estabelecidos pela igreja católica.

No período imperial brasileiro, a província sulina não tinha uma grande rede de escolas, portanto, o acesso às instituições de ensino público era limitado e em sua maioria eram destinadas aos filhos de famílias mais favorecidas e melhor localizadas. Durante o processo de transição da monarquia para a república as instituições particulares de ensino tornavam-se importantes e ocuparam o espaço na educação escolar que o poder público ignorava (CRUZ, 2019).

Destarte, as congregações religiosas atuavam em benefício do ensino nas colônias no Rio Grande do Sul ao mesmo passo que a igreja executava o projeto de restauração católica no Brasil e que buscava diminuir os danos que a instituição religiosa sofria no contexto social e cultural.

Desta forma, em 1893, o padre João Batista Vogel propõe a abertura de uma casa de formação no espaço da casa paroquial de Vale Vêneto, que inicialmente receberia 15 alunos com o propósito de mais tarde construir um local apropriado para receber mais estudantes. Então, em 1922, os palotinos juntamente com os colonos, iniciam a obra para a construção do primeiro seminário palotino em Vale Vêneto, que receberia o nome de *Collegio Regina Apostolorum* (Rainha dos Apóstolos) conforme Figura 19.

Na ocasião ocorreu o lançamento da pedra fundamental e a cerimônia foi realizada pelo padre Caetano Pagliuca, superior dos palotinos. A obra ficou pronta em 8 meses e aos 11 dias do mês de dezembro do mesmo ano, o reitor do novo colégio, padre Rafael Iop, juntamente com um grupo de 25 alunos, tomou posse do Noviciado dos Palotinos em Vale Vêneto (REVISTA RAINHA DOS APÓSTOLOS, 1929, p. 14).

Figura 19 - Seminário Rainha dos Apóstolos de Vale Vêneto



Fonte: Acervo do MIEM - Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo de Vale Vêneto.

Mais tarde, no ano de 1937, São João do Polêsine iniciaria a obra de construção do Noviciado Vicente Palotti (Figura 20), sendo oficialmente inaugurado em 13 de março de 1938. Neste local, inicialmente, instalou-se o curso de Filosofia. Por volta de 1950, este espaço passou a abrigar também a Faculdade de Teologia que ao longo dos anos formou muitos sacerdotes. Passado o tempo, em 1958 esses dois cursos foram transferidos para o Colégio Máximo em Santa Maria.²¹

Quase dez anos depois, os padres palotinos lideram a construção do Pré-Seminário São José em Faxinal do Soturno, o qual seria destinado para ensino primário dos alunos que desejassem preparar-se para o sacerdócio. Como na época, não havia escolas municipais e nem

²¹Informações prestadas por Gervásio Pivetta (ex-professor do Pré-Seminário São José) durante entrevista concedida à autora, Vanessa Baccin em Santa Maria, dia 04/06/2021 na comunidade Padre Caetano Pagliuca.

estaduais, os padres e a população viam a necessidade de uma escola na região²². Assim, em 1947, deu-se início a obra de construção e no ano de 1949 a inauguração oficial (Figura 21), localizando-se na Rua Sete de Setembro, número 790.

Figura 20 - Noviciado Vicente Palotti em São João do Polêsine/RS



Fonte: Acervo pessoal de Zulmiro Dalmolin, [s/d].²³

Figura 21 - Inauguração do Pré-Seminário São José em Faxinal do Soturno no ano de 1949



Fonte: Arquivo Histórico Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS.

²² Informações prestadas pelo padre Virgílio Costabeber (que trabalhou no Pré-Seminário) durante entrevista concedida a autora Vanessa Baccin, no ano de 2017 em Santa Maria na comunidade Padre Caetano Pagliuca.

²³Zulmiro Dalmolin - Morador de São João do Polêsine que dispõe de um grande acervo de fotografias do município.

Nesta mesma época, em 13 de fevereiro de 1949, a Congregação das Irmãs do Apostolado Católico – Palotinas iniciou sua presença apostólica missionária no Pré-Seminário, onde, também, moravam. Atendendo ao pedido do padre Fioravante Trevisan, a Sociedade do Apostolado Católico (SAC) acolheu a missão da direção de alguns serviços no Pré-Seminário São José de Faxinal do Soturno.

As Irmãs enviadas para esta missão foram: Cruxifixa Marietta, Laurita Pase, Madalena Pegoraro e Adelaide Vestena²⁴. Em 1952, as Irmãs passaram a residir em imóvel próprio, na escola Maria Goretti sita à Rua Sete de Setembro, número 880.

No decorrer dos anos, várias atividades apostólicas foram desenvolvidas, além do trabalho no citado Pré-Seminário. Atuaram na educação infantil e ensino de datilografia na escola Maria Goretti, assim como na educação junto ao colégio estadual Dom Antônio Reis. As Irmãs também se dedicaram ao apostolado na Paróquia São Roque, nas pastorais catequéticas, litúrgicas e da saúde. Foram ministras extraordinárias da eucaristia, realizavam visitas às famílias e aos enfermos no hospital São Roque, bem como trabalhavam na secretaria paroquial.

Figura 22 - Prédio da Escola Maria Goretti em [195-]



Fonte: Museu Fotográfico Irmão Ademar da Rocha - Faxinal do Soturno/RS.

²⁴ Informações prestadas por Eufrazia Zemolin (moradora local), durante entrevista concedida à autora Vanessa Baccin, em Faxinal do Soturno no ano de 2017.

Outra iniciativa da comunidade de Faxinal do Soturno e dos padres palotinos foi a construção do Pensionato Nossa Senhora Conquistadora, destinado a acolher levas de educandos meninos e pré-adolescentes que precisavam ter um local para estudo e moradia.

Na construção do prédio foram aproveitadas as paredes da antiga capela, pois, quando foi construída a atual igreja matriz, ela foi transformada em salão paroquial e em grupo escolar. Mais tarde, quando se tratou de construir o pensionato, os palotinos permutaram a construção de um salão novo junto da atual igreja matriz, pela velha igreja e então aproveitaram suas paredes.

Os representantes da comunidade e os padres palotinos fizeram um documento declarando a intenção da comunidade em construir o Juvenato (Pré-Seminário São José) e posteriormente ajudariam a construir o pensionato. “Depois de construído o Juvenato, o padre que estivesse na direção, atenderia na medida do possível ao serviço religioso, mormente aos domingos e festas” (RUBIN, 1988, p. 50). O pensionato era destinado à instrução de meninos internos e externos.

Consecutivamente, em 1962, nas dependências do pensionato, foi instalado o Ginásio Estadual Dom Antônio Reis. O primeiro diretor a ser nomeado foi o Pe. Pio Ervino Arnutti. Em 1966, com a instalação do segundo grau, o colégio passou a funcionar em edifício próprio.

Figura 23 - Prédio do Pensionato Nossa Senhora Conquistadora em [195-]



Fonte: Museu Fotográfico Irmão Ademar da Rocha - Faxinal do Soturno/RS.

5.2.1 A história do Pré-Seminário São José

A Igreja católica por muito tempo acreditou que a educação seria um instrumento de sua responsabilidade para contribuir no progresso científico, intelectual e cultural da humanidade. Outrossim, baseados na filosofia de Vicente Pallotti, que pregava que todos deveriam agir com fé e caridade na missão de atender as necessidades da população, além de atuar para despertar nos cristãos a consciência de uma vocação apostólica, missionária e evangelizadora a Pia Sociedade das Missões inicia suas atividades no Brasil (SILVA, 2020).

Em 1886, a Congregação Palotina chega a Vale Vêneto com a missão inicial de prestar assistência religiosa aos imigrantes italianos. Ao longo do tempo e devido a necessidades, essas lideranças religiosas foram expandindo suas atividades para os demais núcleos da Quarta Colônia.

Então, unindo os desejos e crenças da comunidade com a atuação dos padres palotinos que acreditavam ser necessário incentivar as vocações sacerdotais, surge o projeto de construção do Juvenato, sendo depois denominado Pré-Seminário São José, o qual seria destinado a receber os meninos seminaristas que iniciavam os estudos pelo curso primário.

De acordo com os registros, o empreendimento seria dirigido e administrado pelos padres da Sociedade do Apostolado Católico (SAC), antiga Pia Sociedade das Missões, com intenção de educar cívica, intelectual e religiosamente meninos de mais de oito anos, pois mantinham um pessoal especializado para os fins que o estabelecimento se propunha²⁵.

A missão das instituições educativas palotinas era preparar todos os alunos para desenvolverem seu potencial através do crescimento espiritual, intelectual, relação social, plenitude emocional, caridade cristã e fraternidade. Assim, o objetivo comum de todas as ações educativas é a humanização das pessoas e a crença de que para além dos muros da escola, nos diferentes ambientes é possível construir uma sociedade cada vez mais humana.

Um dos motivos que levou a comunidade a abraçar a causa foi à intenção de poder contar com padres residentes em seu meio, oportunizando a formação de novos padres (CESCA, 1975).

²⁵ Informações retiradas do Próspeto do Pré-Seminário São José disponível no arquivo da Prefeitura de Faxinal do Soturno

Os registros da época de 1947 revelam que os palotinos foram liderados pelo padre Fioravante Trevisan que juntos mobilizaram-se pedindo apoio a comunidade e as empresas locais para que unissem forças e ajudassem na construção do prédio.

Figura 24 - Padre Fioravante Trevisan



Fonte: Arquivo Histórico Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS [s/d].

Naquela época, no final dos anos 40, Faxinal do Soturno era apenas um pequeno povoado, pois a maior parte da população estava localizada em Geringonça/Novo Treviso, pertencendo, portanto, a Paróquia de São Marcos. Devido às dificuldades já mencionadas, as pessoas foram deslocando-se para as terras onde, atualmente, encontra-se a sede do município.

Logo, nos primórdios o que havia era uma rua central, atual Avenida Vicente Pigatto, e ao longo destas algumas casas e estabelecimentos comerciais. Em seu entorno, existiam algumas pequenas e esparsas casas, cujos moradores eram, na sua maioria, oriundos de localidades próximas. Eram pessoas que atuavam como pedreiros ou carpinteiros. Outros, porém, vieram para o povoado com a pretensão de trabalhar na fábrica de trilhadeiras do Sr. Angelo Bozzetto.

Nesse contexto em que convergiam os interesses da população local e da Pia Sociedade das Missões, surge a iniciativa de construção do prédio do Pré-Seminário São José, uma edificação que se destacou pelo tamanho e imponência.

Em 23 de março de 1947, realizou-se a bênção da pedra fundamental, ocasião esta que marcava o início das atividades de edificação do prédio. A comunidade engajou-se neste

trabalho tão ousado, pois naquela época, não havia construções daquele porte em Faxinal do Soturno. Neste dia, os valores doados pela população foram registrados em um livro²⁶.

Conforme a obra crescia, os moradores do povoado ficavam admirados, entusiasmados olhavam com satisfação e orgulho para essa nova obra da engenharia administrada pelo padre Fioravante Trevisan. Esse orgulho, essa admiração tinham razão de existir. Havia nas pessoas uma forte consciência e necessidade de pertencer a uma comunidade. Com esse espírito, pedreiros, carpinteiros, serventes, trabalhadores em geral, em mutirão, foram colocando tijolo sobre tijolo na construção. As pessoas doavam e se doavam para esse fim, nos sábados, nas horas de folga, nos feriados, algum dia a mais durante a semana, lá se iam os trabalhadores arregaçar as mangas, sempre pensando no bem comum.

O povo trabalhava animado pela fé e pela consciência de que o prédio teria uma finalidade grandiosa: iria acolher meninos seminaristas, futuros religiosos que estariam à disposição da comunidade. Para isso, foram angariados em todo território muitos donativos e de todos os tipos, principalmente materiais de construção, recursos financeiros e mão-de-obra²⁷.

A Figura 25 mostra a página do livro contendo o registro dos padrinhos (assim denominados os bem feitores) que fizeram as doações e os respectivos valores.

Ao longo da obra, muitas outras pessoas e empresas somaram-se para contribuir. As famílias que possuíam mais recursos financeiros ajudavam com materiais de construção, já as demais ajudavam como podiam, ou seja, mão de obra e donativos. Como forma de homenagem, fixou-se na entrada do prédio um quadro contendo os nomes dos benfeitores (Figura 26), isto é, aqueles que contribuíram com ofertas de Cr\$ 10.000,00 em benefício da escola ou tiveram prestado serviço relevante à mesma²⁸.

²⁶Informações retiradas do livro de registro dos contribuintes para construção do Juvenato 1946 – 1950. Arquivo Histórico Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS.

²⁷ Informações prestadas por Terezinha Basso (moradora local), durante entrevista concedida a autora Vanessa Baccin, em Faxinal do Soturno no ano de 2017.

²⁸ Informação retirada do Estatuto da Escola São José de 1951, disponível no Arquivo da Província Nossa Senhora Conquistadora em Santa Maria.

Figura 25 - Página do livro com registros das doações para a construção do prédio

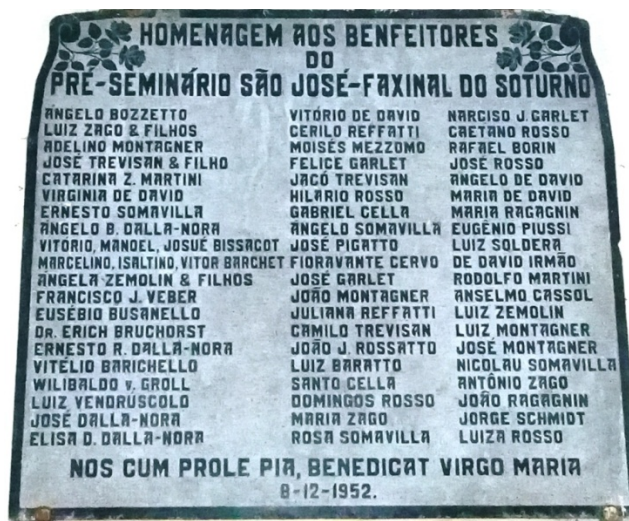
Subscrição feita pelos distintos
"Padrinhos" por ocasião da benção
da primeira pedra do Colégio em
Sachinal do Solano:

Sachinal do Solano, 23 de Março de 1947

Dr. Erich Burchard	13000,00	5.000,00
Dr. Alberto Wenzel	Cr\$	3.750,00
Dr. Carlos	Cr\$	1.500,00
Heinrich de Guadalupe	Cr\$	1.000,00
Angelo Papetta		3.500,00
Eugenio de Nobilini		500,00
Prigelo Nóbis	Cr\$	1.000,00
Agostão Calmon		1.000,00
Augusto F. F. F. F.		500,00
Benjamin Santo Lago		2.000,00
Nota Tomada em 23 de Março de 1947		1.000,00
Guilherme Alberti		1.000,00
Alfredo B. Bartolotto		1.000,00
Luiz Soldado		1.000,00
Dr. João Papetta		1.500,00
Guilherme N. Nóbis		300,00
Valentino J. B. B. B.		500,00
Benjamin Girogn		200,00
João de Nóbis		500,00
Dr. José Rubens de Antonio		1.000,00
Dr. Haroldo Insuaes		3.177,17
Dr. José Perizon		500,00
Conselho Escolar		2.000,00
Jacinto de Alim		200,00
Dr. Camilo Chervari		1.000,00
Vilho Antoniazzi		1.000,00
Alfonso F. F. F.		1.000,00
Francisco de Almeida		1.000,00
Angelo José Sencini		500,00
Dr. João Lero		500,00
Onofre José Sertori		500,00
Francisco José de Mo		1.000,00
Constante de B. B. B.		1.500,00
Dr. Raimundo de B. B. B.		500,00
Giacomo Papato		1.000,00
Luiz de Mo		1.000,00
Luiz de Mo		1.000,00
Pararante Fagotto		1.000,00

Fonte: Livro com registro dos contribuintes para construção do Juvenato 1946 – 1950. Arquivo Histórico
Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS.

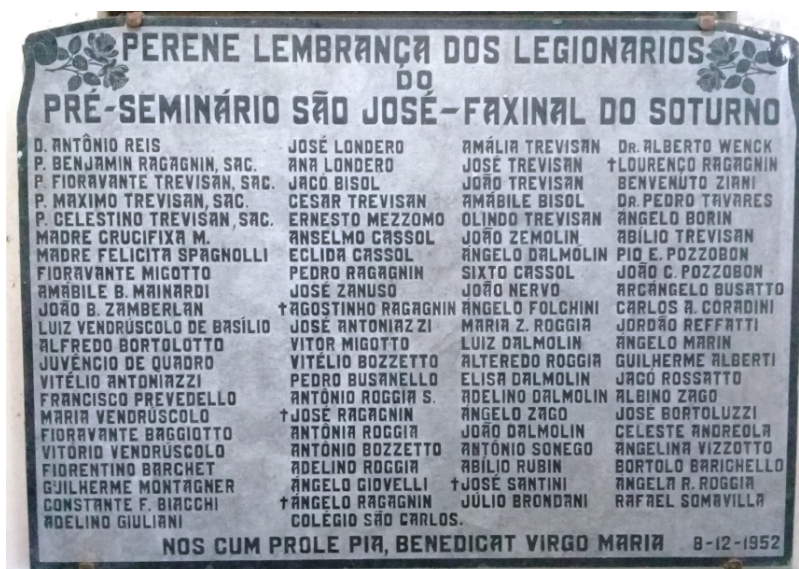
Figura 26 - Quadro existente na entrada do Pré-seminário em homenagem aos benfeitores



Fonte: Fotografia digital do acervo de Vanessa Baccin (2021).

Para homenagear os legionários, ou seja, os responsáveis pela obra que comandavam e designavam tarefas, foi fixado também no prédio um quadro (Figura 27) contendo seus nomes.

Figura 27 - Quadro em homenagem aos legionários do Pré-seminário São José.



Fonte: Fotografia digital do acervo de Vanessa Baccin (2021).

O prédio seria construído no terreno doado pelo Senhor Benjamim Santo Zago²⁹, que na época pagou 44 contos de réis pelo lote de terra, onde, então, ele dividiu esta terra em duas partes e uma delas ele deu para que construíssem o Pré-Seminário.

A extensão de terras pode ser pré-visualizada na Figura 28 e, também, é possível ver que no entorno não havia construções nem lavouras, apenas algumas árvores.

Figura 28 - Local destinado para a construção do Pré-Seminário São José, com demarcação iniciada em 1948



Fonte: Arquivo Histórico Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS.

Como se pode constatar na imagem abaixo (Figura 29), os trabalhadores eram somente homens, sendo que os meninos eram incumbidos de carregarem os tijolos e para isso usavam carretas puxadas a boi. Os tijolos vinham da Olaria do Padre Fioravante e a areia para a construção do prédio foi retirada do Rio Soturno³⁰.

A obra teve a orientação do engenheiro Luiz Soldera e do mestre de obras o Sr. Santo Vizzotto³¹. O telhado e as esquadrias das janelas foram feitos em sua maioria pelo Sr. Carlos

²⁹Informações prestadas por Edi Zago (filho de Benjamim Santo Zago), durante entrevista concedida a autora Vanessa Baccin, em Faxinal do Soturno em 2017.

³⁰Informações prestadas por Carlos Schio (morador local) durante entrevista concedida à autora Vanessa Baccin, em Faxinal do Soturno no ano de 2017. Ele tinha por volta de 25 anos quando ajudou na construção e fez as esquadrias das janelas. Ele conta que trabalhou 60 dias voluntariamente, inclusive doou uma janela, pois tinha fábrica de esquadrias. O lançamento da pedra fundamental foi feito na parte da frente do terreno.

³¹ Informações prestadas por Gema de David (moradora local) durante entrevista à autora Vanessa Baccin, em Faxinal do Soturno no ano de 2017 em reunião no auditório municipal.

Schio. O carpinteiro responsável por fazer o forro e o assoalho foi o Sr. Carlos Baratto e contou com a ajuda de outros carpinteiros da família Belinasso³².

Figura 29 - Comunidade que ajudou na construção do Pré-Seminário São José



Fonte: Arquivo Histórico Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS.

A mão-de-obra foi oriunda dos moradores locais que eram convocados na missa de domingo. Também eram convocadas as comunidades do interior para fazer parte do mutirão de construção (Figura 30). Cada semana era destinada para uma comunidade e os moradores vinham com suas juntas de bois e cavalos que também ajudariam no transporte dos materiais³³.

Depois de intenso trabalho e dedicação, o prédio do Pré-Seminário São José foi concluído e para a inauguração no dia 14 de agosto de 1949 (Figura 31), realizou-se uma solenidade que reuniu autoridades políticas e religiosas, bem como, a comunidade local e regional. Foi um evento histórico, pois marcava o início de uma nova fase na educação e formação dos jovens. O evento de inauguração começou às 8h30 com missa de comunhão geral em intenção aos benfeitores do Pré-Seminário São José, às 9h30 teve início a ordenação

³² Informações prestadas por Carlos Baratto, durante entrevista concedida à autora Vanessa Baccin, em Faxinal do Soturno no ano de 2017 em sua residência.

³³ Informações prestadas por Fábio Carlos Vendruscolo, durante entrevista concedida à autora Vanessa Baccin, em Faxinal do Soturno no ano de 2017 em reunião no auditório municipal.

sacerdotal do diácono Bernardino Trevisan, às 11h30 o ato principal de inauguração do Pré-Seminário São José de Faxinal do Soturno³⁴.

Figura 30 - Construção do Pré-Seminário São José em Faxinal do Soturno em 1948.



Fonte: Arquivo Histórico Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS.

Figura 31 - Pessoas se deslocando da Igreja Matriz para Pré-Seminário São José em 1949.



Fonte: Arquivo Histórico Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS.

³⁴Informações retiradas do Jornal A Razão do dia 14/08/1949, disponível no Arquivo da Prefeitura de Faxinal do Soturno.

Entre as destacadas personalidades que estiveram presentes nos festejos de inauguração (Figura 32), estavam o Bispo Diocesano, Dom Antônio Reis; o Pe. Benjamim Ragagnin provincial dos palotinos; Pe. Agostinho Roratto, vigário da paróquia; Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha, prefeito municipal de Cachoeira do Sul; Sr. Reinoldo Roesck, deputado estadual; Sr. Jorge Mascarenhas, prefeito de Júlio de Castilhos; Sr. Protásio Lima de Moraes, prefeito de Tupanciretã; Dr. José Marques da Rocha, prefeito da localidade e Dr. Antônio Cesar Alves, superior do ensino secundário³⁵.

Figura 32 - Inauguração do Pré-Seminário São José no dia 14 de agosto de 1949.



Fonte: Museu Fotográfico Irmão Ademar da Rocha – Faxinal do Soturno/RS.

Para organizar a inauguração, constituiu-se uma comissão de festeiros formada pelos Srs. Vitélio Bozzetto, Jacob Trevisan, João Montagner, Luiz Vendrúsculo, Ernesto Somavilla, Jordan Refatti, Albino Zago, José Rosso, Camilo Trevisan, Vitélio Barichello, Antonio Roggia e João Leonardi, onde todos trabalharam ativamente para que o evento tivesse repercussão e a notoriedade que merecia.

³⁵Informações retiradas do Jornal A Razão do dia 14/08/1949, disponível no Arquivo da Prefeitura de Faxinal do Soturno.

Outra comissão organizada foi a de recepção, formada pelos Srs. Angelo Bozzetto, Benjamim Zago, Carlos de David e Jorge Schimidt, que coordenaram os trabalhos de recepcionar as diversas caravanas vindas das localidades vizinhas e inclusive de outros municípios. O prédio foi todo ornamentado para a ocasião³⁶.

Figura 33 - Prédio do Pré-Seminário São José finalizado, em [195_].



Fonte: Arquivo Histórico Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS.

Após a inauguração, os alunos foram recebidos para estudar na Instituição, que era chamado de Pré-Seminário ou Colégio São José ou ainda Escola São José (Figura 34), a qual recebia alunos internos e externos³⁷. Os alunos internos eram aqueles que moravam no prédio e não pagavam mensalidade para estudar, pois, a intenção deles era a preparação para o sacerdócio, o que vinha de encontro aos interesses dos palotinos³⁸.

Um ano após a inauguração, para a comemoração do centenário da morte e beatificação de Vicente Pallotti, foi realizado em Faxinal do Soturno o 3º Congresso Palotino Eucarístico Mariano³⁹, de 11 a 15 de agosto de 1950. Na época, foi o maior acontecimento do interior do

³⁶Informações retiradas de fotografia disponível no Museu Fotográfico Irmão Ademar da Rocha de Faxinal do Soturno

³⁷Informações prestadas pelo Padre Gervásio Pivetta (professor no Pré-Seminário) durante entrevista concedida à autora, Vanessa Baccin, em Santa Maria na data de 04/06/2021.

³⁸Informações prestadas por Laudir Barichello (aluno egresso) durante entrevista concedida à autora Vanessa Baccin em Faxinal do Soturno no ano de 2017.

³⁹A primeira edição do evento ocorreu no ano de 1937 em Vale Vêneto e a segunda em 1939 em São João do Polêsine. Informação disponível em fotografia do Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo – Vale Vêneto.

Estado, onde participaram milhares de pessoas de Faxinal do Soturno e localidades vizinhas. Um acontecimento que projetou o nome de Faxinal do Soturno no estado e fora dele⁴⁰.

Figura 34 - Prédio Pré-Seminário São José em Faxinal do Soturno e seu entorno.



Fonte: Acervo do Museu Fotográfico Ir. Ademar da Rocha - Faxinal do Soturno/RS.

Eram retiros abertos que aconteciam durante três dias, sendo realizadas palestras separadamente para cada classe, isto é, para senhoras, homens, moços e moças. O objetivo dos palotinos era consolidar o trabalho do apostolado, então a pastoral especializada passou a planejar a realização de concentrações ou congressos regionais, bem como, a construção da Casa de Retiros.

A comissão organizadora do evento foi constituída pelos seguintes membros: Pe. Benjamim Ragagnin (reitor provincial dos palotinos), Pe. Agostinho Roratto, Pe. Fioravante Trevisan (reitor do Pré-Seminário), Pe. Mateus Cassol, Pe. Francisco Roggia e os membros da comunidade Carlos de David, Benjamin Zago, Vitélio Bozzetto, Euzébio Roque Busanello e Hugo Castro Muller.

Na figura 35 mostra o grande público no dia destinado aos homens, estão na imagem o Pe. Genésio Bonfada, Pe. Sebastião Lovato, Pe. Benjamin Ragagnin, Bispo Dom Antônio Reis, Pe. Agostinho Rorato, o Reitor Fioravante Trevisan, Pe. Celestino Trevisan e Pe. Artur Soldera. Atrás a direita está o Pe. Casemiro Tronco, Ir. Isidoro Dalmolin e Pe. Isidoro Moro.

⁴⁰Informações prestadas por Marino Casali, durante entrevista concedida à autora Vanessa Baccin, em Faxinal do Soturno no ano de 2017 em sua residência.

Figura 35 - Padres e comunidade no dia dos homens durante o 3º Congresso em 1950.



Fonte: Acervo do Museu Fotográfico Ir. Ademar da Rocha - Faxinal do Soturno/RS.

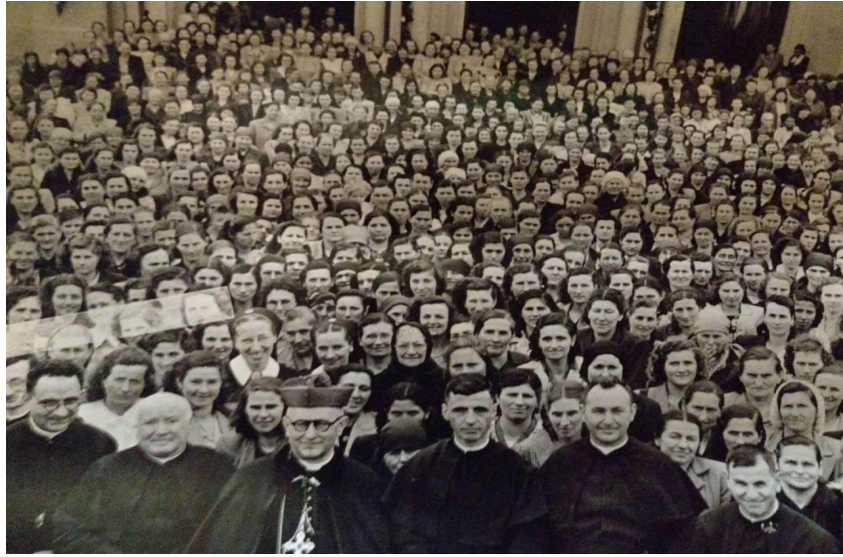
O Congresso iniciou no dia dez de agosto com a recepção ao bispo diocesano Dom Antônio Reis que chegou à Praça com grande cortejo de automóveis e mais de cem cavaleiros. Na ocasião, o mesmo foi saudado pelo Pe. Agostinho Pradella. Após as solenidades de abertura, o bispo seguiu presidindo todas as sessões do 3º Congresso.

O dia 11 de agosto foi dedicado aos homens, o dia 12 às senhoras, o dia 13, aos moços e o dia 14, às moças. Nestes eventos, foram conferencistas o Pe. Celestino Trevisan, o Pe. Sebastião Lovato, o Pe. Alfredo Venturini e o Pe. Dorvalino Rubin que também fazia o serviço de locutor dos alto-falantes⁴¹.

Na figura 36 tem-se da esquerda para direita o Pe. Mateus Cassol, Pe. Fioravante Trevisan, Pe. Celestino Trevisan, Dom Antônio Reis (de óculos), Pe. Agostinho Roratto e Pe. Isidoro Moro durante o evento destinado para as senhoras.

⁴¹ Informações retiradas de fotografia disponível no Museu Fotográfico Irmão Ademar da Rocha.

Figura 36 - Dia das senhoras, durante o 3º Congresso em 1950



Fonte: Acervo do Museu Fotográfico Ir. Ademar da Rocha - Faxinal do Soturno/RS.

Figura 37 - Comunidade feminina no dia das moças durante o 3º Congresso em 1950



Fonte: Acervo do Museu Fotográfico Ir. Ademar da Rocha - Faxinal do Soturno/RS.

Também estiveram presentes os três bispos: Dom Antônio Reis, de Santa Maria, Dom Cláudio Colling, de Passo Fundo e Dom Daniel Hostin, de Lages (Santa Catarina) na missa de encerramento. A solenidade contou com a presença das mais altas autoridades do estado e da região, uma estimativa de mais de dez mil pessoas.

A figura 38 mostra a grande concentração do povo, com cerca de quinze mil pessoas, na procissão eucarística da tarde durante o encerramento do Congresso em 15 de agosto de 1950. Observa-se que na esquerda a maioria são homens e à direita estão as mulheres.

Figura 38 - Momento de maior público no encerramento do Congresso em 1950



Fonte: Acervo do Museu Fotográfico Ir. Ademar da Rocha - Faxinal do Soturno/RS.

O Pré-Seminário São José teve como primeiro reitor o padre Fioravante Trevisan e sucederam-se na reitoria os padres Virgílio Costabeber, Genésio Trevisan, Danilo Rossatto, Osvaldo Cremonese e Albino Puntel. Os primeiros professores a atuarem no local foram os irmãos Ademar Gonçalves da Rocha, Isidoro Moro, José Assunção, Valmor Cirolini e o Irmão Reiqui. Além deles, também ministravam aulas os padres Remígio Milanesi, Gervásio Pivetta, entre outros. O padre Virgílio Costabeber também era o ecônomo da Instituição, sendo o responsável pelo recebimento e controle dos valores⁴². O trabalho de guardar e organizar os arquivos era feito pelo padre Claudino Magro, que ao final de cada ano celebrava uma missa e fazia uma enquete com os seminaristas para saberem se estavam gostando de estudar ali. Cabe salientar que Claudino também lecionava na instituição algumas disciplinas.⁴³

⁴² Informações prestadas por Eugênio Pozzobon (ex-professor no Pré-Seminário), durante entrevista concedida à autora Vanessa Baccin, em Santa Maria na Comunidade Padre Caetano Pagliuca no ano de 2017.

⁴³ Informações prestadas pelo padre Claudino Magro (ex-professor e arquivista no Pré-Seminário), durante entrevista concedida à autora Vanessa Baccin, em Santa Maria na Comunidade Padre Caetano Pagliuca no ano de 2017.

A figura 39 mostra alguns dos responsáveis mencionados acima, juntamente com alguns alunos que na ocasião da fotografia usavam uniforme caqui. Da direita para esquerda está posicionado o Pe. José Pivetta, o Pe. NN Fougel (argentino), Pe. Benjamin Ragagnin, Reitor. Fioravante Trevisan, Pe. Isidoro Moro e o Ir. Ademar Rocha.

Figura 39 - Seminaristas de Faxinal do Soturno em 1952



Fonte: Acervo do Museu Fotográfico Ir. Ademar da Rocha - Faxinal do Soturno/RS.

Os alunos acordavam às 6h da manhã, e o dia já iniciava com a missa as 06h30 na capela do prédio, sendo solicitado que os alunos estivessem de batina. Em seguida, tomavam o café da manhã as 07h30. As aulas do turno da manhã e da tarde não tinham intervalo de recreio, apenas para o almoço que ocorria das 12h às 14h. Após o término da aula do turno da tarde, por volta das 16h30, os alunos executavam os serviços de sua responsabilidade até as 17h, como horário de trabalho na horta e de limpeza como varrer a escada e as salas. Para esses afazeres era feita uma escala de organização, sendo que cada equipe fazia um tipo de serviço. As 18h havia outro horário para fazer as tarefas e estudar. As 19h era servido o jantar. Antes

de subirem para os dormitórios, se dirigiam para rezar o terço por volta das 20h. Depois de um dia de rotina cheio de atribuições, era chegada a hora de ir dormir⁴⁴.

A instituição recebia alunos a partir de sete anos, como mostra a figura 40, os alunos menores estão posicionados na primeira fila de baixo para cima. Juntamente com eles estão alunos de outras turmas, o Reitor Pe. Fioravante Trevisan ao centro e a sua direita Pe. Genésio Trevisan e Ir. Ademar Rocha (de óculos). À sua esquerda Pe. Remígio Milanesi e Pe. Gervásio Pivetta.

Figura 40 - Professores e alguns alunos enfileirados de acordo com a turma em 1953



Fonte: Acervo do Museu Fotográfico Ir. Ademar da Rocha - Faxinal do Soturno/RS.

Enfileirados e com postura séria, os alunos pousavam para as fotografias junto com seus professores, que ao desempenharem sua missão evangelizadora, foram criando laços com a comunidade e aproveitando as oportunidades para educar os fiéis dentro da doutrina católica. Desta maneira, enquanto desempenhavam seu trabalho, agiam estimulando a criação de espaços educacionais, como colégios e seminários, resultando em diversas vocações sacerdotais. Mesmo que a maior parte dos jovens não seguissem a vida religiosa, levariam para

⁴⁴Informações prestadas por Almeri Zanuzo Montagner (ex-professor no Pré-Seminário), durante entrevista concedida a autora Vanessa Baccin, em Faxinal do Soturno no ano de 2017 em sua residência.

suas vidas a educação e a experiência que vivenciaram dentro dessas instituições religiosas de ensino.

Figura 41 - Alunos durante aula no Pré-Seminário São José em Faxinal do Soturno em [195_]



Fonte: Museu Fotográfico Irmão Ademar da Rocha – Faxinal do Soturno/RS.

Em 1958, o prédio do Pré-Seminário foi ampliado, criando, então, mais espaço para melhor atender a grande demanda de alunos que vinham até de outros estados. Essas ampliações foram concretizadas a partir do trabalho do Ir. Ademar quando fazia as sessões de cinema e trabalhava como fotógrafo. Com o valor arrecadado eram comprados os materiais e paga a mão de obra. A comunidade e os pais dos alunos também ajudaram financeiramente para a realização de mais esta obra. Os serventes de pedreiros eram os próprios alunos que prestavam seus serviços durante o horário de trabalho e de lazer.

Na figura 42 é possível perceber alguns alunos na parte de baixo alcançando os tijolos para os trabalhadores que ficavam em cima dos andaimes. Neste aumento, na parte térrea funcionava a lavanderia da instituição, o segundo andar era moradia dos professores e no terceiro ficou como extensão do dormitório dos alunos. Nos dias de hoje, o espaço térreo é ocupado pela pastoral da saúde, no segundo andar funciona o setor responsável pela alimentação escolar do município e o terceiro é usado para guardar os instrumentos da antiga banda municipal.

Com o aumento expressivo de alunos, o prédio também ficou pequeno para abrigar os diversos serviços que a instituição oferecia, além disso, se evidenciava a necessidade de ter um espaço maior para realização de missas e orações, devido a isso, mais um aumento no prédio foi realizado. A figura 42 mostra o aumento realizado, ocasião onde foi construída a capela da instituição com o tamanho necessário para acomodar grande número de alunos.

Figura 42 - Ampliação do Pré-Seminário São José em 1958



Fonte: Arquivo Histórico Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS.

Figura 43 – Outra parte da ampliação do Pré-Seminário São José em 1958



Fonte: Arquivo Histórico Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS.

Nesta ampliação a capela ficou na parte térrea, no segundo andar foram feitas mais salas de aula e uma varanda. No terceiro foi feito mais um espaço para dormitório dos alunos internos (Figura 43).

Figura 44 - Pré-Seminário São José depois da ampliação em 1959



Fonte: Arquivo Histórico Província Nossa Senhora Conquistadora – Santa Maria/RS.

Para as famílias era motivo de honra ter seus filhos estudando para se tornar sacerdote, e por isso, pagavam valores em dinheiro, mas, também, ajudavam com o que produziam na colônia. Assim, arroz, feijão, galinhas, ovos, mandioca, farinha de milho, de trigo entre outros mantimentos que pudessem ser usados na alimentação dos alunos eram enviados⁴⁵ (Figura 45). Os produtores rurais depositavam parte da produção para o Pré-Seminário na cooperativa local, pois, era a maneira de estocar grande quantidade de alimento para os professores e alunos da instituição⁴⁶.

A educação repassada pelos padres palotinos prezava pela disciplina, responsabilidade e respeito e no Pré-Seminário São José os alunos tinham uma rotina muito rígida a cumprir. O dia a dia deles era dividido em horários de reza, de estudo, de trabalho e de lazer, tarefas essas que preenchiam a maior parte do tempo. Diante disso, os educandos seguiam a mesma rotina

⁴⁵Informações prestadas por Oscar Mazir Vendruscolo (morador local) durante entrevista concedida à autora Vanessa Baccin, em Faxinal do Soturno no ano de 2017 em reunião no auditório municipal.

⁴⁶Informações prestadas por Esedino Montagner (morador local), durante entrevista concedida a autora Vanessa Baccin, em Faxinal do Soturno no ano de 2017 em reunião no auditório municipal.

durante toda da semana⁴⁷, evidenciando, assim, a essência disciplinadora que os religiosos mantinham. Com esta conduta que os sacerdotes limitavam, de certa maneira, a liberdade individual, fazendo com que os alunos tivessem sempre que obedecer às regras impostas pela instituição religiosa, a qual era detentora do poder.

Figura 45 - Alunos do Pré-Seminário São José durante lanche em 1960.



Fonte: Arquivo pessoal de Getúlio Darci Rocha Paim (aluno egresso).

A figura 46 mostra os alunos ajoelhados durante oração na capela do Pré-Seminário, esse gesto demonstrava a submissão a Deus com humildade e mostrava obediência à vontade divina. Como alunos e futuros padres precisavam desenvolver sua fé e seguir todos os ensinamentos que os padres palotinos lhe repassavam. Neste local atualmente funciona a Câmara de Vereadores de Faxinal do Soturno.

A rotina de orações e estudos era uma maneira de conduzir o aluno à vida sacerdotal e, assim, desligar da realidade externa. Se estes alunos estivessem ocupados na maioria do tempo, seria uma forma de evitar a proximidade com outras religiões e ideologias que pudessem desviar a atenção dos estudantes e consequentemente interferir na tendência em seguir a vida religiosa.

⁴⁷ Informações prestadas pelo padre Osvaldo Cremonese (professor no Pré-Seminário São José), durante entrevista concedida a autora Vanessa Baccin, em Santa Maria no ano de 2017 na comunidade Padre Caetano Pagliuca.

De acordo com relato de um ex-aluno, durante as refeições (Figura 47), eles tinham que ficar em silêncio para ouvir a leitura do capítulo de um livro que era lido na sequência, até ser finalizado⁴⁸.

As práticas educativas desenvolvidas pelas instituições religiosas de ensino eram marcadas pelo caráter missionário e estima pela educação, sendo a presença religiosa como amparo para o que fosse necessário. Assim, a igreja estaria contribuindo para o desenvolvimento do educando e orientando-o a seguir pelo melhor caminho. Nos momentos de lazer, esses valores também eram praticados, principalmente, às quartas-feiras e aos domingos quando os meninos jogavam futebol no campo que havia próximo ao prédio⁴⁹ (Figura 48).

Figura 46 - Alunos durante a missa no Pré-Seminário São José em 1962.



Fonte: Arquivo pessoal de Getúlio Darci Rocha Paim (aluno egresso).

⁴⁸ Informações prestadas por Dilmar Marin (aluno egresso), durante entrevista concedida à autora Vanessa Baccin, em Faxinal do Soturno no ano de 2017 na sala de reunião da Secretaria de Educação, Cultura e Desporto.

⁴⁹ Informações prestadas por Getúlio Darci Rocha Paim (aluno egresso), durante entrevista concedida à autora Vanessa Baccin, em Faxinal do Soturno no ano de 2017 na sala de reunião da Secretaria de Educação, Cultura e Desporto.

Figura 47 - Alunos do Pré-Seminário São José durante a refeição em 1960



Fonte: Arquivo pessoal de Getúlio da Rocha Paim (aluno egresso).

Figura 48 - Alunos jogando futebol no campo do Pré-Seminário São José em 1962



Fonte: Arquivo pessoal de Celso Ibanez Cardoso da Silva (aluno egresso).

Para execução das tarefas rotineiras era feito um cronograma⁵⁰ com os horários das atividades a fim de manter a escala de organização e ao mesmo tempo demonstrar o rigor com que os alunos eram tratados enquanto estudavam no Pré-Seminário São José.

O horário de trabalho era cumprido por equipes que se dividiam nas tarefas de limpeza da casa, outros cuidavam da criação de galinhas, coelhos, porcos, gado leiteiro e do cultivo das lavouras de milho e mandioca que eram usados no preparo das refeições. O pomar era grande, ocupava uma extensa área ao redor do prédio. O cuidado com o pomar também ficava a cargo dos alunos, era necessário capinar, fazer podas, plantar e fazer mudas⁵¹ (Figura 49).

Uma vez por mês os padres contemplavam os alunos com um passeio pelos arredores do Pré-Seminário, o qual era chamado de “Passeio Grande” e era muito aguardado por todos (Figura 50). Neste dia, os alunos saíam de manhã, dispostos em fileiras enquanto percorriam a distância até chegarem aos campos em que os proprietários permitiam o acesso e ainda ofereciam frutas para fazerem piqueniques. Eles levavam na carroça mantimentos para o almoço que era feito no local.

Neste dia, eles podiam brincar nos riachos, de pega-pega⁵², de esconde-esconde, entre tantas outras brincadeiras. À tardinha todos retornavam para o Pré-Seminário.

⁵⁰ Informações prestadas por Celso Ibanez Cardoso da Silva (aluno egresso), durante entrevista concedida à autora Vanessa Baccin, em Faxinal do Soturno no ano de 2017 na sala de reunião da Secretaria de Educação, Cultura e Desporto.

⁵¹ Informações prestadas por Antônio Selito Forgiarini (aluno egresso), durante entrevista concedida à autora Vanessa Baccin, em Faxinal do Soturno no ano de 2017 na sala de reunião da Secretaria de Educação, Cultura e Desporto.

⁵² Brincadeira infantil da época que consistia em escolher entre os participantes um para ser o pegador e os demais precisam fugir para não serem pegos. Informações prestadas por Luiz Carlos Baggiotto (aluno egresso), durante entrevista concedida à autora Vanessa Baccin, através de e-mail no ano de 2017.

Figura 49 - Aluno durante horário de trabalho no Pré-seminário São José em 1964



Fonte: Arquivo pessoal de Getúlio Darci Rocha Paim (aluno egresso).

Figura 50 - Alunos do Pré-Seminário São José durante passeio em 1960



Fonte: Arquivo pessoal de Getúlio Darci Rocha Paim (aluno egresso).

Os registros fotográficos do dia a dia dos alunos no Pré-Seminário eram feitos pelo Irmão Ademar da Rocha, pois tinha seu estúdio no sub-solo do prédio. Os alunos que possuíam interesse em aprender a trabalhar com fotografias, ajudavam no processo de revelação. Inclusive, o aluno e sobrinho do Irmão Ademar, Getúlio Darci da Rocha Paim seguiu atuando como fotógrafo, pois aprendeu com o tio o ofício.

A figura 51, trata-se de uma fotografia tirada por Getúlio, pois como se pode perceber o Ir. Ademar está presente na mesma, juntamente com o Reitor da Instituição o Pe. Virgílio Costabeber posicionado de óculos ao centro, a sua direita Pe. Cassol, Ir. Valmor Cirolini, Ir. Reik Burin, à sua esquerda Ir. Ademar Rocha, Ir. Odoni Milanesi e Reinaldo Spardellotto que era seminarista.

Figura 51 - Responsáveis pelo Pré-Seminário São José e alguns alunos, em 1958



Fonte: Museu Fotográfico Irmão Ademar da Rocha – Faxinal do Soturno/RS.

Cabe salientar que dentre os meninos que passaram pelo Pré-Seminário, uma quantidade expressiva de jovens não seguiu a carreira religiosa, no entanto, levaram para suas vidas a educação cristã recebida dos padres palotinos. Sendo assim, o Pré-Seminário São José foi um espaço educativo que contribuiu com a formação de padres, irmãos e leigos que passaram pela Instituição em algum momento de sua formação.

Na figura 52, os alunos seminaristas em dia de missa na igreja com seus professores, posicionados da direita para esquerda na primeira fila o Ir. Valmor Cirolini, Ir. Odone Milanesi, Pe. Eugênio Pozzobon, Virgílio Costabeber, Bofiglio Manfio, Ir. Ademar Rocha e Ir. Reik Burin.

Figura 52 - Seminaristas e seus professores, em 1959



Fonte: Museu Fotográfico Irmão Ademar da Rocha – Faxinal do Soturno/RS.

A batina preta usada pelos seminaristas, irmãos e sacerdotes era um símbolo religioso notável e de diferencial no meio da comunidade, era uma forma de mostrar para as pessoas que faziam parte da Igreja Católica. Simultaneamente, a igreja via por meio da educação uma maneira para propagar o catolicismo, e o ensino público competia com as escolas confessionais. Enquanto a educação brasileira não tinha se organizado a ponto de alcançar todas as regiões, algumas famílias começaram a matricular seus filhos nas instituições regidas por congregações religiosas.

O trabalho educacional desenvolvido pelos padres da Pia Sociedade das Missões primeiramente esteve pautado nos ensinamentos e doutrinas religiosas da Cúria Romana, depois embasado nos atos de carisma de Vicente Pallotti, que via na prática do bem uma forma de educar conforme os ensinamentos de Cristo. Além disso, o papel desta congregação ultrapassou as paredes de suas instituições de ensino, entrando na vida cotidiana dos imigrantes de várias formas: com visitas dos sacerdotes às famílias, retiros espirituais, distribuição da Revista Rainha, bênçãos e principalmente diálogo do sacerdote com seus seguidores.

Além disso, os alunos eram estimulados a ter organização e disciplina com seus pertences, ao acordarem arrumavam suas camas e já vestiam seus uniformes (Figura 53). Em seguida faziam sua higiene pessoal em conjunto com os colegas (Figura 54) para então se prepararem para mais um dia longo de atividades.

Figura 53 - Alunos do Pré-Seminário São José organizando seus pertences em 1960



Fonte: Arquivo pessoal de Getúlio da Rocha Paim (aluno egresso).

Figura 54 - Alunos do Pré-Seminário São José durante a higiene pessoal em 1961



Fonte: Arquivo pessoal de Getúlio da Rocha Paim (aluno egresso).

As disciplinas ministradas no ano de 1961 eram: catecismo, português, aritmética, história natural, história do Brasil, geografia, desenho, caligrafia, música e canto, trabalhos manuais, ginástica e civilidade, como pode ser conferido na figura 55, inserida abaixo:

Figura 55 - Boletim Semestral de um dos alunos do Pré-Seminário São José

Presseminario São José
BOLETIM MENSAL
 Semestral
 de _____ de 1961
 Aluno *Dilmar Marin*
 _____ ano primário

APROVEITAMENTO

Catecismo	90	Desenho	70
Português	70	Caligrafia	60
Aritmética	70	Música e Canto	90
História Natural		Trabalhos Manuais	
História do Brasil	70	Ginástica	70
Geografia	80	Civilidade	100

PROCEDIMENTO

Comportamento	100	Aplicação	100
---------------------	-----	-----------------	-----

Entre 87 outubro 0-192 livro 1390-1300
 Faxinal do Soturno, 30, de *Genério* de 1961
 Reitor *Sr. Genério Trevizan*

Sr. Paladini - S. M.

Fonte: Arquivo pessoal de Dilmar Marin (aluno egresso).

Abaixo a Figura 56 com a tabela de preços, onde informavam os valores da pensão, da matrícula e da joia⁵³, entre outras informações pertinentes caso o aluno fosse externo.

Figura 56 - Tabela de pagamentos do ano de 1962, no Pré-Seminário São José

Preseminário São José
 Faxinal do Soturno - R. G. S.

Tabela de Pagamentos

Comunicamos que para o ano de 1962
 serão assim os preços:

PENSÃO	Cr\$ 16.000,00
MATRÍCULA	Cr\$ 1.500,00
JÓIA	Cr\$ 1.500,00

Além disso deverão ter um depósito para os livros e gastos extraordinários.
 A entrada será de Cr\$ 10.000,00 e o restante será pago em Junho.

Sr. Genério Trevizan
 Diretor

Fonte: Arquivo pessoal de Dilmar Marin (aluno egresso).

O ex-aluno Dilmar Marin ainda guarda o documento do ano de 1960, onde constam os valores cobrados e os serviços ofertados aos alunos, como por exemplo, lavagem das roupas, corte de cabelos, dentistas, calçados, batina, livros, entre outros.

⁵³Jóia – um tipo de cobrança que permitia desfrutar das instalações da instituição e era paga no momento da matrícula.

Figura 57 - Valores para as matrículas no ano de 1962, no Pré-Seminário São José

Pré-Seminário São José

Faxinal do Soturno, 26 de Junho de 1962

O Aluno *Dilmar Marin*

84

83. Palotti-S.M. 973

	DEVE	HAVER
Saldo da conta precedente a favor		
Jóia 250,00 Matrícula 750,00	400,00	
Pensão	1.000,00	
Aula Mesada		
Lavagem de roupa	600,00	
Livros e objetos escolares	355,00	
Correspondência		
Batina 330,00 costura	330,00	
Calçados Consertos		
Dentista	1.800,00	
Remédios	20	
Médico		
Corte de cabelos	50,00	
Viagem		
Miudezas		
SOMA TOTAL DAS DESPESAS	10.555,00	
Pagamento	5.000,00	5.000,00
SALDO a favor	5.555,00	

P. Virgílio Godalberto, S.C.
Economo

Fonte: Arquivo pessoal de Dilmar Marin (aluno egresso).

Em 1963 ou 1964 os padres cederam algumas salas de aula aos alunos do Ginásio Estadual Dom Antonio Reis, em troca, os professores do Estado passariam a atender os seminaristas. Formaram, então, turmas masculinas com alunos da cidade e essa parceria⁵⁴ durou até aproximadamente 1970. Com isso, os seminaristas iam para Vale Vêneto já com o ginásio concluído.

Por volta de 1968, aconteceram algumas mudanças nos pré-requisitos para ingresso no seminário, passaram a exigir que o aluno tivesse o segundo grau completo, tendo em vista que os padres não queriam mais alunos de anos iniciais porque muitos desistiam. Essa decisão fez

⁵⁴ Informações prestadas por Almeri Zanuzo Montagner (aluno egresso), durante entrevista concedida à autora Vanessa Baccin, em Faxinal do Soturno no ano de 2017 em sua residência.

com que os padres decidissem encerrar suas atividades no Pré-Seminário São José de Faxinal do Soturno⁵⁵.

Por algum tempo o prédio permaneceu vazio até a Mitra Diocesana entregar à paróquia do município, pois, os palotinos entendiam que aquele espaço teria sido construído pelo povo faxinalense, portanto, deveria ser utilizado por ele juntamente com a paróquia⁵⁶.

Assim, a paróquia passou a administrar o espaço, disponibilizando uma parte para um empreendedor local instalar cursos preparatórios para vestibulares e concursos, o qual denominou como Centro de Estudos Padre Casimiro Tronco⁵⁷. Também foram cedidos espaços para aulas de língua inglesa, língua italiana e informática. Outra parte foi concedida à cozinha da escola, onde eram ministradas aulas de culinária, pintura em tecidos, costuras, artesanatos e outros trabalhos manuais. A implantação destes serviços levou a mudança no nome do prédio, que passou a ser chamado de Centro de Formação Vicente Pallotti.

A condição para os padres palotinos entregarem este prédio à paróquia, seria que esse espaço fosse utilizado em favor da cultura e que tivesse lugar garantido para o acervo fotográfico do Irmão Ademar. Este pedido foi atendido por volta do ano de 1995 com a concretização do Museu Fotográfico que leva o nome do Irmão Ademar da Rocha. O museu foi montado na parte anexa ao prédio, localizada em frente ao Santuário do bosque municipal. Na época este espaço estava vazio, mas teria sido utilizado como Centro Cultural (Figura 58) onde foram ofertados cursos de artes, música, língua Italiana, entre outras coisas.

Nesse mesmo tempo, algumas partes do prédio foram cedidas para a instalação da Câmara de Vereadores, da Emater, da inspetoria veterinária, da biblioteca pública e da pastoral da saúde. As salas que serviram como alojamentos dos padres da instituição, foram alugadas para famílias a um preço abaixo dos demais imóveis, pois a intenção da paróquia era que as famílias cuidassem do prédio e fizessem a manutenção necessária⁵⁸. Durante anos foi usado

⁵⁵ Informações prestadas por Carmelinda Vizzotto (moradora local), durante entrevista concedida à autora Vanessa Baccin, em Faxinal do Soturno no ano de 2017 em sua residência.

⁵⁶ Não foram encontrados registros de quando a Mitra Diocesana entregou a paróquia de Faxinal do Soturno o prédio do Pré-Seminário São José.

⁵⁷ Informações prestadas pelo padre Roque José Groth (pároco municipal), durante entrevista concedida à autora Vanessa Baccin, em Faxinal do Soturno no ano de 2021 na Casa Paroquial.

⁵⁸ Informações prestadas por Marluze Basso (ex-locatária de uma parte do prédio), durante entrevista concedida a autora Vanessa Baccin, em Faxinal do Soturno no ano de 2021 na sala de reunião da Secretaria de Educação, Cultura e Desporto

para este fim, até ser adquirido pela Prefeitura de Faxinal do Soturno em 2009, juntamente com as outras partes que compunham o complexo do Centro de Formação Vicente Pallotti.

Figura 58 - Parte do prédio onde funcionava o Centro Cultural, 1993



Fonte: Museu Fotográfico Irmão Ademar da Rocha – Faxinal do Soturno/RS.

A partir da aquisição pelo poder público, as famílias saíram do prédio e então algumas secretarias municipais ali foram instaladas, pois o espaço da Prefeitura estava ficando pequeno para abrigar as diversas secretarias municipais e serviços públicos. Na Figura 59, observa-se a parte frontal do Pré-Seminário.

Quando se trata da história de Faxinal do Soturno e do Pré-Seminário, é preciso registrar a contribuição do Ademar Gonçalves da Rocha conhecido como Irmão Ademar, um pioneiro do cinema e da fotografia em toda a região da Quarta Colônia.

Nascido em 20 de agosto de 1904 em São Geraldo (atual Pains) no 5º Distrito de Santa Maria. Na infância, ganhou de seu pai um projetor fixo o que despertou um grande interesse pelo cinema, a partir deste fato Ademar tornou-se um estudioso nessa área. Nos fundos da casa, Ademar mantinha uma oficina onde trabalhava com máquinas fotográficas.

Figura 59 - Parte frontal do Pré-seminário em 2021



Fonte: Fotografia digital do acervo de Vanessa Baccin (2021).

Em 1934, Ademar recebeu o título de profissão de Irmão Palotino, após, mudou-se para o Patronato em Santa Maria, onde lecionou até 1948, pois nesse período seria aberto o Pré-Seminário em Faxinal do Soturno, para onde o Irmão Ademar foi transferido (QUEVEDO, 2000).

Assim, o Irmão Ademar iniciava sua trajetória em Faxinal do Soturno, onde permaneceu durante 15 anos no Pré-Seminário São José de Faxinal do Soturno, atuando como professor nas 25 turmas de meninos que passaram pela instituição. Quando o local foi fechado, o Irmão Ademar começou a atuar na periferia do município, na Vila Medianeira, onde instalou a primeira comunidade educativa para meninos. Ajudou na construção do Centro Comunitário e atuou também na ação social e pastoral da vila, visando atender as necessidades dos mais carentes. O centro construído recebeu seu nome e neste espaço Ademar ministrava cursos, dava aulas para o Mobral⁵⁹, sendo o primeiro catequista na vila. Além disso, tinha um programa de saúde comunitária e incentivava a união e a participação de todos na evangelização. Inclusive, “ele tinha um programa de rádio chamado Caminhamos Juntos na Rádio São Roque, com o

⁵⁹Mobral - significa Movimento Brasileiro de Alfabetização, era um programa criado pelo governo federal em 1967 com o objetivo de alfabetizar a população. Tratava-se de um projeto era condizente com a proposta ideológica do regime militar.

objetivo de levar informações para a Quarta Colônia, aos agricultores da região, além de ser um programa com conteúdo religioso e social” (QUEVEDO, 2000, p. 8).

O Irmão Ademar também se dedicou a fotografia e ao cinema, sendo o primeiro fotógrafo da região e, também, foi quem introduziu o cinema educativo e itinerante, o qual era chamado de CINEPAL (Cinema Palotino). As exposições começavam em Pinhal Grande e acabavam em Santa Maria, sendo realizadas nos salões paroquiais. Os filmes eram alugados nas organizações católicas da Capital, necessitando ser adequados conforme os princípios morais⁶⁰.

Figura 60 – Ir. Ademar da Rocha no estúdio do Pré-seminário São José, em 1960



Fonte: Museu Fotográfico Irmão Ademar da Rocha – Faxinal do Soturno/RS.

No subsolo do prédio do Pré-seminário, o Irmão Ademar construiu um estúdio fotográfico, onde as pessoas tiravam fotografias para documentos e, também, solicitavam seu trabalho para casamentos, batizados, festas religiosas, missas e ocasiões em geral. Assim, inúmeros momentos importantes da comunidade de Faxinal do Soturno e região foram

⁶⁰Informações prestadas por Getúlio Darci da Rocha Paim (aluno egresso do Pré-Seminário e sobrinho do Irmão Ademar), durante entrevista concedida a autora Vanessa Baccin, em Faxinal do Soturno no ano de 2017 na sala de reunião da Secretaria de Educação, Cultura e Desporto.

registrados pela câmera fotográfica dele, restando muitos negativos e fotos que foram doados a fotógrafa Carmem Marzari⁶¹ e ao fotógrafo Amir Trevisan⁶².

A partir da doação do acervo fotográfico do Irmão Ademar da Rocha, o município de Faxinal do Soturno tomou a iniciativa de criar e organizar o Museu Fotográfico Irmão Ademar da Rocha. Para isso, escolheu-se um sobrado de dois andares que fazia parte do complexo do Pré-Seminário São José, no local onde funcionou por algum tempo a cozinha da instituição⁶³.

Para dar início ao museu, em 1998 foi organizado um projeto sob a iniciativa do Vereador Ubirajá Falcão da Rocha, do prefeito na época, Admir Ruviaro, da professora do Curso de História da Faculdade Franciscana (FAFRA), Maria Medianeira Padoin. Participaram também do projeto o pároco Pe. Valdir Bisognin, as alunas do curso de História, Rosângela Trevisan e Elisete Felin. O design Giuliano Cogo e a estudante de Arquitetura Verena Silveira foram solicitados para organizar o projeto do museu, sendo os responsáveis pela infraestrutura e design.

A prefeitura Municipal de Faxinal do Soturno firmou um convênio com a FAFRA para poder contar com o trabalho da referida professora e das alunas para a fase de organização, catalogação, distribuição/identificação do acervo fotográfico e funcionamento do museu.

No espaço cedido para a instalação do museu foram realizadas reformas e adequações, bem como foi organizada pelo grupo de alunos do curso de História a seleção das fotografias que iriam para exposição. Este trabalho incluiu a limpeza e o uso dos negativos possíveis de utilização. Ainda, foram feitas reproduções das fotografias, classificação por décadas e aproximações temáticas, catalogação das fotografias com auxílio da comunidade e dos sacerdotes que trabalharam na região, entrevistas com o próprio Irmão Ademar da Rocha, entre outros.

Como visto, este complexo tem muita história a ser conhecida e mostrada, pois foram vinte anos de funcionamento sob a coordenação dos padres palotinos, que transmitiram educação e valores morais a dezenas de alunos que passaram pela instituição e escreveram parte da história de sua vida neste local. Atualmente, parte deste complexo é destinada a

⁶¹ Carmem Marzari é proprietária do estúdio fotográfico denominado Foto Carmem em Faxinal do Soturno.

⁶² Amir Trevisan era proprietário do estúdio fotográfico denominado Foto Cacique em Faxinal do Soturno.

⁶³ Informações prestadas por Ubirajá Falcão da Rocha (vereador), durante entrevista concedida à autora Vanessa Baccin, em Faxinal do Soturno no ano de 2021 em sua residência.

cultura, porém é preciso a manutenção e criação dos espaços de memória, garantindo que a mesma não seja apagada e que possa estar disponível para rememoração dos que por ali passaram e inclusive preservada para as gerações futuras.

6. ESPAÇO DE MEMÓRIA DO PRÉ-SEMINÁRIO – O PRODUTO

O produto resultante desta pesquisa constituiu-se na criação de um espaço de memória, que evidencia a religiosidade e a educação como uma identidade cultural e patrimonial do município de Faxinal do Soturno através do prédio do Pré-Seminário São José. O objetivo principal é registrar, valorizar e divulgar a história do Pré-Seminário São José, como um bem patrimonial de Faxinal do Soturno e da Quarta Colônia, tendo em vista sua relevância na formação histórica do município e intelectual das pessoas que ali estudaram. Tem, ainda, o intuito de servir como um atrativo cultural turístico para recepção dos visitantes/turistas, da comunidade e alunos das escolas em geral, onde encontrarão um lugar que contará um pouco da sua história. Além disso, servirá como espaço para ações de educação patrimonial, despertando o sentimento de pertencimento em relação ao prédio, buscando, com isso o registro e a divulgação da memória local/regional através da valorização deste patrimônio localizado no município.

Assim, o produto é materializado em forma de uma “Sala de Memórias do Pré-Seminário São José” que abriga documentos da época, registros, fotografias, objetos que foram utilizados, relatos de ex-alunos, dos padres palotinos e equipamentos para reprodução de vídeos.

Neste local, poderão ser realizadas ações com caráter educacional para conscientização e preservação do patrimônio e ao mesmo tempo turísticas, sendo portanto um local de memória e valorização da cultura. Inclusive este espaço de memória se associa ao Museu Fotográfico dando uma contextualização e valorização também para o mesmo, pois o Pré-Seminário também foi um obra da comunidade local e regional. Na Figura 61, vislumbra-se a visão periférica da parte externa da sala.

O local escolhido para abrigar esse espaço de memória é uma das salas do prédio do Pré-Seminário que é utilizado como auditório municipal, necessitando ser readequado a fim de tornar o espaço multi funcional. Este ambiente, assim como o restante do complexo, encontra-se em posse da Prefeitura Municipal, localizado na Rua 7 de Setembro, 790, Centro - Faxinal do Soturno. A sala a ser utilizada possui 67 m² de área construída onde serão realizadas modificações no interior e no exterior para concretização do objetivo. Essas adequações serão custeadas pela Prefeitura Municipal de Faxinal do Soturno, proprietária do

prédio.

Figura 61 - Proposta externa da Sala de Memórias Pré-Seminário São José



Fonte: Projeto arquitetônico elaborado por Letícia Ruviano, a partir de definições de Vanessa Baccin, 2021.

Para a elaboração do projeto arquitetônico foram realizadas reuniões com a arquiteta Letícia Ruviano. Na primeira fase tratamos sobre a proposta da sala de memórias, em seguida marcamos uma visita ao local para medição do espaço. Na sequência houve uma descrição dos objetos e materiais que já havíamos coletado e também se tratou sobre o objetivo desta sala.

Figura 62 - Proposta interna da Sala de Memórias Pré-Seminário São José



Fonte: Projeto arquitetônico elaborado por Letícia Ruviaro, a partir de definições de Vanessa Baccin, 2021.

Figura 63 - Visão do painel esquerdo da Sala de Memórias Pré-Seminário São José



Fonte: Projeto arquitetônico elaborado por Letícia Ruviaro, a partir de definições de Vanessa Baccin, 2021.

No interior da sala há uma maquete do prédio e duas classes e assentos que foram usadas pelos alunos do Pré-Seminário (Figura 64) e que passaram por um processo de restauração. O espaço tem dois painéis verticais em cor marron onde é exposta de forma resumida a história do prédio, usando fotos e textos.

O projeto arquitetônico da “Sala de Memórias” constitui-se num espaço bastante simples e objetivo. Dispõe de poltronas para comodidade do público que desejar assistir aos vídeos sobre o Pré-Seminário São José (Figura 65), ou até mesmo sobre o município. Além de servir como um espaço para recepcionar visitantes e turistas que visitam o Museu Fotográfico Irmão Ademar da Rocha e ou o Santuário Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt no Bosque Municipal.

Figura 64 - Vista parcial com maquete na Sala de Memórias Pré-Seminário São José



Fonte: Projeto arquitetônico elaborado por Letícia Ruviaro, a partir de definições de Vanessa Baccin, 2021.

Figura 65 - Vista do painel direito da Sala de Memórias Pré-Seminário São José



Fonte: Projeto arquitetônico elaborado por Letícia Ruviaro, a partir de definições de Vanessa Baccin, 2021.

Figura 66 - Visão superior da Sala de Memórias Pré-Seminário São José



Fonte: Projeto arquitetônico elaborado por Letícia Ruviaro, a partir de definições de Vanessa Baccin, 2021.

Nas paredes laterais há dois grandes painéis, o da direita tem uma imagem da parte frontal do imóvel, mostrando o jardim e o pátio. Além disso, há quadros com fotografias menores contendo o referido ano, uma maneira de representar a linha

temporal. Na lateral esquerda há fotografia da parte traseira do prédio, demonstrando como o mesmo está atualmente e também dando sequencia a linha temporal.

Figura 67 - Simulação de público na Sala de Memórias Pré-Seminário São José



Fonte: Projeto arquitetônico elaborado por Letícia Ruviaro, a partir de definições de Vanessa Baccin, 2021.

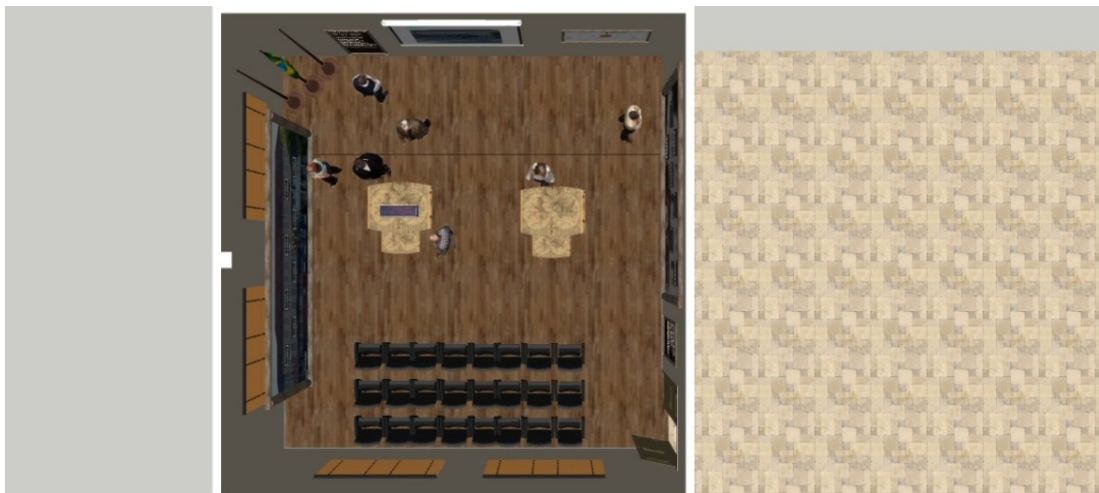
Figura 68 - Vista diagonal da Sala de Memórias Pré-Seminário São José



Fonte: Projeto arquitetônico elaborado por Letícia Ruviaro, a partir de definições de Vanessa Baccin, 2021.

Ao centro da parede principal há uma tela de projeção em tamanho grande onde poderão ser reproduzidos vídeos a cerca da história do prédio, tal como, referentes ao município. Além disso, há um mapa com a localização da edificação.

Figura 69 - Vista superior completa da Sala de Memórias Pré-Seminário São José



Fonte: Projeto arquitetônico elaborado por Leticia Ruviano, a partir de definições de Vanessa Baccin, 2021.

A partir da Figura 69 é possível ter uma visão ampliada do espaço e dos objetos disposto no mesmo. Além disso, ambiente esta projetado para abrigar um público de vinte e quatro pessoas sentadas, todavia devido as suas dimensões, há possibilidade de ser reorganizado a fim de acomodar um número maior de indivíduos.

Figura 70 - Representação do público na Sala de Memórias Pré-Seminário São José



Fonte: Projeto arquitetônico elaborado por Leticia Ruviaro, a partir de definições de Vanessa Baccin, 2021.

Figura 71 - Vista de outro ângulo da Sala de Memórias Pré-Seminário São José



Fonte: Projeto arquitetônico elaborado por Leticia Ruviaro, a partir de definições de Vanessa Baccin, 2021.

Os custos de readequação do espaço, equipamentos e mobiliário serão subsidiados através da Prefeitura Municipal de Faxinal do Soturno e com possibilidade de parceria com a iniciativa privada. Isso ocorrerá a partir de verbas destinadas à

Secretaria de Educação, Cultura e Desporto e à Secretaria de Turismo juntamente com doações, tanto em materiais quanto em dinheiro, por parte da população faxinalense e ex-alunos.

Desta forma, esse espaço é a representação de um ambiente pensado especialmente para que as pessoas possam ter oportunidade de ver e vivenciar a história e a memória do Pré-Seminário São José, bem como, do município de Faxinal do Soturno. Além disso, o espaço proporciona a valorização de uma edificação considerada patrimônio faxinalense, contribuindo também para o fortalecimento da identidade cultural do Geoparque Quarta Colônia.

7. CONCLUSÃO

Partindo dos pressupostos estudados, considera-se que a memória é instrumento chave para compreender a formação da sociedade e, portanto, de determinados grupos sociais. Com isso, entende-se que, de acordo com Rodrigues e Machado (2010) as memórias são evidências de identificação da humanidade, representação de sua cultura e de sua trajetória até os dias atuais. Afinal, a identidade cultural é o que define cada comunidade em suas particularidades.

Pensando nisso, problematiza-se a partir de Gagnebin (2006, p. 44) que se deve buscar equilíbrio entre o novo e o passado, já que “a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente”. Admite-se que é de suma importância resgatarmos e salvuardarmos a memória de um povo.

Para entender o surgimento, a formação e os processos que originaram Faxinal do Soturno e a Quarta Colônia, assim como também a atuação dos padres palotinos, foi necessário realizar pesquisas bibliográficas e documentais nas fontes que guardam esses registros. Também foram realizadas entrevistas com algumas pessoas para esclarecer alguns pontos. No que tange ao referencial teórico, buscou-se autores que conceituam o patrimônio cultural e como ele pode ser dividido. Em seguida fez-se uma explanação sobre local de memória e sua importância enquanto espaços de sociabilidade e de demonstração do sentimento de pertencimento a uma cultura local. Após fez-se a contextualização entre o turismo, a educação e a preservação do patrimônio a fim de fundamentar as razões para a criação da Sala de Memórias, produto final deste estudo.

Conforme mencionado ao longo desta dissertação, a formação da sociedade de Faxinal do Soturno se deu com várias etnias, porém o núcleo populacional que levou a criação do município é decorrência do grande contingente de imigrantes italianos que chegaram à região no século XIX e início do XX. Foi por intervenção e pedido dos imigrantes que os palotinos se instalaram em Vale Vêneto e expandiram sua atuação por toda a colônia Silveira Martins.

No final do Império brasileiro e com a implantação da República as terras que pertenciam a esta colônia foram divididas entre os municípios de Cachoeira do Sul, Júlio de Castilhos e Santa Maria da Boca do Monte. Faxinal do Soturno ficou pertencendo ao território de Cachoeira e emancipou-se desta em 1959. Nesta época São João do Polêsine e Vale Vêneto

pertenciam a Faxinal do Soturno, e emanciparam-se anos mais tarde. Os palotinos concentraram suas atividades educacionais nestas três localidades, pois os estudantes iniciavam os estudos em Faxinal do Soturno no Pré-Seminário São José, depois seguiam para Vale Vêneto fazer o ginásio no Seminário Rainha dos Apóstolos e posteriormente para São João do Polêsine no Noviciado Vicente Palotti. Portanto são localidades que tiveram sua cultura e formação influenciadas pela atuação da igreja católica através dos palotinos que pertenciam a Pia Sociedade das Missões.

Hoje em dia, no município de Faxinal do Soturno é possível constatar que tanto a imigração italiana e a religiosidade são marcas da identidade do território e motivo de orgulho para os habitantes, favorecendo assim que o turismo religioso e cultural se destaque e proporcione a vinda de mais visitantes ao município e, também, a região que detêm outros importantes atrativos.

Há de se destacar a grande importância política e cultural no sentido da preservação de valores e culturas que foi a formação do bloco de municípios denominado Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul. A formação deste bloco contribuiu para o desenvolvimento de políticas públicas entre os municípios e em nível de governos estadual e federal.

Atualmente este bloco é denominado apenas de Quarta Colônia e estão unidos pelo CONDESUS com o intuito de valorizar os patrimônios e desenvolver o crescimento equilibrado com o meio ambiente e com a cultura. Este território está em busca de uma certificação internacional chancelada pela UNESCO para o reconhecimento da região como o Geoparque Quarta Colônia, que se concedido, favorecerá o desenvolvimento do turismo, de pesquisas, mas principalmente recuperar a estagnação econômica e o crescimento populacional dos municípios.

O presente estudo possibilitou aprofundar a reflexão sobre a valorização do Pré-Seminário São José como um patrimônio cultural. Assim, aliado aos demais atrativos turísticos que estão no entorno, a criação da Sala de Memórias vem agregar demanda e reforçar a importância da preservação destes bens como um patrimônio para uso turístico, bem como, para desenvolvimento da cultura local.

Contudo, o turismo se insere como forma de transformar esse patrimônio cultural como um marco de reconhecimento da história de Faxinal do Soturno e da Quarta Colônia,

valorizando e protegendo a memória que este prédio representa para a cidade e para a comunidade.

Deste modo, ensinar sobre a importância da preservação e valorização do patrimônio deve ser um compromisso de todas as gerações, trata-se de uma proposta que começa na escola e estende-se até o ambiente familiar. Tais iniciativas necessitam do apoio do poder público, que por meio da criação e implementação de políticas públicas pode garantir a proteção de seus patrimônios. Além disso, é preciso que a população e a comunidade estejam inseridas neste processo de apropriação, buscando conhecer sua identidade e entender a importância da preservação, proteção e valorização desses bens patrimoniais.

Ao considerar que o prédio do Pré-Seminário São José juntamente com o Museu Fotográfico Irmão Ademar da Rocha e com o Santuário Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt possuem uma ampla importância cultural e uma consolidada demanda turística faz-se necessário a criação deste espaço de memória, juntamente com uma política de preservação e gestão destes patrimônios culturais para que os mesmos sejam valorizados de acordo com a sua relevância.

Na visão de Hugues de Varine ([s/a]), assim como nos museus, esses espaços possuem quatro diferentes funções: ser um banco de dados sobre objetos; atuar como observatório de mudanças; tornar-se um laboratório, um local de encontro; oferecer uma vitrine do presente estado da comunidade, sem perder seu antigo papel.

O que vai ao encontro do pensamento de Eduardo Louzado (2017, p. 68 e 69) que entende:

A perpetuação destes registros históricos culturais torna-se indispensável não somente como lembranças ou cicatrizes do passado, como registros únicos de tensões e relações sociais de um pontuado espaço histórico, mas como elementos constitutivos da produção cultural humana.

Além disso, esse mesmo autor acrescenta que a relação dialógica com os objetos/bens é de fundamental importância para a compreensão e juízo das implicações no presente e do passado, contribuindo para o entendimento de nosso papel no mundo contemporâneo, ou seja, são espaços que servem para ensinar e educar sobre o patrimônio (LOUZADO, 2017).

Portanto, interpretar a história de um local é valorizar e compreender as origens de uma determinada localidade, determinando um significado para as pessoas que preservam as

tradições e formas de expressão da comunidade local. Através da interpretação, o visitante identifica os saberes e fazeres do local e valoriza pequenos hábitos que não são do seu cotidiano, pois a atividade turística tem a essência de informar e permitir que o visitante desfrute do atrativo.

Além disso, a atividade turística pode conformar uma maneira de enfatizar e disseminar a importância de uma região, um local e seus respectivos registros, enquanto fontes de conhecimento. Essas formas passam a ter valor porque ocupam uma posição na ordenação histórica e no enquadrando do patrimônio local.

Cabe salientar que a atividade turística a ser desenvolvida num local precisa ser pensada para o fortalecimento da cultura já existente, onde o uso turístico possa ser visto como uma estratégia de preservação do patrimônio. Desta forma, ao ser entendido como atrativo turístico, o patrimônio passa a ser valorizado e pode ser explorado em benefício da população local, surgindo então a necessidade de trabalhar a educação patrimonial.

Sendo assim, os autores abaixo corroboram:

As iniciativas de educação patrimonial têm um caráter mais abrangente do que a obra em si. Só é possível valorizar o que se conhece e se admira, por isso o trabalho de educação patrimonial busca levar a comunidade um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização da herança cultural, capacitando-a para melhor usufruto dos bens patrimoniais. Torna-se também uma oportunidade de conhecimento das técnicas de construção utilizadas em cada época, os materiais, os artistas e a própria história do lugar ao qual pertence (CARDOSO; GOLDENSTEIN; MENDES; GORGULHO, 2011, p. 380).

Com isso, a atividade turística se insere como forma de transformar este patrimônio cultural em alternativa de desenvolvimento econômico para o município. Sendo também amplamente importante como um marco de reconhecimento na história de Faxinal do Soturno, valorizando e protegendo a memória que este prédio representa. Ao final deste estudo observa-se a necessidade de uma lei do tombamento do prédio do Pré-Seminário São José de Faxinal do Soturno, pois desta forma viabilizaria a participação em editais estaduais e federais onde verbas são destinadas para ações de restauração e preservação destes patrimônios.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. **A emergência do patrimônio genético e a nova configuração no campo do patrimônio**. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Orgs.) Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos, RJ: Ed. Lamparina, 2008.p. 34-48.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALMEIDA, Leandro de. **Nas trilhas da História: uma interpretação do patrimônio cultural das transformações da Avenida Sete de Setembro na cidade de Cáceres - MT**. Curitiba, PR: Bagai, 2020.

BARICHELLO, Cesar Augusto. **Patrimônio Cultural Religioso e Negociação da Identidade do Imigrante Italiano da Quarta Colônia Imperial de Silveira Martins e Região Central do Rio Grande do Sul**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

BARQUERO, Antonio Vásquez. Desarrollo endógeno. **Teorías y políticas de desarrollo territorial**. Investigaciones regionales, Madrid, n.11, p. 138-210,2007. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/289/28901109.pdf>>. Acesso em: 5 de ago. 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Brasília: Supremo Tribunal Federal, 2019.

BELLINASSO, Severino T. **Os heróis de Val de Buia: a história dos imigrantes italianos que construíram a Quarta Colônia de Imigração Italiana de Silveira Martins**. Santa Maria: Pallotti, 2000.

BIASOLI, Vitor Otávio. **O catolicismo Ultramontano e a Conquista de Santa Maria da Boca do Monte (Rio Grande do Sul -1870/1920)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

BOLZAN, Moacir. **Quarta Colônia: da fragmentação à integração**. Santa Maria: Pallotti, 2015.

BONFADA, Genésio. **Os Palotinos no Rio Grande do Sul**. Santa Maria: Pallotti, 1991.

CARDOSO, Viviane; GOLDENSTEIN, Marcelo; MENDES, Eduardo; GORGULHO, Luciane. **A preservação do patrimônio cultural como âncora do desenvolvimento econômico**. BNDES setorial, n. 34, p. 351-388, set. 2011.

CESCA, Olívio. **Faxinal do Soturno: sua história e sua gente**. Santa Maria: Gráfica e Editora Rainha, 1975.

CÉSAR, Pedro Alcântara Bittencourt; DHEIN, Cíntia Elisa; UEZ, Pablo Cesar. Paisagem: **A dimensão espacial na educação patrimonial**. Book of Proceedings, Vol. I, International Conference on Tourism & Management Studies, Algarve, 2011, p. 467-474. Anais

eletrônicos. Disponível em <<http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5018496.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2021

COSTA, Flavia. Roberta. **Turismo e patrimônio cultural: interpretação e qualificação**. São Paulo, SP: Senac, 2009.

CHAUÍ, Marilena. A memória. In: _____. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2006. cap. 3, p. 138-142.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade/UNESP, 2001, p. 189-269.

CRUZ, Jorge Alberto Soares. **A identidade e a memória como fatores de integração: A Quarta Colônia de Imigração Italiana do RS/Brasil e o desenvolvimento regional (1955-2020)**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós Graduação em História, RS, 2020.

CRUZ, Jorge Vinicius Quevedo da. **Congregações religiosas, religiosidade e educação em Vale Vêneto – RS (1886 – 1945)**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Santa Maria, 2019.

CRUZ, Jorge Alberto Soares; PADOIN, Maria Medianeira; BOLZAN, Moacir. **Restinga Seca**. In: BACCA, Ademir Antonio; ROCHA, Luis Henrique (Orgs) 150 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul: v. 3. Bento Gonçalves, RS, 2020

CRUZ, Jorge Alberto Soares; PADOIN, Maria Medianeira; BOLZAN, Moacir. **Agudo**. In: BACCA, Ademir Antonio; ROCHA, Luis Henrique (Orgs) 150 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul: v. 3. Bento Gonçalves, RS, 2020

CRUZ, Jorge Alberto Soares; PADOIN, Maria Medianeira; BOLZAN, Moacir. **A Quarta Colônia de imigração italiana no Rio Grande do Sul**. In: BACCA, Ademir Antonio; ROCHA, Luis Henrique (Orgs) 150 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul: v. 1. Bento Gonçalves, RS, 2020

DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades**. São Paulo, SP: Saraiva, 2006.

FAGAN, Elaine Binotto. **Quarta Colônia: Terra, Gente e História**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Mestrado profissional, Universidade Federal de Santa Maria, 2014.

FENALTI, Naiane Machado da Silva. **Gaspar Silveira Martins e o município de Silveira Martins: memória, identidade e patrimônio**. Dissertação (Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2011.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2006.

GASTAL, Susana; MOESCH, Marutschka Martini. **Turismo, políticas públicas e cidadania**. São Paulo, SP: Aleph, 2007.

GIMENO, Alejandro Jesus Fenker. **Apropriações e Comércio de Terras na Cidade da Cachoeira no Contexto da Imigração Européia (1850 – 1889)**. Dissertação do Mestrado em História, UFSM/PPGH, 2014

GIRON, Loraine Slomp; HERÉDIA, Vania. **História da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Est, 2007.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico de 2018**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/faxinal-do-soturno.html>. Acesso em: 06 abr. 2021.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **Cartas Patrimoniais**. 3ª Ed. Ver. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

KEMMERICH, Ricardo. **Trajetória e memória de um imigrante italiano: Antônio Ceretta (1877-1943)**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Maria, 2018.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. (3a ed.). São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão.[et al.]. –5ª ed. Campinas, SP: Unicamp, 2003.

LOUZADO, Eduardo Alexandre. **Patrimônio cultural de Rio Pardo/RS: a educação patrimonial como mediadora dos conflitos entre o tombamento e a salvaguarda patrimonial**. 2017. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2017.

MAESTRI, Mário. **Os senhores da serra: a colonização italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914)**. Passo Fundo: UPF, 2000.

MELLO, Carolina Iuva de. **Território feito à mão: artesanato e identidade territorial no Rio Grande do Sul**. 2016. Tese (Doutorado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2016.

MELLO, Cláudio Renato de Camargo; SAAD, Denise. **Levantamento e identificação da arquitetura urbana de Ijuí construída entre os anos de 1890 e 1960: inventário para a sustentabilidade da cidade**. In: I CONINTER - Congresso Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanidades, 2012, Niterói. Anais do I CONINTER. Niterói - RJ, 2012. v. I.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos.** São Paulo, SP: Atlas, 2008.

MIRANDA, M. P. de S. **Tutela do patrimônio cultural brasileiro: doutrina, jurisprudência, legislação.** Belo Horizonte: Del Rey, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo, Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO, 1995.

MOTA, Dayane Paula Ferreira; CAVALCANTE, Lídia Eugênia; FEITOSA, Luiz Tadeu. **Informação, Memória e Patrimônio Cultural.** Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 20. n. 2. p. 299, 2015.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Trad. Yara Khoury. Projeto História, São Paulo: PUC-SP, n. 10, p. 7-28, dez. 1993

PADOIN, Maria Medianeira. **O empresário comercial em Santa Maria/RS (uma análise histórica sobre a CACISM).** 1992. 85 f. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1992.

PADOIN, Maria Medianeira; FIGUEIRÓ, Adriano; CRUZ, J. A. Soares (org.). **Educação patrimonial em territórios geoparques: uma visão interdisciplinar na Quarta Colônia.** Santa Maria/RS: FACOS-UFSM, 2021. 180 p.

PADOIN, Maria Medianeira et al (org.) **Patrimônio histórico-cultural Geoparque Quarta Colônia [recurso eletrônico]: memória, educação e preservação.** Santa Maria, RS: UFSM, Pró-Reitoria de Extensão, 2021. Disponível em: <https://www.ufsm.br/pro-reitorias/pre/geoparque-quarta-colonia/materiais-didaticos-mapas-e-cartilhas-apoio-ao-geoparque-quarta-colonia/>. Acesso em: 09 jan. 2022

PEGORARO, Aline. 2013. 78f. **Estudos dos Nomes das Cidades da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul.** Dissertação (Mestrado em Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2013.

PESAVENTO, Sandra. J. **História do Rio Grande do Sul.** 9. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2014.

PUJOL, Júlio. ACIS. **Trinta e Cinco anos de história.** Santa Maria, RS: Pallotti, 2004.

QUEVEDO, Francisca Trindade. **Irmão Ademar G. Rocha e o cinema na Quarta Colônia.** Trabalho Final do Curso de Especialização em História da América Latina. Centro Universitário Franciscano, Santa Maria/RS, 2000.

RIGHI, José Vicente; BISOGNIN, Edir Lúcia; TORRI, Valmor. **Povoadores da Quarta Colônia.** Porto Alegre: Edições EST, 2001.

RODRIGUES, GiseliGiovannella; MACHADO, Neli Teresinha Galarce. **A importância da memória para uma cidade.** Revista destaques acadêmicos, ano 2, n. 2, p. 23-26, 2010.

RUBIN, Dorvalino. **Faxinal do Soturno e os 50 anos de sua igreja.** Santa Maria: Pallotti, 1988.

SANTANA, Gisane Souza; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Identidade, memória e patrimônio:** a festa de Sant'Ana do Rio do Engenho, Ilhéus (BA). Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p. 87-102, mai. 2015.

SANTIN, Silvino. **Sonhos diferenciados ou desfeitos:** Silveira Martins, a Quarta Colônia, no cenário da imigração italiana no RS. In: MARIN, Jérri Roberto (Org.). Quarta Colônia: novos olhares. Porto Alegre: EST, 1999. p. 11-24.

SILVA, Adriana Pisoni da. **Turismo e desenvolvimento territorial na Quarta Colônia-RS/Brasil:** uma abordagem na perspectiva do capital social. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2014.

SPONCHIADO, Breno. **A Imigração 4ª Colônia: Nova Palma e Pe Luizinho.** Santa Maria: UFSM, 1996.

SPONCHIADO, Breno. **A Imigração 4ª Colônia: Nova Palma e Pe Luizinho.** PADOIN, Maria Medianeira; CRUZ, Jorge Alberto Soares (Orgs.). 2º Ed. Ampliada. Santa Maria: UFSM, 2019.

STEFANELLO, Liriana Zanon. **Memórias familiares:** um estudo da imigração italiana na quarta colônia imperial (Rio Grande do Sul, Brasil). Tese (Doutorado em História), São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, São Leopoldo, 2015.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Convenção sobre a salvaguarda do patrimônio mundial e cultural.** Paris, novembro de 1972. Disponível em: <http://www.labpac.faed.udesc.br/labpac_cartaspreserv1.htm>. Acesso em: 05 abr. 2020.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial.** Paris, outubro de 2003. Brasília 2006. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540_por>. Acesso em: 10 jan. 2022.

VARINE, Hugues de. **Repensando o conceito de museu.** In: GJESTRUM, John Aage; MAURE, Mare. Okos museum boka. Noruega: s/e. 1988. p 31-35.

VENDRAME, Maíra Inês. **Lá éramos servos, aqui somos senhores:** a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins (1877-1914). Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2007.

VENDRUSCOLO, Rafaela. **Somos da Quarta Colônia**: os sentidos de uma identidade territorial em construção. Programa de Pós Graduação em Extensão Rural. UFSM, 2009.

VÉSCIO, Luiz Eugênio. **O Crime do Padre Sório**: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul 1893 – 1928. Santa Maria: Editora UFSM; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. 328p.

VIZZOTTO, Jacinta Maria Pivetta. **História de fé e trabalho**: bens culturais de Vale Vêneto. 2014. 261f. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural, área de concentração em História e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS. 2014.

WERLANG, Edilse Antônia Piccolo. **A fé como alicerce**: levantamento dos templos religiosos da quarta colônia de imigração italiana. Monografia de Especialização – Departamento de História, Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

FONTES DOCUMENTAIS

ARQUIVO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FAXINAL DO SOTURNO, Estatuto da Escola São José de 1951- 8p.

ARQUIVO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FAXINAL DO SOTURNO, Impresso Distribuído pela Comissão de Emancipação aos conterrâneos, 1958.

ARQUIVO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FAXINAL DO SOTURNO, Jornal A Razão, de 30/11/1999.

ARQUIVO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FAXINAL DO SOTURNO, Jornal O Radar, de novembro de 1975.

ARQUIVO HISTÓRICO PROVÍNCIA NOSSA SENHORA CONQUISTADORA, Livro com registro dos contribuintes para construção do Juvenato 1946 – 1950, 50 p.

ARQUIVO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FAXINAL DO SOTURNO, Of. ADM N° 113/2009 – Ofício enviado pela Prefeitura Municipal de Faxinal do Soturno para aquisição do prédio do Pré-Seminário São José.

ARQUIVO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FAXINAL DO SOTURNO, Próspeto do Pensionato São José s/a, s.p.

ARQUIVO HISTÓRICO PROVÍNCIA NOSSA SENHORA CONQUISTADORA, Relatório para a Santa Sé – 1972, s.p.

ARQUIVO HISTÓRICO PROVÍNCIA NOSSA SENHORA CONQUISTADORA, Relatório das atividades da Escola São José no ano de 1958, s.p.

ARQUIVO HISTÓRICO PROVÍNCIA NOSSA SENHORA CONQUISTADORA, Relatório das atividades da Escola São José no ano de 1959, s.p.

ARQUIVO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FAXINAL DO SOTURNO, Revista Rainha dos Apóstolos, ano XXVIII, nº 11 e 12, novembro e dezembro de 1950, 380 p.

FONTES ORAIS

BAGGIOTTO, Luiz Carlos. (Agosto/2017). Entrevistadora: Vanessa Baccin, 2017, arquivo mp3 (49 min.).

BARATTO, Carlos. (Outubro/2017). Entrevistadora: Vanessa Baccin, 2017, arquivo mp3 (59 min.).

BARRICHELLO, Laudir. (Agosto/2017). Entrevistadora: Vanessa Baccin, 2017, arquivo mp3 (65 min.).

BASSO, Terezinha. (Dezembro/2017). Entrevistadora: Vanessa Baccin, 2017, arquivo mp3 (58 min.).

BASSO, Marluze. (Fevereiro/2021). Entrevistadora: Vanessa Baccin, 2021, arquivo mp3 (67 min.).

BOZZETTO, Enelci. (Setembro/2017). Entrevistadora: Vanessa Bacin, 2017, arquivo mp3 (70 min.).

CASALI, Marino. (Agosto/2017). Entrevistadora: Vanessa Baccin, 2017, arquivo mp3 (64 min.).

CREMONESE, Osvaldo. (Agosto/2017). Entrevistadora: Vanessa Baccin, 2017, arquivo mp3 (55 min.).

COSTABEBER, Virgílio. (Novembro/2017). Entrevistadora: Vanessa Baccin, 2017, arquivo mp3 (68 min.).

DE DAVID, Gema. (Outubro/2017). Entrevistadora: Vanessa Baccin, 2017, arquivo mp3 (48 min.).

FORGIARINI, Antão Selito. (Setembro/2017). Entrevistadora: Vanessa Baccin, 2017, arquivo mp3 (65 min.).

GROTH, Roque. (Abril/2021). Entrevistadora: Vanessa Baccin, 2021, arquivo mp3 (72 min.).

MARIN, José Dilmar. (Dezembro/2017). Entrevistadora: Vanessa Bacin, 2017, arquivo mp3 (66 min.).

MAGRO, Claudino. (Novembro/2017). Entrevistadora: Vanessa Baccin, 2017, arquivo mp3 (60 min.).

MONTAGNER, Almeri Zanuzo. (Novembro/2017). Entrevistadora: Vanessa Baccin, 2017, arquivo mp3 (68 min.).

MONTAGNER, Esedino. (Novembro/2017). Entrevistadora: Vanessa Baccin, 2017, arquivo mp3 (59 min.).

PAIM, Getúlio Darci Rocha Paim. (Setembro/2017). Entrevistadora: Vanessa Baccin, 2017, arquivo mp3 (61 min.).

PIVETTA, Gervásio. (Maio/2021). Entrevistadora: Vanessa Baccin, 2021, arquivo mp3 (67 min.).

ROCHA, Ubirajá Falcão da Rocha. (Agosto/2021). Entrevistadora: Vanessa Baccin, 2021, arquivo mp3 (67 min.).

SCHIO, Carlos. (Outubro/2017). Entrevistadora: Vanessa Baccin, 2017, arquivo mp3 (49 min.).

SILVA, Ceslo Ibanez Cardoso da. (Novembro/2017). Entrevistadora: Vanessa Baccin, 2017, arquivo mp3 (65 min.).

POZZOBON, Eugênio. (Novembro/2017). Entrevistadora: Vanessa Baccin, 2017, arquivo mp3 (60 min.).

VENDRÚSCOLO, Oscar Mazir. (Novembro/2017). Entrevistadora: Vanessa Baccin, 2017, arquivo mp3 (69 min.).

VENDRÚSCOLO, Fabio Carlos. (Novembro/2017). Entrevistadora: Vanessa Baccin, 2017, arquivo mp3 (59 min.).

VIZZOTTO, Carmelinda Dallasta. (Agosto/2017). Entrevistadora: Vanessa Baccin, 2017, arquivo mp3 (68 min.).

ZAGO, Edi. (Setembro/2017). Entrevistadora: Vanessa Baccin, 2017, arquivo mp3 (58 min.).

ZEMOLIN, Edi, (Dezembro/2017). Entrevistadora: Vanessa Baccin, 2017, arquivo mp3 (59 min.).

ZEMOLIN, Eufrásia Trevisan. (Dezembro/2017). Entrevistadora: Vanessa Baccin, 2017, arquivo mp3 (59 min.).